

MARIA ANGÉLICA AUGUSTO DE MELLO PISETTA

**TRANSFERÊNCIA E REPETIÇÃO  
OS LIMITES DO SIMBÓLICO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr.<sup>a</sup> Vera L. Lopes da S. Besset.

Rio de Janeiro  
2006

**FICHA CATALOGRÁFICA.**

S237 Pisetta, Maria Angélica Augusto de Mello.

Transferência e Repetição: os limites do simbólico na clínica psicanalítica / Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta. Rio de Janeiro, 2006.

xi, 217 f.

Tese (Doutorado em Psicologia) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia da UFRJ, 2006.

Orientador: Prof. Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia L. da S. Besset.

1. Repetição. 2. Transferência. 3. Clínica Psicanalítica – Teses.  
I. Besset, Vera L. da S. (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD: 658.4

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

MARIA ANGÉLICA AUGUSTO DE MELLO PISETTA.

### **TRANSFERÊNCIA E REPETIÇÃO OS LIMITES DO SIMBÓLICO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 2006.

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Vera L. Lopes da S. Besset (UFRJ) - Orientador.

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Cláudia Garcia (PUC-RJ).

---

Prof. Dr. Erialdo Nicácio (UFRJ).

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Angela Cavalcanti Bernardes (UFF).

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Angélica Bastos de Freitas Rachid (UFRJ).

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Lúcia Emmanoel Novaes Malagris (UFRJ).

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Ruth Cohen (UFRJ) - Suplente.

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Virgínia Kastrup (UFRJ) - Suplente.

**Para Lia e Écio  
Carmem e Aguinaldo,  
Que me ensinam a amar, todos os dias.**

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Vera Lúcia da Silva Lopes Besset, pelos anos de trabalho em comum.

A todos os amigos e amigas do curso de pós-graduação em Psicologia da UFRJ, pelo companheirismo e troca constante.

Em especial a Wagner, Ruth e Susane, com quem aprendi muito e pude dividir as alegrias e as angústias frente ao trabalho acadêmico.

Aos amigos dedicados, em especial Sandra, pela interlocução permanente.

A Janaina, Isabel e Júnior, pelo apoio e confiança.

À minha família querida, sem o apoio e o auxílio da qual este trabalho não teria sido possível.

A Écio pelo cuidado e o crédito sempre presentes.

## RESUMO

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. **Transferência e repetição: os limites do simbólico na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Transferência e repetição são conceitos que mantêm entre si uma relação estrutural. A emergência simultânea destes fenômenos na clínica pode nos levar a conceituá-los como o direito e o avesso de uma mesma realidade. Contudo, a postulação do conceito de *real* em 1964, por Jacques Lacan, orienta-nos a diferenciar um real e uma realidade nos fenômenos clínicos. Através do conceito de real, Lacan situa a emergência e a insistência, na análise, do que não se deixa apreender pela articulação significante. Já a *realidade* figura como a construção simbólica em torno deste ponto de inassimilável que o real presentifica. Neste trabalho estabeleceremos uma diferença essencial entre conceitos fundamentais (a repetição e a transferência), para melhor cernir o alcance de suas conjunções e disjunções, visando uma instrumentalização da clínica e da teoria psicanalíticas. Para tanto, abordamos o conceito de repetição nas obras freudiana e lacaniana, em suas relações com a simbolização e com a pulsão de morte. Visando ainda destacar a repetição que se produz na transferência, evidenciamos as relações entre esta última com o *sujeito suposto saber*, enfatizando uma realidade em causa na transferência.

## ABSTRACT

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. **Transferência e repetição: Os limites do simbólico na clínica psicanalítica.** Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Transference and repetition are concepts that maintain an structural relationship. The simultaneous growth of these phenomena in clinics can guide us to define them as the right and contrary sides of the same reality. However, the "real" concept postulated in 1964 by Jacques Lacan guide us to distinguish between "real" and "reality" in clinics phenomena. Through the real concept Lacan focuses in analysis the growth and insistence, of what don't let itself to apprehend by the significance articulation. By its side the "reality" appears as de symbolic construction around a point of unassimilable that the real presentifies. In our work we will establish an essential difference among fundamental concepts (repetition and transference), to understand better the reach of their conjunctions and disjunctions, putting attention in the clinics and psychoanalytic theory instrumentation. For that, we approach ourselves to the repetition concept in Freud and Lacan's works, in their relationships with the symbolisation and death-instinct. Also wishing to emphasises the repetition that produce itself in the transference, we put into evidence the relationship between transference and the "sujet supposé savoir", detaching a reality in cause in the transference.

Palavra dócil

Palavra d'água pra qualquer moldura

Que se acomoda em balde, em verso, em mágoa

Qualquer feição de se manter palavra

( ... )

Palavra minha

Matéria, minha criatura, palavra

Que me conduz

Mudo

E que me escreve desatento, palavra

**(Uma palavra, Chico Buarque de Holanda)**



## SUMÁRIO.

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - A REPETIÇÃO EM LACAN. A INSISTÊNCIA SIGNIFICANTE E A REPETIÇÃO DE UM INASSIMILÁVEL.....	5
1.1 Repetição e inconsciente. ....	7
1.2 Repetição e significante. Do automatismo à insistência: a repetição é significante.....	13
1.2.1 Traço unário e repetição.....	22
1.3 Perda e repetição. Para além do simbólico: A causa real da repetição.....	26
1.3.1 Real e repetição.....	28
1.3.2 A repetição e o novo.....	34
CAPÍTULO 2 - REPETIÇÃO: ETERNO RETORNO. FREUD COM LACAN.....	39
2.1 Repetição como <i>uma forma</i> de recordação.....	40
2.2 Novo e estranho na repetição.....	52
2.3 Compulsão à repetição e pulsão. A repetição é pulsional: pulsão de vida e pulsão de morte na repetição.....	58
2.4 Brincar de fazer o mesmo: a repetição e o lúdico.....	63
2.4.1 A análise lacaniana do <i>Fort-da</i> .....	66
2.5 Repetição e transferência: o domínio pulsional.....	71
2.6 Repetição e conservação pulsional.....	76
2.7 A pulsão e o trauma.....	80

2.8 A repetição sanciona o gozo.....	87
CAPÍTULO 3 - A TRANSFERÊNCIA E O SUJEITO SUPOSTO SABER.....	101
3.1 Diferenças conceituais entre transferência e repetição.....	104
3.1.1 A transferência não é a repetição.....	104
3.1.2 A transferência como fechamento do inconsciente.....	106
3.2 A transferência é a atualização da realidade do inconsciente.....	110
3.2.1. Transferência e sexualidade.....	110
3.2.2. A transferência e o campo do Outro.....	118
3.3. Alienação na relação do sujeito com o Outro.....	121
3.4 Separação na relação do sujeito com o Outro.....	129
3.5 O sujeito suposto saber e a transferência.....	132
3.5.1 Sobre o amor de transferência.....	138
3.5.2 O saber construído na análise.....	147
3.6 O sujeito suposto saber e o desejo do analista.....	150
3.6.1 Ideal do eu e o lugar do analista.....	155
3.6.1.1 Narcisismo e ideal do eu.....	158
3.6.2 A presença do analista e o objeto <i>a</i> .....	166
CAPÍTULO 4 - A ATUALIZAÇÃO NA TRANSFERÊNCIA. ....	171
4.1 Introdução e apresentação do caso clínico.....	171
4.2 O <i>acting out</i> e a saída do tratamento.....	172
4.3 Demanda de tratamento e instalação do sujeito suposto saber.....	175
4.4 Discussões sobre a saída do tratamento: a dinâmica do agir e do pensar na neurose obsessiva.....	179

4.5 Desejo e gozo na neurose obsessiva.....	185
4.6 O aviso prévio: pagar ou não pagar? .....	191
CONCLUSÃO.....	195
REFERÊNCIAS.....	206

## INTRODUÇÃO

Sabemos que Freud identifica a repetição na base da transferência, a partir da postulação de um método para amar, inconscientemente estabelecido pelo neurótico (Freud, 1985, [1915a], CD-ROM). É a repetição deste método que possibilita o início do tratamento analítico, pois o sujeito, a partir de um investimento que se encontra parcialmente pronto, investe o analista, numa atualização de seus protótipos inconscientes. Por esta atualização o analista se situa como um dos elementos das “séries” psíquicas que o paciente já formou” (Freud, Idem). Esta antecipação dos laços não apenas dá lugar ao analista como possibilita um terreno fértil à sua interpretação.

O que é aparentemente um grande impulso para o tratamento, revela-se, todavia, seu maior obstáculo. Freud não deixou de alertar os jovens analistas, para os riscos de se subestimar o poder explosivo da transferência, especialmente após a análise de sua própria experiência com Dora. O que se apresentava como um préstimo à análise revela-se, pelo uso da resistência, o maior e mais difícil obstáculo à condução do tratamento pelo analista. O paradoxo e a complexidade demarcam o campo da transferência e o estudo de suas relações com a repetição compõe o cerne deste trabalho. Aqui se inserem nossas indagações e nossas dificuldades.

Como situá-la, como conceito, a partir de suas contradições? Como conciliar, em sua definição, seu caráter de abertura à interpretação e sua vertente de resistência? Para tanto, iniciaremos nosso percurso conceituando a repetição.

A vinculação da transferência ao inconsciente, bem demarcada por Freud, a partir do modelo inconsciente de amar que a primeira atualiza, será nosso ponto de partida. A leitura lacaniana que confere à linguagem o domínio da repetição nos servirá

para identificar o inconsciente a partir de sua vinculação ao campo do Outro. Em nosso primeiro capítulo, assim, destacaremos que a compulsão à repetição é *insistência de uma palavra*, e como tal, repetição de um sentido, que assujeita o homem a partir de sua constituição pela linguagem.

Contudo, a demarcação da vertente significativa da repetição não se mostrará suficiente para abarcar seu fenômeno. A emergência do conceito de real é oriunda da constatação de um *sem sentido* radical, presente na linguagem, que tem na repetição sua maior demonstração. Ainda no primeiro capítulo estabeleceremos essa dupla causação da repetição.

Visando aprofundar nossas discussões acerca da repetição, tomaremos os textos fundamentais de Freud sobre o tema, numa exploração das relações entre o novo e o mesmo na repetição. A virada freudiana dos anos 20, a partir do estabelecimento da pulsão de morte, confere à pulsão, segundo o autor, um caráter conservador, pelo qual o homem sempre visa voltar a um estado de menor complexidade. A repetição se inscreve como a expressão desta força demoníaca de retrocesso no homem. Contrária ao princípio do prazer, esta força justifica e dá sustentação às demonstrações na clínica de uma resistência reiterada ao tratamento e à superação da neurose. Procuraremos demonstrar como isso se apresenta, a partir da análise do *Fort-da* (jogo infantil utilizado por Freud para demonstrar esta tendência de retorno da pulsão), em suas vinculações com a linguagem. Visaremos, ainda a demarcação de uma articulação maior entre o significativo e o real, que estão em causa na repetição, a partir da análise desta última.

Nosso objetivo mais geral será, desta forma, estabelecer as diferenças conceituais e clínicas entre a repetição e a transferência. Entendemos que sua demarcação rigorosa nos conduz mais firmemente no campo da clínica. Certamente a

condução de um tratamento depende substancialmente dos conceitos que conduzem seu balizamento. Consideramos que o interesse deste trabalho se situa na esfera da ética em psicanálise, já que indaga o lugar do analista e a elucidação dos fenômenos clínicos mais fundamentais. Haveria distinções no manejo da transferência, se a situássemos, ou não, em conjunção com a repetição? É o que buscaremos discutir em nosso terceiro capítulo.

Neste, abordaremos a definição lacaniana da transferência como "a atualização da realidade do inconsciente", demarcando assim um distanciamento conceitual desta última em relação ao conceito de repetição. Como veremos nos dois primeiros capítulos, a repetição não se confunde com a transferência, já que na primeira o sem sentido está menos encoberto pelos significantes mestres. Discutiremos ainda o saber e o amor que se encontram em sua base e o reconhecimento, pelo sujeito, de um saber alheio a si mesmo, que está em causa no estabelecimento da transferência analítica. Destacamos aqui, de início, que discutimos a repetição e a transferência no contexto da neurose, já que pensar a transferência numa psicose exigiria uma modificação de nossos interesses atuais.

Para finalizar nosso trabalho, traremos uma ilustração clínica das conclusões alcançadas, visando dar mais consistência às mesmas. Extratos de um caso de neurose obsessiva serão aqui discutidos, tendo em vista a ilustração da definição de transferência. Será necessário, como veremos, neste âmbito, indicar os meandros do método de condução na vida erótica que o neurótico obsessivo estabelece nas suas relações com o Outro, já que falaremos essencialmente da estruturação do sujeito a partir de suas relações.

Em nossa conclusão elaboraremos os principais pontos apresentados em toda a tese, certos da incompletude das argumentações aqui propostas.

Estou começando a entender que a aparente interminabilidade do tratamento é algo que ocorre regularmente e que está ligado à transferência (Freud, 1986 [carta a Fliess de 16 de Abril de 1900], p. 410).

## CAPÍTULO 1

### A REPETIÇÃO EM LACAN.

#### A INSISTÊNCIA SIGNIFICANTE E A REPETIÇÃO DE UM INASSIMILÁVEL.

Heráclito disse ( ... ) que ninguém desce duas vezes o mesmo rio. Ninguém desce duas vezes o mesmo rio porque suas águas mudam. Mas o mais terrível é que nós não somos menos fluidos do que o rio. Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra (Borges, 1987, [1978], p. 11).

A presença do significante no Outro, é, com efeito, uma presença vedada ao sujeito na maioria das vezes, já que, comumente, é em estado de recalçado que ela persiste ali, que dali insiste em se representar, no significado, através do automatismo de repetição (Lacan, 1993, [1955-56], p. 564).

A clínica psicanalítica testemunha sempre, pela transferência, a força da repetição no sujeito, em relação aos temas mais caros de sua história. Nela vemos a repetição de palavras e cenas antigas, de atos destituídos de sentido aparente, e uma nostalgia do que passou. Mas, o que é a repetição? O que se repete no movimento da repetição? *Repetição, compulsão à repetição, insistência significante*, são termos destacados por Freud e Lacan que revelam um itinerário complexo e intrincado em torno da causa desse fenômeno.

Neste percurso intrincado, as vinculações mais íntimas da repetição com os conceitos de inconsciente e transferência, logo se fazem notar à primeira vista em virtude do descontrole aparente, presente na repetição, ou ainda, por sua manifestação tão espetacular na transferência.

Freud (1980, [1920]) demonstrou que a prevalência da repetição pode ser pensada como uma compulsão, e mais ainda, que isso manifesta a força da pulsão, através de suas manifestações na clínica. Nos guiamos, então, pela clínica e é a partir dela que o tema da repetição se evidencia através do estudo da transferência. Como demonstra Lacan, em *O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (1998, [1964]), os conceitos de transferência e de repetição não se confundem. Porém "a transferência nos conduz ao núcleo da repetição" (Lacan, 1988, [1964], p. 71).

Assim, empreenderemos um estudo sobre o conceito de repetição a partir de duas perspectivas conceituais da obra lacaniana. Um primeiro momento de sua teorização, como veremos, destaca a repetição como repetição significativa. Esta leitura está demarcada em seus seminários desde o início de seu ensino até o seminário proferido em 1960 (*A angústia*). Num segundo momento teórico, a partir do seminário proferido em 1964, Lacan retoma suas considerações, para modificá-las radicalmente. Naquele momento teórico Lacan destaca um núcleo de real na repetição, para além de sua vertente significativa, encontro do que não pode ser articulado pela cadeia de significantes e que escapa a todo sentido possível. Cabe dizer, inicialmente, que as duas perspectivas da repetição não se anulam. Ao contrário. o avanço conceitual demarca um aprofundamento em sua conceituação, promovido a partir de outras mudanças conceituais (em relação aos conceitos de transferência, pulsão e inconsciente). É o pretendemos demonstrar, neste primeiro capítulo.

Deste modo, como fundamento geral da teoria da repetição, no primeiro ensino, Lacan define a *insistência significativa*, um sentido que insiste em se fazer representar, e que tem na repetição sua forma de aparição privilegiada. Uma "novidade" em torno da

repetição é tomada a partir de 1964, como também em relação aos outros conceitos fundamentais, ali reeditados. A mudança em torno da conceituação da repetição é tanta, que representa um momento de reestruturação da teoria lacaniana. O que antes revelava, na repetição, um sentido que insiste, autônomo ao desejo do sujeito, revela agora também o *inassimilável*, aquilo que não tem sentido, não está submetido à linguagem, fura todo o saber constituído pela linguagem, e acima de tudo, retorna e insiste, também, na repetição (Lacan, [1964]1988, p. 57). Destacamos nesta nova modelagem do conceito de repetição, suas relações com o real, desenvolvido neste seminário como aquilo que escapole à linguagem, limite ao saber, bem como suas relações com a *tiquê*<sup>1</sup>.

Assim, procederemos neste capítulo a uma análise destes dois momentos teóricos em torno da repetição e suas conseqüências na abordagem da transferência, movidos pela afirmação lacaniana: "A ambigüidade da realidade em causa na transferência, só podemos chegar a desembrulhá-la a partir da função do real na repetição" (Lacan, 1988, [1964], 56). A partir da construção do conceito de repetição, empreenderemos uma leitura dos textos freudianos fundamentais ao conceito.

Partindo da dinâmica entre os conceitos de repetição e transferência, pretendemos diferenciá-los, movidos pela questão: Se a transferência não é a repetição, que função tem a repetição na transferência?

### 1.1 Repetição e inconsciente.

O automatismo de repetição extrai seu princípio do que havíamos chamado de insistência da cadeia significante (Lacan, 1998, [1956], p. 13).

A descoberta do inconsciente é ainda jovem, e é uma ocasião sem precedente de subversão (Lacan, 1988, [1964], p. 129).

---

<sup>1</sup> Em 1964, na remodelação do conceito de repetição, Lacan retoma os termos aristotélicos *tiquê* e *automaton*, para destacar as duas vertentes componentes da repetição. Assim *tiquê* representa, no seminário em questão o encontro do real, enquanto que *automanton*, a repetição dos signos.

Como veremos, Lacan procura trabalhar o conceito de repetição ligado à primazia da palavra. Esta premissa guiará todo o seu pensamento por muitos anos. No seu seminário inicial, vemos o marco da palavra e da linguagem na análise comandando a construção dos conceitos fundamentais da psicanálise. Nesta perspectiva o homem se constituiu a partir do simbólico, a partir das articulações que a linguagem estabelece, antes mesmo do surgimento do sujeito. A noção de significante, extraída da lingüística, é totalmente modificada, para situar o fundamento simbólico do homem, afirmado na supremacia do significante sobre o significado.

É a partir das categorias da lingüística que Lacan retoma o símbolo e a proposição do inconsciente, realizada por Freud em 1915. Em 23 de março de 1955, de forma inaugural em seu ensino, Lacan descreve sua noção de simbólico a partir da cadeia significante, para situar o sujeito em sua determinação inconsciente, a partir da submissão à linguagem. A referência à fala do sujeito, ao sujeito falante, retoma a questão do inconsciente, à medida que o eu está elidido de uma parte substancial, e originária, do homem. Assim, Freud ressalta que "não é mais do que uma presunção insustentável exigir que tudo quanto se passa no interior do psíquico tenha que ser também conhecido pela consciência" (Freud, 1985, [1915d], CD-ROM)<sup>2</sup>.

O simbólico, como categoria estrutural, destaca que a linguagem precede o sujeito e o define, o que pode ser depurado da proposição freudiana sobre o inconsciente. Nesse sentido, a pressuposição do inconsciente encontra-se na base da

---

<sup>2</sup> Em nossa tese nos baseamos na tradução das obras completas de Sigmund Freud para o espanhol, da *Editora Amorrortu*. Contudo, também nos utilizamos da tradução brasileira da Imago, visando uma comparação lingüística dos termos freudianos. Serão encontradas, deste modo, tanto citações da edição em português (da Editora Imago), quanto traduções da autora da tese do texto freudiano em espanhol (nesse caso, as traduções são acompanhadas da referência: *CD-ROM*, já que é essa a fonte de pesquisa).

noção da repetição como significante, ou seja, da repetição compreendida essencialmente como repetição simbólica. Nesse sentido, Lacan esclarece que

a insistência repetitiva ( ... ) está na própria raiz da linguagem ( ... ) na medida em que o mundo é um universo submetido à linguagem (Lacan, 1987, [1954-55], p. 259).

O próprio inconsciente é pensado como uma cadeia significante, que tem na repetição sua forma de expressão, pela qual promove-se a interferência do discurso da consciência.

Podemos ver que a atribuição de uma insistência significante à repetição se inscreve a partir da leitura de Lacan do inconsciente em seu fundamento simbólico, especialmente nas marcações que o autor concede ao deslocamento e substituição (processo primário do inconsciente), pensados a partir da lingüística, através dos efeitos de linguagem que a metáfora e a metonímia comportam. O significante é assim aplicado à estrutura do inconsciente, a partir da análise do processo primário deste último. Freud acentuou, em *O inconsciente*, que, pelo processo primário, as palavras estão sujeitas a condensações e deslocamentos, transferindo seus investimentos de umas para outras (1985, [1915d], CD-ROM). A aplicação do significante, articulado aos demais, em cadeia, foi um passo adiante nesta elaboração. No que tange à repetição, estando submetida ao inconsciente, ela é tomada como repetição simbólica, comandada pela cadeia dos significantes.

Tomando a repetição como significante iniciamos o percurso analisando o conceito de repetição, através da indagação sobre os sentidos iniciais do termo *Wiederholungszwang* (compulsão à repetição), como Freud a denominou. *Wieder* comporta o sentido de "de novo, novamente, outra vez". *Holung* se refere a "busca,

procura". E *Zwang* remeteria à obrigação, pressão, coação, violência<sup>3</sup>. Uma busca do mesmo, poderíamos dizer, é o que aparece aqui como um sentido aparente da repetição. Contudo, a clínica indica que a repetição não obtém êxito no reencontro, ou seja, o que se encontra não é o que se buscou. Neste sentido, somos levados a considerar uma tensão interna à repetição, oriunda da insatisfação do não-encontro. Vejamos como isso se apresenta.

Freud trabalhou com vários exemplos de repetição, tirados da clínica e da vida cotidiana. A descrição de uma brincadeira de seu neto tornou-se emblemática deste intrincado problema da psicanálise:

Um menino brinca com um carretel amarrado a uma linha, distraído de tudo a seu redor. Atira o carretel a uma certa distância, enquanto pronuncia um fonema que Freud identifica como *Fort!* (longe ou lá). Com um movimento, o carretel retorna, enquanto o menino pronuncia outro fonema, identificado pelo mesmo autor como *Da!* (aqui, cá, lá). A repetição desta brincadeira, tão cativa aos analistas, serviu de emblema para Freud indagar todo seu trabalho clínico. O que nos impele a repetir, sempre de novo, uma situação, uma ação, uma palavra? Por que esta repetição, quase sempre, tem um caráter de desprazer, insatisfação, e ao mesmo tempo, de fascinação, captura? O que a repetiçãoalaria desse sujeito, que, repete, e às vezes, mesmo sem o saber?

Como vimos, indagar acerca da repetição – em seu fenômeno e em sua estrutura – nos remete, obrigatoriamente, à hipótese do inconsciente. Podemos vislumbrar esta correlação, se partirmos de qualquer um dos dois conceitos. Pela insistência do inconsciente, a repetir, sem resistência. Ou, por outro lado, pela repetição, especialmente por seu caráter de compulsão, *obrigação*, revela-se algo não controlado, não-conhecido. Tanto a repetição quanto o inconsciente, assim, nos indicam um

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário da língua alemã *Langenscheidts Taschenwörterbuch*.

"assujeitamento radical" (Souza, 1996, p. 448). Essa vinculação ao conceito de inconsciente aproxima a repetição do significante, desta linguagem inconsciente. Desta forma, se há uma vacilação diante da compulsão, em virtude de uma certa imposição sobre o sujeito, isso revela sua estrutura - a do sujeito - de dependência radical ao significante. Entendemos então que dizer, com Lacan: *a repetição é significante*, estabelece este atrelamento da mesma ao inconsciente.

Contudo, a referência ao inconsciente, no fundamento da repetição significante, demanda a apreciação da modificação conceitual, tal como Freud propõe em *O eu e o isso*. Estabelecendo uma distinção entre um eu recalçado e um eu coerente, por ocasião dos questionamentos em torno do retorno do recalçado, Freud destaca que considerar uma vertente do eu que não responde como consciente, exige a modificação do conceito de inconsciente: "Para nossa concepção do inconsciente ( ... ) as conseqüências de nossa descoberta são ainda mais importantes" (Freud, 1985, [1923] CD-ROM). O inconsciente, antes considerado como recalçado, é agora questionado em sua legitimidade, já que o eu também pode ser chamado, em parte, de recalçado. Freud desdobra esta articulação com a proposição de uma partição no conceito de inconsciente. Estruturalmente teremos que considerar, a partir de então, um inconsciente recalçado e um inconsciente não recalçado: "Segue sendo correto que tudo o que é reprimido é inconsciente, mas nem tudo o que é inconsciente é reprimido" (Freud, 1985, [1923], CD-ROM).

Se consideramos a relação íntima (e quase sinonímica) entre repetição e inconsciente, teremos que questionar o que transborda do inconsciente na repetição: seriam seus conteúdos recalçados, marcando aí um retorno do recalçado, no fracasso sintomático? A isso nos conduz Lacan, quando adverte que: "para o lado do que está

recalcado, para o lado do inconsciente, não há resistência alguma, há apenas tendência a repetir-se" (Lacan, 1985, [1954-55], p. 400).

Entendemos que no seu primeiro ensino sobre o inconsciente e a repetição (até 1964) esta relação estrutural se manifesta mais claramente entre a repetição e o recalcado, pois a repetição significativa nos remete a um saber inconsciente, recusado, banido (Lacan, 1988, [1964], p. 28), que se manifesta exemplarmente pela atuação na transferência. Nesse sentido, a repetição demarca um trilhamento associativo que pode ser desvelado pela análise, pela associação livre.

Na análise que Lacan faz do inconsciente, em 1964, ele destaca que seu ensino precedente realizou o trabalho de ressaltar a importância e a função da linguagem na psicanálise. Assim, o sujeito do significante e a análise da interpretação são localizadas no campo de seu ensino. Em *O seminário, livro 11: os conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan também retoma as diferenças fundamentais entre o inconsciente e o recalcado, acentuando que o inconsciente representa na doutrina freudiana mais o não-nascido, o não-realizado, do que propriamente o recalcado, que por sua vez, exibiria o recusado, o banido. O autor ressalta que o inconsciente se manifesta como "algo que fica em espera na área, eu diria, algo de não-nascido" (Lacan, 1988, [1964], p.28). O recalcado também se utiliza disto que fica à espera, mas não se confunde com o inconsciente. É bastante ilustrativo o modo como Lacan se refere aos fenômenos do inconsciente, sempre marcados pelo sobressalto, pela surpresa, pela claudicação, o que nos remete a este algo de *não-nascido*, fundamental na abordagem freudiana do mesmo.

Por ora, para efeito de nossa introdução ao tema da repetição, abordaremos tal vinculação conceitual, tendo em vista a função do recalcado na produção da repetição.

O conceito de repetição, entendido como insistência significativa, está logicamente também relacionado ao *desejo*, pois, como dissemos, o que insiste é, de todo modo, uma história do sujeito, negada, recalcada, que a repetição não cessa de contar. Porque se encontra nesse registro um assujeitamento à linguagem, o desejo é aprisionado pelos significantes mestres. Assim, em *Da lei moral*, Lacan define a repetição em consonância com o desejo inconsciente: "O *Wunsch* [desejo] indestrutível (...) [que é] ávido de repetição, da repetição dos signos" (Lacan, 1988 [1959-60], p. 93).

Nos interessa sobremaneira destacar que as relações entre inconsciente e repetição, num primeiro momento teórico da obra de Lacan (até 1964), se encontram vinculados conceitualmente à autonomia do simbólico, atestada pela máxima "o inconsciente é linguagem" (Lacan, 1998 [1966], p. 881).

## **1.2. Repetição e significativo. Do automatismo à insistência: a repetição é significativo.**

No mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos (Heráclito, 1991, [610-547 a. C.], p. 58).

A repetição é fundamentalmente insistência de uma palavra (Lacan, 1985 [1955-56], p. 275).

O termo "repetição" pode nos transportar, imaginariamente, para a ilusão de que o retorno é possibilitado por ela, ou seja, que o sujeito sempre alcança o que procura, por isso, repete sua ação. Contudo, um exame mais aproximado do fenômeno (especialmente na clínica) demonstra que este encontro não se verifica. Freud destaca que a repetição se encontra mobilizada pela tentativa de retorno a uma satisfação vivenciada: "É preciso que a criança tenha sentido satisfação anteriormente para que

deseje repeti-la" (Freud, 1985, [1905b], CD-ROM). Se houve a satisfação, ainda que misticamente representada, a repetição não alcança novamente este objetivo, o que se presentifica por seu eterno movimento. De certa forma, o termo "repetição" não é de todo apropriado para nomear esse intrincado fenômeno. Se a própria repetição se dá mediada pelo não-encontro da satisfação, o que nos daria esta 'ilusão' de reencontro, retorno?

Inicialmente, pensamos na repetição como um retorno ao mesmo lugar, ou como a reprodução do mesmo, mas logo que nos aproximamos mais de seu funcionamento se destaca que a pressão para repetir não produz a satisfação que se esperava. Deste modo, não se encontra o que ali se foi buscar. A repetição engendra um fracasso, marcado pela não-satisfação que ela mesma proporciona.

Fink (1997, p. 240), nos conduz através da análise da repetição para as relações que esta estabelece com a substituição. O autor destaca que o único modo de estabelecermos uma noção de continuidade entre os eventos é a mediação do significante. Nunca haveria semelhança entre os objetos se não pudéssemos nos referir aos eventos pelo significante: "Só podemos nos banhar no mesmo rio duas vezes porque temos uma palavra ou nome para ele" (Idem). Assim, a repetição, por intermédio do significante que a engendra, proporciona uma ilusão de retorno, regresso. Vale destacar também que esta similaridade conferida pelo significante produz a substituição dos objetos, na construção das séries de objeto que Freud marcou em suas *Contribuições à psicologia do amor* (1985, [1910b/12/17]). Pelo significante, a substituição possibilita uma retomada, ainda que não-idêntica ao que se buscou. Se falamos em substituição e constituição dos objetos, nos referimos, obrigatoriamente, aos

objetos substitutos, destacando-se a perda de um objeto estrutural. A relação entre repetição e desejo encontra-se aqui esboçada.

Em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1988, [1959-60]), Lacan destaca a relação entre a repetição e o desejo. A essência indestrutível do desejo manifesta-se na escolha dos objetos e a própria repetição está marcada por esta indestrutibilidade. Desejo e repetição se relacionam estruturalmente, numa perspectiva significativa.

Nesta perspectiva, a busca de objetos substitutos obedece a uma lógica que aproxima a repetição da substituição, a partir da inscrição significativa. Porém, cada objeto substituto guarda uma proximidade com o anterior, a partir do significante; mas também uma diferença estrutural, que o torna outro. Substituição e repetição, num certo sentido, se aproximam, pois a substituição obedece a uma lógica significativa, assim como a repetição. No entanto, como ressalta Fink (1997, p. 240), se substituição e repetição se assemelham, não se confundem, já que substituir é estabelecer equivalências, mas também diferenças fundamentais.

Portanto, "a substituição repousa na diferença, embora ostensivamente estabeleça equivalências" (Idem). Isso se torna mais claro quando falamos das escolhas amorosas. Ainda que as equivalências entre os objetos estejam visíveis, sempre se resguarda algo de uma diferença radical entre eles, muitas vezes encoberta pela fantasia dos amantes. De todo modo, a substituição introduz a possibilidade de seriar os objetos, por sua semelhança, apesar de suas diferenças estruturais. Outra coisa completamente diversa é a repetição, em sua força, que produz esse movimento contínuo em torno de uma satisfação não alcançada.

Ainda que não produza uma satisfação, esta repetição traduz uma mensagem, deixa um rastro significante, que a análise pode perseguir. Novamente destacamos a relação fundamental entre repetição e inconsciente, pois se trata de um história inconsciente contada pela repetição. A estruturação do inconsciente, a partir da linguagem, dá sustentação à leitura de um sentido na repetição. Podemos entender então que, no primeiro período (lógico) do ensino de Lacan, a repetição comporta sempre um sentido (Lacan, 1988, [1959-1960] p. 45). É importante ressaltar aqui o paradigma da linguagem como o que funda o sujeito. Deste modo, o sujeito do significante abarca, neste ponto da teoria, tudo o que se refere à existência.

Lacan vai tratar o inconsciente e suas manifestações tendo em vista os processos de simbolização que o constituem. Ao princípio freudiano da associação livre, Lacan responde com a autonomia do simbólico, destacando que a psicanálise é o reconhecimento desta causação do sujeito.

Pela "autonomia do simbólico" (Lacan, 1987 [1954-55], p. 54) deste momento conceitual, o sujeito é situado a partir da cadeia significante. Ora, se o sujeito é representado pela cadeia significante, e se a repetição é também sua expressão, nos diz Lacan, a repetição é "a evocação fundamental da cadeia significante" (Lição de 27 de maio de 1959, inédito em português, CD-ROM).

Entendemos que a noção de *insistência* marca, no primeiro ensino de Lacan, a tradução da repetição, estabelecendo uma amarração com o conceito de inconsciente.

Assim, em *O seminário sobre o eu na teoria e na técnica da psicanálise*, Lacan ressalta que não devemos entender a palavra *Wiederholungszwang*, freqüentemente traduzida por automatismo de repetição, a partir de uma visão neurológica, mas como compulsão, *insistência*. Deste modo, o estatuto do sujeito do inconsciente, tal como

Freud o acentuou, fica demarcado, já que a compulsão se inscreve a partir da linguagem. Nos diz ele:

A palavra automatismo ressoa em nós com toda uma ascendência neurológica. Não é assim que se deve entendê-la. Trata-se de compulsão à repetição, é por isto que acredito estar fazendo algo de concreto ao introduzir a noção de insistência (Lacan, 1987 [1954-55], p. 82).

O marco teórico freudiano em relação ao conceito de repetição é *Recordar, repetir, elaborar* (1914a), mas a idéia de uma representação que se repete de modo coercitivo pode ser encontrada desde seus primeiros escritos. De modo geral, podemos afirmar que essa idéia é a precursora do estabelecimento de seu conceito de inconsciente. Em *As psiconeuroses de defesa*, ele discute as formações da neurose e ressalta, pela primeira vez, a noção de uma idéia inconciliável que aparece como uma idéia obsessiva, e que se mantém assim, de forma *coercitiva* (Freud, 1985, [1894], CD-ROM). Note-se também que o caráter de obrigação, subjugação da vontade consciente do sujeito também está aparentemente delineado.

O *Projeto para uma psicologia científica* aborda a questão da repetição de uma forma central. A noção de *facilitação*, introduzida ali, pode ser pensada como uma precursora da compulsão à repetição. Nesse momento inaugural do pensamento freudiano, vemos a noção de *facilitação* figurar como uma garantia da predominância do princípio do prazer, já que por sua ação o psiquismo permanece estabilizado na regulação da energia psíquica. Ela é concebida, deste modo, como aquilo que facilita a passagem de energia no sistema psíquico, diminuindo, para tanto, a resistência a esta circulação. Logicamente inversa a essa noção encontra-se a pressuposição de que há resistência a novos caminhos, representada aqui por um possível estancamento da energia, que a *facilitação* vem debelar.

A facilitação encontra-se, também, no seio da noção de memória (precursora, por sua vez, do conceito de inconsciente) e constitui-se como o suporte da mesma, já que por sua função os caminhos conhecidos e agradáveis ficam demarcados. Assim, "a memória é, em relação com o decurso excitatório, um dos poderes comandantes, que *assinalam o caminho*" (Freud, 1985, [1950/1895], CD-ROM, grifo nosso). A noção de facilitação aqui demonstra que um caminho já percorrido é sempre novamente buscado, o que implica em economia de energia psíquica. Sousa (1996, p. 451) ressalta que com a noção de facilitação encontramos "uma espécie de memória que nos poupa do encontro permanente com o novo". Esta função de proteção, desempenhada pela memória, destaca a regulação que a repetição oferece ao psíquico.

Poderíamos dizer que a partir destas primeiras construções teóricas em torno do conceito de repetição, já há a noção - preliminar - de uma identificação a determinados caminhos, indício do que Freud discutirá, bem mais tarde, em *Psicologia da massas e análise do eu* (1921), em relação às identificações do sujeito. Nesse sentido, sua definição de memória é bem ilustrativa: "a memória ( ... ) depende de um fator que é a "magnitude da impressão" e ainda da frequência com que essa mesma impressão é repetida" (Freud, 1985, [1950/1895], CD-ROM). Note-se também os primeiros passos em direção à noção de conservação, como caráter geral da pulsão, evidenciada na compulsão à repetição. Contudo, neste momento da obra freudiana a ênfase é em relação ao prazer que a repetição dos caminhos conhecidos produzem. Os sonhos, sintomas e toda sorte de repetições são compreendidos a partir desta derivação. É nesse sentido que entendemos a prerrogativa de que a repetição é cumprimento de um desejo, como declara Freud em relação aos sonhos repetidos (Freud, 1985, [1900], CD-ROM).

A "escolha" de certos caminhos, aqui ilustrada pela noção de facilitação (nos primórdios freudianos do conceito de repetição) é ilustrativa da repetição significativa. A linguagem instrumentaliza a leitura que Lacan efetua, destacando que este apego do sujeito, exibido na memória, se traduz por uma referência ao significante.

Lacan retoma o texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica* em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1988, [1959-60], p. 50), para destacar do termo facilitação (*Bahnung*) o sentido de trilhamento, caminho aberto. Sua leitura do inconsciente como um linguagem encontra eco nesta noção freudiana de um retorno às mesmas impressões, característica do processo primário. Lacan aproxima, deste modo, a repetição das impressões (que constituem a memória) e a "prevalência de um significante na cadeia inconsciente no sujeito" (Idem, p. 51). Este ponto é fundamental para demarcarmos a repetição como significativa, ou seja, a repetição referida ao jogo significativo. Lacan critica a tradução inglesa de *Bahnung* por facilitação, destacando que

essa palavra (*Bahnung*) tem um alcance estritamente oposto, evoca a constituição de uma via de continuidade, *uma cadeia*, e penso que isso pode ser aproximado da cadeia significativa (1988, [1959-60], p. 53, grifo nosso).

*Bahnung* é tomado na leitura lacaniana como um trilhamento associativo, como "complexo de memória" (Idem), com uma concatenação marcada, que abrange a articulação dos significantes. Nota-se aqui que esta articulação significativa é regida pelo princípio do prazer. O retorno a Freud preserva o entendimento da facilitação como um mecanismo regulador, que promove, por sua ação, prazer e estabilidade ao psiquismo.

Se o movimento deste trilhamento recupera uma estabilidade, então é necessário situarmos este movimento a partir de uma perda da mesma. Neste sentido, nos diz Lacan, há uma perda na base da repetição, lugar de presentificação da perda de um

objeto estrutural. É do desejo de reencontrá-lo que se trata na repetição. Esta busca, com os rodeios que se impõem a ela, em virtude da impossibilidade do encontro, é, todavia, regida pelo princípio do prazer.

Nestes termos, tomar a repetição como significante, ou seja, demarcada pela submissão à linguagem inconsciente, é indissociável de considerá-la submetida ao princípio do prazer. Para melhor esclarecer as relações entre o objeto perdido (a falta) e a repetição, em relação ao princípio do prazer, Lacan nos diz:

Certamente o prazer se articula sobre os pressupostos de uma satisfação, e é impelido por uma falta, que é da ordem da necessidade, que o sujeito se envereda em suas malhas, até fazer com que surja uma percepção idêntica àquela que deu satisfação pela primeira vez (1988, [1959-60], p. 53, p. 271).

O registro de uma repetição a partir do princípio do prazer não dá lugar à repetição do fracasso, tão notável na clínica e nos fenômenos de repetição. A repetição neste registro dá conta, por outro lado, do desejo que se encontra implicado aí. Lacan o denomina "prazer da facilidade" (Idem, p. 272), já que ele se distancia radicalmente do hábito ou de uma necessidade que impõe uma repetição. A compulsão de repetição, nesse sentido, não pode ser pensada como um ato mecânico, instaurado a partir de um adestramento do homem, mas em sua implicação subjetiva, pela qual a estória erótica indica caminhos conhecidos que trouxeram prazer outrora. É nesse sentido que entendemos que a repetição, em sua função, representa a possibilidade de estruturação do mundo dos objetos, evidenciando um trilhamento prévio. A indicação freudiana da extensa série dos objetos que se podem formar, a partir dos protótipos inconscientes, dá uma medida desta prerrogativa: "Os objetos de amor podem se substituir uns aos outros tantas vezes, que se chegue à formação de uma extensa série (dos mesmos)" (Freud, 1985, [1912], CD-ROM).

Esta concepção da repetição como significante, isto é, movida pela articulação da cadeia significante, deixa a descoberto a concepção do sujeito como submetido a esta mesma cadeia. A cadeia significante tomada em primeiro plano, situa o sujeito como aquele que pode esquecer, que não está sempre consciente, ou que diz uma coisa, quando quer dizer outra. A primeira pessoa - o *eu* - deve ser suprimido para entendermos do que se trata. Assim, "o sujeito é literalmente em sua origem e como tal, a elisão de um significante" (Idem, p. 273). Esse é o alcance da proposição do inconsciente, realizada por Freud, em 1915d. Aqui vemos as primeiras articulações do sujeito, representado a partir de um significante para outro significante, como um resto da operação significante.

A noção de um forçamento em torno da repetição destaca ainda mais este assujeitamento, pelo qual constatamos que o eu está elidido. A abrangência desta prerrogativa é tanta, que podemos destacar a autonomia do simbólico na obra de Lacan apenas com referência a este momento. A repetição (especialmente no sintoma, na construção da neurose de transferência) se inscreve assim como a insistência da linguagem, no assujeitamento do homem à palavra.

Que relação estabelecer entre a própria estruturação do sujeito do inconsciente e a experiência da repetição? Lacan avança, nesse sentido, quando nos lembra que devemos destacar ainda mais as relações entre a repetição e a linguagem, a partir da função do traço unário junto a ela.

### **1.2.1. Traço unário e repetição.**

Como vimos, a relação de intimidade estrutural entre a repetição (seus fenômenos e sua estrutura) e a linguagem já se encontra demonstrada em Lacan desde o início de seu ensino. Quando discute a transferência na análise, Lacan nos dá uma visão desta determinação. Nos diz ele que toda ação que ocorre na sessão analítica, "está incluída num contexto de palavra" (Lacan, 1986 [1953-54], p. 279). Notamos claramente este endereçamento ao Outro da linguagem, presente tanto no conceito de repetição, quanto no de transferência, já que a palavra ali, num contexto analítico, é fundamentalmente dirigida ao Outro, desvelando um assujeitamento.

Se o sujeito está assujeitado à força da repetição, que lhe precede, então a estrutura da repetição está inscrita numa ordem que é autônoma em relação ao sujeito. A idéia de uma ordem autônoma nos serve especialmente para pensar na sequenciação dos significantes e é decisiva no ensino de Lacan, porque a ordem nos faz antever uma série prévia, que se ordena a partir de um ato inaugural, o *Um*, que vem iniciar a série. Podemos pensar o traço unário como o fundamento do significante, já que ele não se relaciona aos outros significantes, na produção de significados. Por isso ele é concebido como um signo: "o que é definido por este *ein einziger Zur* é o caráter pontual da referência original ao Outro" (1992, [1960-61] p. 344).

Lacan retoma a identificação ao ideal, trabalhada por Freud em *O eu e o isso e Psicologia das massas e análise do eu*, para focalizar seu alicerce: a identificação ao traço, pois por trás do ideal do eu "se esconde a primeira e mais relevante identificação do indivíduo: a identificação com o pai da pré-história pessoal" (Freud, 1985, [1923], CD-ROM). Esta marca do pai, na pré-história do homem, é retomada sob a concepção

do traço unário, alicerce simbólico do homem<sup>4</sup>, em sua relação com o Outro da linguagem.

Esse *Um*, traço unário que Lacan propõe distinguir na estrutura do significante (1961) se repete na própria série, já que é sua sustentação lógica: " [O traço unário é] o nervo de que se trata na distinção do estatuto do significante" (06.12.1961, seminário *La identificación*, inédito em português, CD-ROM)<sup>5</sup>. A repetição marca seu aparecimento, destacando a ordem autônoma da linguagem. Assim, a repetição tem por função fazer surgir esse unário primitivo da linguagem, que marca o homem com uma subordinação radical. Não é de uma unificação, nos lembra Souza (1996, p. 448-453), que se trata aí, mas de um *Um* contável, representativo da série, que é em si a estruturação do simbólico.

Contudo, nos perguntamos: se é o traço unário que se repete, o *Um* inaugural da série, como a repetição não pode ser considerada o encontro do mesmo? Por outro lado, se o encontro com o objeto da satisfação não ocorre, e a insatisfação acompanha o movimento do repetir, como conceber que se trata do mesmo? É nessa tensão entre o mesmo e o diferente que se modula a função da repetição?

Lacan aborda estas questões distinguindo duas funções do *Um*: uma unidade *unificante* e uma unidade *distintiva*.

Se parti da segunda forma de identificação, a saber, esta função do traço unário, é evidentemente com esse objetivo; vocês vêem onde está a inversão, é que esta função que damos ao Um não é mais a do *Einheit*<sup>6</sup> senão a do *Einzigkeit*, passamos assim - que conviria de todas as maneiras não esquecer e constitui a novidade da análise — das virtudes da norma às virtudes da exceção (Lacan, 21.02.1962, inédito em português, CD-ROM).

<sup>4</sup> Em nosso capítulo 3 trabalharemos a questão do ideal, a partir da transferência, retomando a problemática da origem do ideal do eu.

<sup>5</sup> Realizamos uma tradução livre desta e de outras lições dos seminários de Lacan que não se encontram ainda traduzidos para o português.

<sup>6</sup> Segundo o dicionário da língua alemã Langenscheidts Taschenwörterbuch, *Einheit* significa unidade, conjunto, coesão, continuidade; *Einzigkeit* significa singular, sem par, singularidade.

Lacan nos propõe trabalhar a função do traço unário, primeira marca da submissão do sujeito à linguagem, não apenas como o *Um* da contagem (ponto de partida da cadeia significante), em sua vertente unificante, mas também, e inicialmente, como aquilo que porta em si um gérmen da singularidade. A inversão da polaridade da função da unidade (*Einheit*) para a unidade distintiva (*Einzigkeit*), conduz à concepção de sujeito, ligado à unidade unificante, mas essencialmente, único, por efeito desta mesma engrenagem significante. A ligação do sujeito ao traço unário comporta então as duas vertentes significantes: de uma unidade que se refere a um conjunto, a uma ordem, que assemelha, representa o mesmo, e aquela que estabelece uma diferença. Entendemos que esse é o antecedente lógico na obra de Lacan, de suas articulações sobre a alienação e a separação, como operações lógicas da causação do sujeito, pois a partir das relações do sujeito com o Outro da linguagem, Lacan já situa, aqui, uma possibilidade de separação. Abordaremos estas operações em nosso capítulo 3.

Ora, Lacan sublinha que, na clínica, parte-se da análise dos significantes que alienam o desejo do sujeito, até o estabelecimento de uma diferença absoluta. Trata-se de uma pequena diferença da qual o traço unário é o suporte (Lacan, lição de 13.12.1961, onde o autor conceitua que o traço unário funciona, não como signo, mas como suporte da diferença).

Analisando as relações da repetição com o significante, Souza (1996, p. 448-453), indica ainda outro caminho de reflexão. A ordem que a série institui, ao se compor, se expressa e se articula em cada elemento que a representa. Se há ordem, há diferença, pois cada elemento "tem um lugar único e muito preciso na cadeia" (Idem). Assim, diz o autor, quando se repete o mesmo ele se torna diferente, "se inscreve como distinto" (Souza, 1996, p. 449), mostrando que o significante tem em sua essência, a

diferença que institui a série. A definição circular do significante, ou seja, a condição de que ele somente exista em relação aos outros significantes, destaca, para nós, a série que o constitui e a diferença, que o faz existir em relação aos outros significantes.

A esse respeito, Miller destaca que "só há algo novo no significado quando há algo novo no significante" (1987, p. 32). A substituição significante, ou seja, o giro da cadeia significante, possibilita o novo e o original. Se o significante se inscreve sempre como distinto, a estruturação do sujeito também passaria por esta tensão entre o mesmo e o diferente? De onde provém esta tensão entre o mesmo e o diferente, tão demarcada na repetição?

### **1.3. Perda e repetição. Para além do simbólico: A causa real da repetição.**

Não é na via da reminiscência, mas na da repetição que o homem encontra seu caminho (Lacan, 1987 [1954-44], p. 116).

Em *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (1995, [1956-57]), Lacan acentua que só é possível abordar a repetição se temos como ponto de partida a concepção de um objeto perdido, visado na repetição.

Em *Projeto para uma psicologia científica*, Freud nos fala de um objeto perdido, se referindo a ele como o objeto da satisfação. Nomeado na *Interpretação dos sonhos* como *a coisa (das Ding)*, esse objeto representa aquilo que não pode ser recuperado. A referência freudiana a ele também pode ser encontrada na parte C, "O cumprimento do desejo", do mesmo livro, quando o autor descreve uma mítica experiência de satisfação. É um objeto já perdido, simplesmente pelo fato de que dele se pode falar, sendo a linguagem indissociável desta mesma perda. Deste modo, em função

de uma primeira satisfação experimentada – mítica – aparece o desejo de se retornar a ela. O autor nos diz:

O menino faminto chorará ou esperneará indefeso ( ... ) Só pode sobreviver uma mudança quando, por algum caminho (pelo cuidado alheio), se faz a experiência da *vivência de satisfação* que cancela o estímulo interno. Um componente essencial desta vivência é a aparição de uma certa percepção (a nutrição em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica resta daqui em diante, associada à marca que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade. A próxima vez que essa última sobrevenha, em função do enlace assim estabelecido, suscitará uma moção psíquica que investirá de novo a imagem mnêmica daquela percepção e produzirá outra vez a percepção mesma, vale dizer, na verdade, restabelecerá a situação de satisfação primeira (Freud, 1985, [1900], CD-ROM).

Este objeto perdido deixa *um rastro de perda* que conduz o sujeito na busca de reencontrá-lo. Nesse sentido, a repetição não pode ser a reprodução do mesmo, já que há sempre um impossível que a mantém. Lacan destaca que o mundo dos objetos se constitui pela tentativa de produzir um reencontro, seja pela reminiscência (que visa um reconhecimento do objeto), seja pela repetição, que testemunha este encontro impossível. Contudo, como o sujeito não encontra o que foi buscar, se vê impelido a buscar sempre de novo um objeto perdido.

O objeto se encontra e se estrutura por via de uma repetição - reencontrar o objeto, repetir o objeto. Só que, nunca é o mesmo objeto que o sujeito encontra. Em outras palavras, ele [o sujeito] não pára de engendrar objetos substitutos (Lacan, 1987, [1954-55], p. 132).

Podemos constatar ainda uma discordância na base da repetição. Se o objeto da satisfação está perdido (e é representado como tal), esta repetição traz a marca de um *impossível*, já que não é o mesmo objeto que é encontrado. Discordância e nostalgia dão o tom do que se passa na repetição. Porém, nesse momento teórico de Lacan (1953-54), se trata ainda de um impossível inscrito na linguagem.

A satisfação não encontrada produz um novo movimento de busca do objeto, numa retomada sem fim da repetição. Nesse sentido, pela experiência da perda, que se representa por um objeto faltoso, a repetição é *impossível de saciar* (1995, [1955-57] p. 14). Podemos entender a repetição, em sua insistência significativa, a partir do protótipo do objeto perdido. Mas poderemos avançar em sua causa, também por intermédio desta perda que a constitui?

### 1.3.1 Real e repetição<sup>7</sup>.

O impossível de saciar e o objeto enquanto perdido recebem outro tratamento conceitual a partir de 1964, quando Lacan aborda o conceito de repetição de modo totalmente diverso. Em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, o autor destaca que o que tem a dizer sobre este conceito é "tão novo, ainda que evidentemente garantido pelo que articulei sobre o significante" (1988, [1964], p. 51), e que seu modo de conceber a repetição não suporta mais que ela seja pensada como um "retorno". Destaca ainda que é necessário abordarmos a *função da repetição*, numa clara referência à sua importância na clínica.

A novidade em relação à repetição se anuncia por suas vinculações e desvinculações com o conceito de recordar (*Erinnerung*). Recordar, retomar sua própria história a partir dos significantes, tem sempre um limite muito preciso, ainda que na clínica esse trabalho possa parecer interminável. Lacan indica aqui que esse limite encontrado na rememoração é o *real*. Indica-se também aí o limite do próprio significante. Pela circulação dos significantes, um pensamento evita sempre retornar ao

---

<sup>7</sup> A noção de real no ensino lacaniano, como entendemos, está referida àquilo que constitui o que está fora de todo campo demarcável pelo significante.

mesmo lugar. Neste sentido, o saber não tem um fim previsto, repousando sempre na refutação de um sentido prévio. Esse lugar do mesmo, evitado pela cadeia significante, é o real: “o real é aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar” (Lacan, 1988, [1964], p. 52).

Lacan destaca que a função da repetição é evidenciar o embate do pensamento (saber inconsciente, significante) com o seu limite real. A repetição aparece assim para evidenciar o limite da lembrança. E é em torno desse limite real que a cadeia se faz, gira, mantém seu fluxo. Fink (1997, p. 241), a esse respeito, nos diz: "A repetição envolve o impossível de pensar e o impossível de dizer".

Por sua vez, a rememoração tampona esse limite, fazendo aparecer a vertente de tapeação da linguagem. Destacamos de Lacan, a propósito: “Como o processo de rememoração era convincente entre as primeiras históricas!” (Idem)<sup>8</sup>. Interessante aqui é a referência que Lacan faz (indiretamente) à transferência, pois destaca que é "em benefício" daquele que toma o lugar do pai (através da transferência) que o neurótico se põe a rememorar.

Assim, a rememoração "se substitui a si mesma" (Idem, p. 53), se forjando sobre a cadeia significante e estabelecendo um sentido pelo deslizamento dos significantes. Neste movimento, contudo, ela se aproxima "de uma espécie de foco" (Idem), onde todo o sentido, e mesmo toda a atividade dos significantes, comandada pelo princípio de prazer, estanca. Não podemos aqui deixar de evocar, em relação a esse limite da associação, o umbigo do sonho, representação freudiana deste limite ao sentido do sonho: "Então esse é o umbigo do sonho, o lugar onde se assenta o não-conhecido"

---

<sup>8</sup> Neste sentido, Freud, na conferência *Resistência e repressão* ( 1985, [1917b], CD-ROM), surpreendentemente nos diz: "Pacientes que sofrem de histeria de angústia por vezes conseguem seguir a regra [associação livre] *ad absurdum*, referindo apenas associações tão distantes daquilo que andamos pesquisando, que não contribuem em nada para a análise" (Freud, 1976, [1916-17]).

(Freud, *A interpretação dos sonhos*, 1985, [1900], CD-ROM). E, se como nos conduz Freud, onde toda a rememoração cessa, encontramos a repetição ( 1985, [1914a], CD-ROM), então, podemos concluir que é próximo a esse núcleo de real, inassimilável, que se encontra o cerne da própria repetição.

A aproximação deste real presente na repetição, segue os passos de Freud<sup>9</sup>, e é possibilitada a partir da análise da neurose traumática. A partir da análise dos sonhos traumáticos, Freud se deparou com um limite à sua concepção geral sobre os sonhos. É também a partir deste limite que Lacan identifica um "inassimilável" do trauma. Do desprazer oriundo dos sonhos traumáticos, nada resta na vigília, ou seja, o sujeito não experimenta o horror do trauma, quando não está na emergência do sonho. Sendo assim, os sonhos traumáticos destacam algo bem distinto do princípio do prazer, pois não podemos identificar uma tentativa de domínio do desprazer que os acompanha. Lacan ressalta que se trata "do funcionamento mais primitivo – aquele em que se trata de obter a ligação de energia" (Idem).

Deste modo, no trauma, não se trata de uma elaboração, tal qual temos notícia no princípio do prazer, mas de algo que é menos elaborado, *real*. A ausência de uma mínima elaboração exige a conceituação de uma divisão inicial, *esquize* estrutural (Idem, p. 82). Assim, há também nesse seminário uma diferenciação fundamental entre o princípio de realidade e o real, já que o real é conceituado como algo que carece de toda forma - ainda que primária - de elaboração.

*Tiquê e automaton* são os termos que acompanham o trabalho de Aristóteles em relação à causa<sup>10</sup>, a partir dos quais Lacan estrutura sua revisão conceitual. Por *Tiquê* Lacan entende um "encontro do real" (Lacan, 1998, [1964], p. 56), enquanto que por

---

<sup>9</sup> No capítulo seguinte abordaremos a teoria freudiana da repetição, a partir da perspectiva lacaniana.

<sup>10</sup> Cf Aristóteles, p. 73.

*Automaton* (termo que retorna à análise do conceito de repetição, após ter sido substituído por *insistência*, como já frisamos) ele entende "a volta, a insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer" (Idem). Note-se que o princípio do prazer aqui se insere na linguagem como um ordenador que tem por instrumentos os signos lingüísticos. Destaca ainda o autor que "o real é o que vige sempre por trás do *automaton*" (Idem), quase tornando sinônimos real e *tiquê*. Contudo, *tiquê* é o "encontro" do real.

Em *A esquizo do olho e do olhar*, Lacan discute o conceito de *automaton* em suas relações com a cadeia significante. O que comanda o retorno dos significantes é a estrutura da rede (um significante dirige-se sempre a outro). Note-se que também aqui há assujeitamento, mas este é simbólico. Falando a respeito da força da cadeia significante, no que ela tem de determinante do sujeito, Lacan nos diz: "Quando o sujeito conta sua história, age, latente, o que comanda essa sintaxe, e a faz cada vez mais cerrada" (Idem, p. 70). É em torno do real que a cadeia se ergue e sua regulação se dá mediante esta falta de sentido radical. Sentido e falta radical de sentido são aqui os determinantes da repetição.

Retomemos a definição de *tiquê*, como um "encontro enquanto que podendo faltar" (Idem, p. 57), e suas relações com a repetição, a partir da análise que Lacan empreende de um sonho citado por Freud na *Interpretação dos sonhos*<sup>11</sup>. Neste, um pai sonha com seu filho morto, demandando ajuda. Lacan destaca que este sonho não pode ser pensado como a realização de um desejo inconsciente. Para o autor, o sonho vai

---

<sup>11</sup> "Um pai assistiu noite e dia a seu filho com um doença mortal. Quando o menino faleceu, o pai retirou-se para um quarto vizinho, com o objetivo de descansar, mas deixou a porta aberta a fim de que pudesse ver, de onde estava, o dormitório onde estava o corpo do filho, rodeado de velas. Um ancião encarregado de manter vigília se sentou próximo ao cadáver, rezando. Depois de dormir algumas horas, o pai sonha que seu filho está de pé junto à sua cama, o toma pelo braço, e lhe diz em tom de reprovação: Pai, não vês que estou queimando? O pai desperta e observa um clarão que vem do dormitório onde se encontra o

situar um encontro *imemorável*. Nesse sentido, o sonho comporta a dimensão do rito, pois "só um rito, um ato sempre repetido, pode comemorar esse encontro imemorável" (Idem).

Esse "imemorável" destaca ainda mais as alterações conceituais aqui apresentadas, já que o que é memorável é da ordem do simbólico, marcação inicial da repetição, agora destacada pelo conceito de *Automaton*. O que se destaca na repetição, a partir do real, é um *imemorável*, porque não há representação que o abarque.

Este sonho, segundo Lacan, protótipo da função da repetição, é todo ele "uma homenagem à realidade faltosa - a realidade que não pode mais se dar, a não ser repetindo-se infinitamente" (Idem, p. 60). O encontro, que nunca se deu, nem pode se dar mais (o filho morto solicita que o pai retome sua função e o retire das chamas que, de fato, estão prestes a incendiar seu corpo inerte) se apresenta no sonho. Entendemos ainda que a função do real na repetição é aí desenhada neste encontro impossível. Essa função é marcada pelo que *não se representa*. Não se trata, então, de um retorno, mas de um encontro com uma falta radical. A esse respeito, reforça Fink: "é a natureza não-representacional do real que acarreta a repetição, exigindo que o sujeito volte ao lugar do objeto perdido, da satisfação perdida" (Idem, p. 244).

Entendemos este *encontro do real* a partir da premissa do inconsciente, e através da própria conceituação lacaniana da insistência significante. Neste sentido, encontro do real é um encontro com o que não se pode saber, com o não-senso radical (Fink, 1997, p. 242). É importante destacar que a novidade em torno da repetição representa uma virada conceitual intrincada e radical, pois as concepções lacanianas anteriores a 1964, são totalmente repensadas aqui. Não são, contudo, abolidas. Assim,

---

corpo do filho. Dirigindo-se até lá, encontra o ancião adormecido, a roupa e um braço de seu filho queimados por uma vela que tombara sobre eles" (Freud, 1985, [1900], CD-ROM).

Não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida (Lacan, 1998, [1964], p. 56).

Como vemos, as relações entre repetição e reprodução também aparecem neste momento de revisão conceitual da repetição. Lacan destaca que a reprodução era o que se buscava no período em que a psicanálise ainda engatinhava e as experiências de catarse procuravam reproduzir a cena traumática. Neste sentido, havia a compreensão, subjacente, de "retorno" ao momento traumático, que poderia ser conhecido em sua materialidade.

A concepção de que a repetição não se confunde com a rememoração ou com a reprodução não é nova, atravessando todo o ensino de Lacan. Porém, marcamos a radical alteração em sua concepção, já que agora, a repetição não responde mais somente como um "retorno dos signos". Ora, Lacan insiste em todo o seu primeiro ensino que a repetição é "insistência de uma palavra". Entendemos que o "salto" que notamos aqui se deve à análise das relações desta última com a transferência, já que o destaque concedido à repetição visa um desvelamento da realidade em causa na transferência (Lacan, 1988, [1964], 56). A clínica é para nós a precursora destas mudanças conceituais, por destacar uma vertente não-significante da transferência, não inscrita no simbólico. Encontrá-la teria modificado não apenas sua conceituação da transferência (como uma repetição), mas sobretudo a própria repetição, a partir da demarcação de um real que constitui seu núcleo. Neste sentido, destacaremos, ainda, a concepção de um novo na repetição.

### 1.3.2 A repetição e o novo.

Para os que entram nos mesmos rios, afluem sempre outras águas (Heráclito, 1991 [610-547 a. C.], p. 61).

De fato, o que se apresenta de mais notável e inovador na conceituação da repetição, em Lacan, é o estabelecimento das relações desta última com o que se apresenta como *novo*. Já ressaltamos que o termo "repetição" nos leva, imaginariamente, a conceber um retorno do mesmo, aqui relativizado pelas novas noções lacanianas. Vejamos como isso se apresenta e quais seriam as repercussões teóricas em torno do conceito de transferência.

Lacan afirma que a função real da repetição é expressa pelo acaso: "o que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz - *como por acaso*" (Idem). O acaso aqui ressalta a *tiquê*, a partir do surgimento do imprevisto. Algo que se produz por acaso está presente na repetição. Esta concepção é radicalmente oposta às concepções iniciais de Lacan, onde o que se repetia não era algo do acaso, mas algo marcado há muito, pelo significante. Agora, o que se repete, para além de sua decifração significante, é um acaso que insiste.

Abordar o acaso que insiste na análise é também se referir aos impasses de uma análise que vise sempre um sentido, advindo dos significantes. Assim, se "a rememoração comporta sempre um limite" (Idem, p. 43), isso se mostra no fracasso de uma análise guiada apenas pela interpretação. A repetição, em seu núcleo de real - que admite o inesperado, o acaso - nos reporta para uma análise que não seja vetorizada pela interpretação: limite preciso à rememoração e à associação livre.

A referência ao acaso no seio da repetição destaca um limite mais definido ao simbólico. Como ressalta o autor:

Nada, com efeito, pode ser fundado sobre o acaso que não implique de saída uma estruturação limitada da situação, e isso, em termos de significantes (Idem, p. 42).

É esclarecedora esta passagem, pois demonstra um elo entre o acaso e o significante, já que este último é atravessado por um limite. Tal vinculação, no que ela traz de limite ao significante, pode nos auxiliar a articular a primeira visão da repetição (significante), com essa que discutimos (estruturalmente real). Mas como articular *repetição e arbitrário*?

O tema do novo na repetição, indicado aqui por Lacan como essencial à sua estrutura, é o ponto mais obscuro e instigante, para nós. Se, como vimos no início de nosso capítulo, o próprio termo *repetição* nos leva, imaginariamente, à concepção de algo passado que se repete, a indicação de um *novo* na repetição produz, por si só, um encontro do o real.

Lacan aborda o problema da repetição acentuando que conceber uma repetição do mesmo é antinômico, já que isso exigiria que considerássemos que o homem sempre se satisfaz. Ou seja, pensarmos numa repetição do mesmo obrigaria que considerássemos uma repetição da necessidade. Nesta perspectiva, tudo já seria conhecido e não haveria, nem ao menos, necessidade de repetição. Neste sentido, a "repetição demanda o novo, ela se volta para o lúdico que faz, desse novo, sua dimensão" (Lacan, 1998, [1964], p. 56).

Trabalhamos com a hipótese de que esse novo na repetição inclui um inesperado, um imprevisto, que por si engendra todo o movimento da repetição dos signos, numa tentativa de aproximar-se desse núcleo de real, que se apresentou pelo evento inesperado. Assim é que entendemos a afirmação lacaniana de que a repetição é produzida a partir de um acaso (Lacan, 1998, [1964], p. 56). Para nós, esse novo

introduz na repetição uma função que limita sua inscrição simbólica, ainda que o impacto desse não-articulável produza o fluxo da cadeia significante.

Por outro lado, se acompanhamos a afirmação lacaniana de que o real é o encontro do mesmo (Lacan, 1988, [1964], p. 52), não podemos sustentar a hipótese acima. Assim, também lidamos, temporariamente, com a hipótese que este novo pode ser pensado em termos de significante, já que a estrutura do significante comporta uma diferença radical em relação aos outros significantes (como propõe Lacan com as distinções entre o *Um* unificante e o *Um* distintivo). A partir da análise dos textos freudianos, que abordaremos no capítulo seguinte, procuraremos dirimir estas dificuldades.

Lúdico e diversidade aqui se entrecruzam para fazer da repetição algo mais do que a repetição da cadeia significante, e lhe reportar uma imprevisibilidade constitucional: "O verdadeiro segredo do lúdico é a diversidade mais radical que constitui a repetição em si mesma" (Idem). Assim, o termo repetição parece forçoso, pois há aí uma diversidade radical, quando se repete algo. Fink (1997, p. 239), ressalta que a repetição marca não o retorno do mesmo, mas o retorno do diferente, "de uma coisa outra", sendo sempre mal nomeada, e advoga que o tempo transcorrido entre os dois eventos (um que se passou e aquele que o sucede, na repetição), por si só já estabeleceria uma diferença radical entre eles. Pensamos que não apenas a diferença em torno da cronologia se destaca aí (pela intromissão do tempo), como também a diversidade ontológica dos eventos, pois sua própria definição está em questão.

Se a repetição demanda o novo, é porque não há encontro, a não ser faltoso, e por isso, a cada novo encontro, o que se encontra é outra coisa. Podemos concluir que a repetição não é o novo, mas em seu movimento, ela busca o novo.

A partir da discussão realizada até agora destacamos dois momentos conceituais na obra de Lacan no que respeita à repetição. Numa primeira abordagem, situamos a concepção de uma repetição significativa, fase freudiana de Lacan, a partir da discussão em torno da noção de facilitação, antecedente lógico, para o autor, do conceito de repetição. A partir da noção de um trilhamento associativo, que esta noção permite formular, situamos a leitura lacaniana de uma repetição essencialmente ligada à linguagem, traduzindo em seu movimento a estrutura da linguagem do inconsciente.

Procuramos ainda situar os limites desta concepção, demarcados na evolução do conceito, a partir do estabelecimento de uma falta radical de satisfação, pensada no registro da linguagem. É como um limite à simbolização que Lacan prevê um núcleo real na repetição, a partir do qual ele indica uma impossibilidade de encontro com o objeto da satisfação. Situamos este momento na obra, visando destacar ainda as implicações desta prerrogativa com o surgimento do novo e do imprevisto na clínica psicanalítica. Porém, que função terá a repetição na transferência? Como pensá-la em suas relações fundamentais com a transferência? Que implicações clínicas encontramos com a nova conceituação de repetição? São algumas das questões que mobilizam a continuação de nossa pesquisa. Pretendemos ainda, situar as considerações lacanianas acerca da repetição, nos textos freudianos fundamentais sobre o mesmo conceito, visando aprofundar as discussões em torno do novo e do imprevisto na repetição.

Este desenho que lhes dei hoje da função da *tiquê*, vocês verão que ele nos será essencial para retificar o que é o dever do analista na interpretação da transferência (Idem, p. 64).

## CAPÍTULO 2

### REPETIÇÃO: ETERNO RETORNO

#### FREUD COM LACAN

Procuraremos demonstrar neste segundo capítulo o diálogo que Lacan empreende com a obra freudiana, no que tange à repetição. Para tanto, visamos uma análise dos textos freudianos que compõem sua doutrina sobre o conceito de repetição, enviados por nossa leitura, a partir de Lacan, de uma repetição significativa - fase freudiana de Lacan - e das bases para o avanço lacaniano, que consiste na formulação da repetição em sua causa real.

Sabemos que o conceito de repetição em Freud - e o lugar de destaque conceitual que ela representa na sua obra - atravessa todo o trabalho do autor e não se inicia nas primeiras nomeações dos fenômenos de repetição. Não intencionamos, todavia, um estudo exaustivo da construção deste conceito em Freud, mas sim o destaque dos fundamentos para a compreensão deste fenômeno na articulação que Lacan lhe concede.

Como esclarecemos em nosso primeiro capítulo, partimos da constatação de um sentido que se repete, nos fenômenos da repetição, até a construção teórica de uma falta radical de sentido, que paradoxalmente, também se repete ali. Com esta chave de leitura atravessamos o trabalho freudiano, visando destacar as bases da leitura lacaniana. Para tanto, nos lançamos aos seus textos fundamentais *Recordar, repetir e elaborar* (1914a), *O estranho* (1919b), e *Além do princípio do prazer* (1920), e nos utilizamos de outras referências de sua obra no balizamento das concepções que são desenvolvidas e amadurecidas ali.

Alguns pontos de articulação se destacam no estudo do conceito de repetição em Freud. O estabelecimento de um limite preciso entre os conceitos de repetição e recordação parece atravessar toda a obra de Freud, o que evidencia uma dinâmica interna a estes dois fenômenos da clínica. No texto freudiano vemos uma preocupação em dirimir essas diferenças, seja em uma configuração exaustiva destes conceitos, seja na delimitação de suas funções na clínica. Outro ponto que surge é a correlação entre o repetir (passado atualizado) e a fruição do novo, largamente trabalhadas por Lacan. Por último, as relações entre a repetição e o recalcado e o estabelecimento da repetição em sua compulsão como marca do pulsional, o que nos introduz no terreno do gozo na repetição, do qual trataremos no final deste capítulo.

## **2.1 Repetição como *uma forma de recordação.***

Recordar e repetir (*Erinnern und Wiederholen*) são conceitos próximos no texto freudiano. Contudo, a formulação mais consistente da relação íntima destes dois fenômenos clínicos se apresenta em *Recordar, repetir e elaborar*, um texto clínico, desde que sua preocupação é destacar os impasses que a psicanálise vinha sofrendo em sua *práxis* e a oportunidade que estes mesmos impasses apresentam para um avanço teórico e um aprimoramento de sua técnica. Falemos, introdutoriamente então, da técnica.

Apresentando as várias fases pelas quais a análise passou, desde o início de sua clínica, Freud afirma que havia um trabalho a ser feito pelo paciente na análise, que estava sendo realizado pelo analista, na fase catártica da psicanálise. A constatação da importância deste dispêndio, representado pelo trabalho na análise, leva Freud a

substituir a ab-reação pela associação livre, na busca de superar a censura proveniente da mesma (Freud, 1980, [1914a], p. 193). Este é ainda um método intermediário entre a hipnose e a técnica final, operada por Freud. Aqui (no método intermediário) se substitui o foco específico do trauma (outrora visado na hipnose) pela livre flutuação do discurso do paciente e pela interpretação, que visava ali a identificação e conscientização das resistências do paciente (Idem).

Apesar de franca oscilação na técnica, o objetivo da análise era sempre o de preencher as lacunas da memória (descritivamente falando) e superar resistências devidas ao recalque (dinamicamente). Freud destaca, neste momento teórico da análise, a necessidade de preencher os buracos deixados para trás.

Vale a pena registrar, em relação às distinções entre recordar e repetir, que quando fala do método hipnótico, Freud se refere a uma distinção clara, por parte do paciente hipnotizado, entre o evento passado e a situação presente. Coisa totalmente diversa ocorre na repetição, onde, em geral, há indiferenciação entre o passado ali atuado e o presente, vivido na emergência da atualização. Vemos, em virtude desta indiferenciação entre o passado e o presente, na repetição, o estabelecimento de uma falsa unidade, que proporcionaria uma ilusão de retorno do mesmo. Ao contrário, através da hipnose, por essa diferenciação (aparentemente clara) entre o passado e o presente, a recordação parecia algo fácil, o que ocultava a dinâmica da neurose. A preocupação de Freud com este ponto de vista produziu a psicanálise: "Tenho podido declarar que a psicanálise propriamente dita começou quando dispensei o auxílio da hipnose" (Freud, 1980, [1916-17], p. 344).

Uma das questões subjacentes neste texto é aquela que indaga por que o sujeito esquece as coisas que são importantes para sua vida, e de modo mais geral, vemos um

questionamento à conceituação da recordação (*Erinnerung*), sua função e seus limites. Freud nos diz que "esquecer impressões, cenas ou experiências quase sempre se reduz a interceptá-las (bloqueá-las)" (Idem, p. 194). Uma familiaridade "acompanha" o recordar, traduzida nos relatos dos pacientes, que se referiam ao material recordado com um reconhecimento inesperado.

Em relação à função do recordar, podemos notar uma diferença entre a recordação do que é "interno" e do que é "externo" para Freud. Uma preocupação com a validade do evento esquecido é o que move tal diferenciação, mas nos interessa destacá-la, pois entendemos que esta noção acompanhará sua teorização até *Além do princípio do prazer*, onde isso é discutido do ponto de vista pulsional. Nos diz Freud que "outro grupo de processos psíquicos" - atos internos, que por sua natureza não podem ser contrastados com a experiência - deve ser visto separadamente, no que diz respeito às suas relações com o esquecido e com a recordação.

Nestes processos internos (como as fantasias, as relações entre os pensamentos, seus nexos causais e a auto-referência), ressalta Freud,

acontece, com extraordinária freqüência ser 'recordado' algo que nunca poderia ter sido esquecido, porque nunca foi, em ocasião nenhuma, notado - nunca foi consciente (Freud, 1980, [1914a], p. 194).

Há uma certeza de que o evento (fantasia, pensamento) ocorreu, e essa certeza se dá independentemente de que ele tenha, de fato, ocorrido. *O que nunca foi consciente* nos remete à diferenciação que Lacan traça entre o inconsciente e o recalçado em *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*: ali o recalçado é tomado como o expurgado, o banido, aquilo que já tendo sido consciente anteriormente, tornou-se inconsciente. Em contrapartida, o inconsciente é aí tomado como o nunca sabido, o que está à espera.

De toda forma, a leitura mais viável neste trecho, numa visada lacaniana é aquela que fala de um núcleo de real, *inassimilável*, em torno do qual as relações significantes se constroem. O furo no saber produz o movimento da repetição dos signos. É interessante que a tradução espanhola do texto freudiano, traga no lugar de *pensamentos* (como exemplo destes processos internos) *nexos*, o que nos remete, com mais clareza, à repetição dos signos, nas relações que os constituem.

Para introduzir a força da repetição na análise, Freud se remete aos tempos "calmos" da hipnose, quando a recordação era facilitada. A escolha por abandonar este método teve como ônus o enfrentamento da repetição, que aparece a partir da recusa à lembrança.

"Podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem naturalmente, saber que o está repetindo" (Freud, 1980, [1914a], p 196).

Assim, Freud opõe recordação e repetição. As duas vias são vias distintas no que tange ao tratamento. A repetição aparece aqui como impedimento, oposição ao tratamento. A repetição - entendemos inicialmente - demonstra uma resistência à associação livre, um muro. Contudo, a aliança entre a atuação e o sentido é aqui remarcada. A leitura lacaniana, num *segundo momento*<sup>12</sup> segue este rumo, ainda que de modo diverso. Indica ela que a repetição eclode, pois o sujeito se aproximou demais de um núcleo de real. Não apenas este núcleo é por ela exibido, mas também as coordenadas significantes que o circundam, pelas quais pode-se ler, ainda, a estória do sujeito. Algo é então reproduzido na repetição, escrita do inconsciente, num rastro de sentido que viabilize esta construção.

---

<sup>12</sup> O que aqui denominamos "segundo momento" da teorização de Lacan, é o período que se inicia com as reformulações teóricas dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, em 1964.

Não haveria, deste modo, uma recusa intencional, como o próprio Freud o demonstra, e muito menos algo que possa ser entendido como a demonstração de uma intenção de não cooperação do paciente. O assujeitamento à repetição também já está presente, neste texto, onde aparece, pela primeira vez, na obra freudiana, a noção de um forçamento pulsional, que a repetição representa. O paciente atua, sem o saber. Está, desta forma, forçado.

Enquanto o paciente está em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição, e no final compreendemos que esta é sua maneira de recordar (Freud, 1980, [1914a], p.197).

Destacamos a primeira aparição da repetição enquanto compulsão, na obra de Freud. A repetição é ali destacada não apenas em sua roupagem de compulsão, mas também como uma forma de recordar. Lacan propõe uma estrutura para a repetição a partir da leitura dos termos aristotélicos *tiquê e automaton* (como já vimos), insistindo que *automaton*, regido pelo princípio do prazer, exhibe o giro dos significantes, ou seja, o próprio fazer da linguagem. Se repetir é uma forma de recordar, é também uma forma de contar uma estória do sujeito. Assim, esta aproximação anunciada por Freud entre recordar e repetir (e de certa forma, também seu distanciamento), também pode ser lida aqui, por nós, como uma aproximação pelo sentido que ambas comportam. Por esse sentido é que a repetição pode ser trazida para o tratamento, sob a força da transferência. Sua separação mais radical (entre recordar e repetir) reside exatamente, para nós, no que a repetição engendra de falta de sentido, afastamento da lembrança, vertente que Freud trabalhará mais em 1920.

Introduzir a repetição como *uma forma* de recordar, mas uma forma de recordar *sem* a lembrança, destaca sua função de atuação e seu distanciamento do simbólico, já que um sentido não é evidenciado. Lacan define o ato a partir de suas relações com o

real, enquanto limite ao simbólico. Teria o núcleo (real) da repetição levado Freud a rever sua discussão em torno da mesma? Como sustentar que a repetição é tão somente repetição de uma palavra (repetição significativa), se insiste também nela o ato? E ainda, o que nos revela este ato, no que tange à função da transferência?

O que nos interessa, acima de tudo, é naturalmente, a relação desta compulsão à repetição com a transferência e com a resistência (Freud, 1980, [1914a], p. 197).

A importância das vinculações entre os conceitos de transferência e repetição são o tema principal de *Recordar, repetir e elaborar*, que destaca ainda a função da resistência nesse emaranhado conceitual. Discutir a transferência, para nós, é indagar pela função da repetição e Freud neste ponto nos auxilia: "a repetição é uma transferência do passado esquecido, enquanto que a transferência é apenas um fragmento da repetição" (Idem, p. 197). Entendemos que estas superposições dos dois conceitos (um é definido pelo outro) ressalta a articulação entre repetição e recalçamento, pois o "passado" esquecido, é aquele que foi banido, represado pelo recalçamento, e tornado atual, pela repetição. O fenômeno da repetição, evidente na transferência, entendemos nós, produz esta conceituação entrelaçada entre repetição e transferência. Deste modo, a própria transferência de um passado esquecido, como definição de repetição, sustenta a revisão lacaniana da repetição como insistência significativa, sentido que se repete.

Não apenas o analista, nos lembra Freud, mas também outros aspectos da atualidade recebem este encargo do passado. Talvez aqui já se possa ver o elo que Lacan constrói em 1964 (p. 56) entre o passado, contado pelos significantes, e o novo que a repetição comporta, pois o analista representa uma diferença radical em relação a

um passado que agora ressurge, a partir dele, na transferência. Seria a função do analista - e seu lugar na transferência - a de encarnar esse novo, obstáculo à própria repetição?

Ainda em relação à estreita vinculação entre transferência e repetição, uma como o avesso da outra, podemos ainda indagar: afirmar que o cerne mesmo da transferência é a repetição, implica em remontá-la essencialmente ao simbólico e em estabelecer o tratamento que se deve dar a ela por este caminho?

Ora, Freud parece avisado deste engodo, pois no mesmo artigo articula uma vertente de "realidade" na transferência, pela qual, inclusive, podem ocorrer os entraves ao tratamento. Deste modo, analisando ainda o entrecruzamento das noções de repetição e transferência, ressalta que onde há repetição, há invariavelmente resistência, pois "o recordar ideal do que foi esquecido, que ocorre na hipnose, corresponde a um estado no qual a resistência foi posta completamente de lado" (Idem, p. 197).

Não podemos deixar de notar que Freud se deixa conduzir por um ideal de analista, quando propõe uma *recordação ideal*, nos remetendo a um registro fidedigno do acontecimento. De qualquer modo, é interessante a relação positiva que ele traça entre a repetição e a resistência. Onde uma se encontra, a outra também se apresenta. Se partimos da virada lacaniana (1964), que privilegia a causa real da repetição, necessariamente precisaremos discutir também a posição conceitual da resistência, nesta remodelagem.

A relação entre resistência e repetição se intensifica na pena de Freud, afirmando inclusive ele que, no decorrer de uma análise onde a transferência é muito intensa ou hostil, "as resistências determinam a seqüência do material que deve ser repetido" (1980, [1914a], p. 198). Aqui podemos ver que Freud declara a existência de uma ordenação (seqüencial) para a repetição. Ela não é aleatória, obedece uma sinalização

significante, como nos diz Lacan, ainda que se apresente como um ato. A repetição é ordenada pelo inconsciente, pela linguagem que o precede.

Freud destaca ainda que essa seqüência - este desenrolar dos significantes e seus atrelamentos que conduzem aos sintomas - é controlada pela resistência. Aqui a resistência revela uma face simbólica, pois está enodada ao significante, dando-lhe partida. Em *O seminário, livro II* (1988, [1964], p. 53) Lacan apresenta a aproximação do real - limite à simbolização - no limite da rememoração. Pela substituição dos significantes (a que o recordar dá vazão), o sujeito se aproxima de um foco, de um centro, que se impõe como um limite a este desenrolar significante. Neste ponto de vacilação de toda simbolização, a repetição aparece, soberana, sob a forma da resistência do sujeito. Assim, a resistência se aproxima também desse núcleo de real, numa manifestação do assujeitamento que ele confere ao sujeito. Se numa visão freudiana a ligação entre os termos repetição e transferência não pode ocorrer, sem levarmos em conta a resistência, o estatuto da resistência também exige um reordenamento conceitual, a partir de uma retomada daquelas relações. É o parece indicar a conclusão do texto freudiano: "Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência" (Idem, p. 198.) Mas, indaga ele, o que o paciente, de fato, repete? O que se repete na repetição?

Nos responde Freud que o sujeito repete o que do recalcado avançou para a superfície. O que se repete, pensamos nós, vem das fontes do recalcado. A repetição é repetição dos signos, nos diz Lacan, em todo o seu ensino. Contudo, o ensino freudiano é aqui, essencialmente, heurístico. Ressalta o autor que não é só do passado que se trata (história que o significante pode contar), pois a doença se encontra atuante *agora*, na relação com o analista. Assim, "devemos tratar sua doença não como um conhecimento

do passado, mas como uma força atual" (Freud, 1980, [1914a], p. 198). Freud ressalta que o trabalho terapêutico consiste, *em boa parte*, em remontar a neurose novamente ao passado. Se boa parte do trabalho é remontar o sintoma para o passado, algo do tratamento deve se vincular ao que é novo, a relação com o analista, entendemos nós. Terá aí a repetição sua vertente de imprevisto?

Laia (2004<sup>13</sup>) nos indica que o inesperado, o imprevisto, é constituinte da experiência analítica e pela presença do analista encontra sua expressão, "de modo que um analista *pode até* se colocar como o próprio agente do imprevisto" (grifo nosso). Seria esta presença do analista, no que ela revela de imprevisto, algo contingente ou estrutural?

Vemos que Freud neste texto se depara com a compulsão à repetição, na transferência, estabelecendo parâmetros para abordá-la. Ele então a remete ao passado, mas também evidencia, de sua presença, uma vinculação ao presente, e especificamente, à presença do analista. Destaca ele que a repetição é a atuação do recalado. Porém, também ressalta um fragmento da vida real:

O repetir, no curso do tratamento analítico, ( ... ) equívale a convocar um *fragmento de vida real*, e por isso não pode ser, em todo os casos, inofensivo e carente de perigo<sup>14</sup> (Freud, 1980, [1914a], CD-ROM, grifo nosso).

No que respeita à repetição, o novo se apresenta neste fragmento de realidade, demandando-o, na presença do analista. Em assim sendo, tanto o significante

---

<sup>13</sup> Publicação eletrônica.

<sup>14</sup> Esse *fragmento de vida real* de que trata Freud será discutido no capítulo sobre a transferência. Só adiantamos aqui, para efeito de esclarecimento, que entendemos este real em causa na transferência, não como a apreensão de uma realidade imaginária, nem tampouco a realidade psíquica, expressão da fantasia, mas ao contrário, a expressão de um real que traz a relevância daquilo que não pode ser simbolizado, limite irreduzível a toda representação.

(simbólico) quanto o novo (fragmento da realidade) comparecem no exemplo clínico da repetição.

A importância deste fragmento de realidade é tanta que Freud atribui a ele um possível insucesso no tratamento. Teria sido a aparente oposição, que esta faceta parece mostrar ao desvelamento significativo, o que levou Freud a considerá-la um *perigo* à condução do tratamento? Sua vertente de imprevisto e de ausência de modelo na vida real comportaria este impasse em relação à clínica? São questões suscitadas agora para um maior aprofundamento no capítulo sobre a transferência.

Como já discutimos, Freud se pauta pelas diferenças entre a recordação e a repetição, distinção essa que também aparece nos métodos, que tais construções determinam. Assim, a hipnose, era "um experimento realizado em laboratório" (Idem, p. 198) em contrapartida ao método final, em que a repetição encontra seu lugar. A "realidade" é conduzida para o tratamento analítico, através da transferência.

Freud adverte ainda para outro perigo que o tratamento pode conjurar. Novas e mais profundas moções pulsionais pode ser ativadas, pela repetição, a partir do início do tratamento, "que até então não se haviam feito sentir" (Idem, p. 199). Outrossim, parece que aqui Freud se refere ao recalco que encontra escoamento pela transferência. Por isso, o combate à repetição é a tônica deste texto. Freud parece convencido que o analista, escorado na transferência, deve travar um embate com as forças pulsionais que se fazem notar na repetição. Por outro lado, pensamos nós, isso se passa no nível do ideal de uma análise, pois a recordação plena não é, totalmente, possível. Uma dinâmica entre recordar e repetir parece não apenas conduzir às argumentações teóricas em torno dos impasses da análise, como também em torno da eficácia da mesma.

Recordar à maneira antiga - reprodução no campo psíquico - é o objetivo a que adere o analista, ainda que saiba que tal objetivo não pode ser atingido na nova técnica (Freud, 1980, [1914a], p. 200).

É de uma aposta que fala Freud na mediação da repetição, ou é uma escolha pela interpretação? Parece-nos que Freud aqui acentua o valor da análise e a função do analista, numa posição de ideal, quando ressalta que a transferência é um elo que possibilita ao analista, através do tratamento, impedir o paciente de repetir, utilizando-se ainda, da força da repetição, no próprio trabalho de análise (Idem, p. 200). Terá Freud relativizado o poder do analista em relação à repetição, quando a ela atribuir a força da pulsão? É o que trabalharemos a partir da análise de seu texto *Além do princípio do prazer*.

Se em *Recordar, repetir e elaborar* (1980, [1914a]), repetição e transferência parecem se definir, uma pela outra, Lacan, por sua vez, esclarece que a transferência não é a repetição (1998, [1964], p. 52). Indicar que a transferência não é a repetição, a nosso ver, implica em destacar que podemos entender Freud por este viés, de que a transferência é uma arma poderosa junto à repetição, porque elas jogam no mesmo campo. Implica, ainda, em que reconheçamos que elas se confundem numa abordagem apressada. Podemos equipará-las em sua determinação inconsciente (simbólica), mas há também um núcleo de real na repetição que é exposto na transferência. Se a transferência exhibe esta repetição (em seu núcleo inassimilável de real) como o manejo da transferência pode fazer frente a ela? E, por outro lado, será que se trata de neutralizá-la no tratamento?

A esse respeito, abordando a função da transferência, Lacan destaca que o lúdico e o novo da repetição estão interligados. Nada mais próximo de Freud, que afirma que o lúdico da transferência (a transferência como um *playground* da repetição) garante à

repetição um campo definido, livre para sua manifestação. Ali a repetição, mediada pela presença do analista, pode atuar e o sujeito pode então estabelecer outros modos de satisfação. Repetir passa então, pelo brincar. Lembremos que este caráter lúdico da repetição será retomado mais tarde, em 1920, como pivô das reformulações teóricas de Freud sobre a pulsão. O caráter do lúdico, do jogo significativo que se produz na análise, é, contudo, já indicado em 1914, já que o autor ressalta que, desde que o paciente siga as normas da análise (associação livre) o analista consegue, pela liberdade outorgada no espaço analítico, estabelecer um sentido aos sintomas da neurose. Este sentido é conferido graças à instalação de uma nova neurose, a neurose de transferência, que pode ser tratada pela análise (Idem, p. 201).

Destacamos que a repetição é, deste modo, a via do tratamento, pois ela forja a existência de uma neurose de transferência, única que pode ser tratada pela análise. Lembremos, nesse contexto, a acepção lacaniana, que ressalta que é pela repetição que o homem encontra seu caminho (Lacan 1987 [1954-55], p. 116). Repetir se torna uma saída para a neurose, desde que, pelo estabelecimento da transferência, repetir pode forjar algo novo na relação analítica. Pretendemos desenvolver a questão: Será a repetição condição de tratamento? E em se tratando de uma legitimidade desta suposição - de que a repetição é a condição para o estabelecimento da neurose de transferência, única que pode ser tratada pela análise - não estaríamos aí frente à manifestação de Eros? Como conciliar esta premissa com o "além do princípio do prazer"?

Consideremos ainda, antes de passarmos à tentativa de responder a estas difíceis questões, a *artificialidade* da neurose de transferência. Para Freud, a transferência

comporta uma nova realidade, mas uma realidade que se apresenta sob determinadas condições (o espaço analítico), resguardando uma certa contingência em sua origem.

Não há apenas transferência simbólica, do recalçado, há também uma "realidade" em causa. Entendemos ainda que, a despeito desta constatação de uma realidade na cena analítica, sem contudo, desconsiderá-la, o autor ressalte as determinações simbólicas da transferência e da repetição, pois afirma, em finalização ao seu pensamento que o recalçado, pelo tratamento, se evidenciará através de caminhos familiares:

A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldade, por assim dizer, após a resistência ter sido superada (Freud, 1980, [1914a], p. 201).

## **2.2 Novo e estranho na repetição.**

Analisemos melhor a dinâmica estabelecida entre o novo e o mesmo presentes na repetição. Freud retoma o tema do novo em seu artigo *O estranho* (1919b), quando trabalha a oposição lógica entre o que é familiar e o que é estranho. Deve-se levar em conta que o foco do trabalho freudiano, neste artigo, é a discussão em torno do recalçamento e seus efeitos, foco este discutido, a partir do estranho e do familiar. O novo e o não familiar são aqui tomados em suas semelhanças, com a ressalva de que nem tudo o que é novo - não familiar - pode ser considerado ameaçador: "Algo do novo é estranho, mas não tudo" (1980, [1919b], CD-ROM). O novo tem uma ambigüidade constitutiva, já que facilmente o que é novo pode ser estranho e assustador. Há uma certa maleabilidade no novo, que o torna estranho, com certa

facilidade, mas sob a interferência do recalçamento. Assim, "algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho" (Idem, p. 277).

É a ação do recalçamento que torna o novo algo que causa estranhamento e podemos cotejar aqui, novamente, a diferenciação lacaniana entre o recalcado e o inconsciente. O novo, entendemos nós (num momento lógico que é anterior ao recalçamento), representaria esta esfera do inconsciente, não-sabido, à espera; enquanto que o estranho nos remete ao que é repudiado, *tornado estranho*.

Nossa hipótese no final do primeiro capítulo (p. 36) indagava acerca da função do significante no que Lacan define como *novo* (Lacan, 1998, [1964], p. 62). É com certa surpresa que encontramos eco no texto freudiano sobre o estranho para a elucidação desta questão. Freud ressalta que pretende ir além da equação estranho = não-familiar. Que função teria então o novo neste esforço?

Analisando o tema do estranho - do que provoca estranheza - a partir da literatura (em particular dos contos fantásticos de Hoffmann), Freud destaca que aquilo que tais temas destacam do estranhamento é o fenômeno do duplo, que nos remete sempre às questões do imaginário e da fluidez do eu. Como aqui ressalta Freud, trata-se de "duplicação, divisão, e intercâmbio do eu" (Idem, p. 177). Neste contexto, destacamos ainda: "há finalmente o retorno constante da mesma coisa" (Idem), porta de acesso para pensar a repetição sob esta perspectiva do estranho e do familiar.

Pelo *eterno retorno do mesmo* (Idem), Freud entende aqui a repetição dos crimes, características, destinos, até mesmo através das gerações. No primeiro capítulo de nossa tese, discutimos o retorno do mesmo, vinculada, por Lacan, ao real. Neste período teórico (Lacan, 1988, [1964], p. 52), Lacan conceitua que o real é o que retorna

sempre ao mesmo lugar, enquanto que pelo próprio movimento dos significantes, ocorre um novo engendramento significativo.

Chamamos atenção para o fato de que aqui este núcleo do mesmo, na obra freudiana, é pensado, pelo autor, como um retorno de sentido, pela repetição de cenas, datas, nomes, crimes. Por outro lado, destacamos em nosso primeiro capítulo que Lacan trabalha, inicialmente, na repetição, com a vertente do sentido que insiste, nos nomes, fatos, circunstâncias; e só posteriormente, em 1964, destaca do texto freudiano também este inassimilável, que retorna e se exhibe, na repetição. Não há aí incompatibilidade num suposto *retorno* a Freud?

Para responder a esta questão, analisemos melhor este *mesmo* freudiano, implicado na repetição. Não podemos nos furtar ao exame do que acompanha o retorno do mesmo, para Freud. Os "acompanhantes" são o susto e o desamparo, indicativos de uma não apropriação, pelo sujeito, do ato que lhe concerne (repetição de itinerários, nomes, datas, etc.). Assim, podemos entender uma base conceitual freudiana em Lacan, (e, mais do que isso, novamente um retorno a Freud) também na remodelação do conceito de repetição. Sim, pois se num primeiro momento o "eterno retorno do mesmo" é pensado por Lacan em termos de retorno de significantes (mesmos nomes, datas, etc.), e isso encontra eco evidente na obra freudiana, num segundo momento (1964) *o mesmo* implicado aí, é destacado por Lacan, tendo em vista o que ele revela de uma não apropriação simbólica (aqui indicada pelo susto), que torna todo sentido, ali exibido na repetição, falho e inconsistente, por não conseguir evitar uma nova repetição.

Freud destaca esta repetição do mesmo como uma defesa contra a extinção e ainda, como uma negação à morte. Indica ainda o autor que o duplo, que aqui aparece

pela repetição "do destino", após ter esgotado sua etapa de preservação da morte (no narcisismo), retorna, como anunciador da mesma.

Como outro aspecto do duplo (além da função narcísica de defesa contra a morte), Freud destaca sua função de auto-observação e crítica do eu, reconhecida normalmente como "consciência" (com sua tonalidade moral). Por esta atividade uma parte do eu é tomada como um objeto de investigação.

Ainda explorando a questão do duplo, como fenômeno potencialmente "estranho", Freud destaca que nem sempre a repetição da mesma coisa nos desperta uma sensação de estranhamento. Contudo, combinado a determinadas circunstâncias e condições, produz este resultado, acompanhado, ainda, de desamparo. Neste percurso, ele cita seu famoso retorno involuntário a uma rua de prostituição na Itália, concluindo que tais situações - onde se presentifica um "retorno involuntário da mesma situação" (Idem, p. 296) - se aproximam pelo sentimento de estranheza e desamparo que ocasionam. É interessante que aqui novamente podemos "aplicar" a leitura lacaniana da repetição, tanto em sua vertente da significação que insiste (seja pela repetição da mesma cena, da mesma rua por onde Freud é levado a caminhar, sem se aperceber), quanto em sua vertente de encontro do real (quando, após estas mesmas tentativas de se afastar da famosa rua, ele a reencontra, com espanto, sem que tenha podido tomar direção oposta).

A esta sensação de estranhamento e assujeitamento (uma ação involuntária), da qual ela provém, Freud acrescenta ainda a imposição de que isso se deve a algo "fatídico e inescapável" (Idem, p. 296), onde antes havia a clara impressão da ocorrência de um acaso. Vemos então a conceituação do acaso como algo essencialmente inconsciente e involuntário, experimentado como um assujeitamento.

Assim, indícios sempre repetidos (como o surgimento de um mesmo número várias vezes num dia ou numa semana) comprovam, para o sujeito, a suspeita de que algo demoníaco se passa. O significante, em sua repetição, nos remete, neste momento, para as relações deste acaso com a linguagem. Por outro lado, nos impõe, ainda, a partir da leitura de Lacan, a constatação de um real em causa, que produz esta repetição significativa.

Santos (2002, p. 121), em seu estudo sobre a repetição na obra de Freud, destaca que em Freud o acaso sempre é significativo, pois está referido ao inconsciente. A intenção que determina a repetição é pensada como a insistência das forças inconscientes. Enfatiza ainda a autora que a inovação de Lacan, de abordar o acaso pela via da *tiquê* evidencia um impasse na obra freudiana. O acaso, para Freud, remete sempre a essa repetição dos sentidos e "de fato, a elaboração do conceito de repetição apenas pela via do simbólico deixa de fora esse aspecto do traumatismo *a posteriori*, que ( ... ) se funda numa repetição" (Idem, p. 121-2). Entendemos que não se trata da exclusão do registro significativo da repetição em Lacan, mas de seu avanço na demonstração de um núcleo que não depende do significante.

Deste modo, a repetição é descrita por Freud já em seu caráter de compulsão, descontrolada por parte do sujeito, destacada assim sua origem pulsional. Porém não aparece ainda, em 1919, sua referência à pulsão de morte.

É possível reconhecer ( ... ) a *predominância* de uma compulsão à repetição, procedente das moções pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões, forte o suficiente para prevalecer sobre o princípio do prazer (Freud, 1980, [1919b], p. 297, grifo nosso).

Como vemos, Freud destaca um assujeitamento, a partir da compreensão de um predominância da repetição. Esse assujeitamento, insistimos, se dá a partir da *tiquê*, encontro com o inassimilável. Sua prevalência sobre o princípio do prazer, que

comentaremos mais a seguir, nos remete aqui à produção significativa engendrada pelo próprio princípio do prazer, "em resposta" a esse encontro com a falta.

A independência que a compulsão à repetição guarda, em relação ao princípio do prazer já aparece em *O estranho* (e Freud aqui se refere a *Mais Além do princípio do prazer* como acabado). Como não há menção à pulsão de morte neste trabalho - ainda que Freud vá a ela se referir, essencialmente em virtude da sensação de estranhamento que a visão dos cadáveres proporciona aos homens e ao desconhecimento em torno da mesma (Idem, p. 301) - entendemos que a noção da mesma revigora a discussão anterior de Freud sobre a compulsão à repetição, dando-lhe novo estatuto, frente ao domínio pulsional.

Neste sentido, Santos (2002, p. 94) destaca ainda que o trabalho freudiano em torno da repetição revela uma perlaboração, um "virar-se sobre si mesmo", redobrar-se, num avanço evidente, que por isso mesmo, demanda um retorno sempre constante às premissas.

### **2.3 Compulsão à repetição e pulsão. A repetição é pulsional: Pulsão de vida e pulsão de morte na repetição.**

Nossa análise do texto fundamental de Freud sobre a compulsão à repetição obedece alguns objetivos indicados pelas questões: Que implicações há na transferência quando dizemos que a compulsão à repetição é pulsional? Como podemos situar a dinâmica entre pulsão de vida e pulsão de morte na transferência? Como pensar a pulsão de morte nas duas vertentes da repetição na conceituação lacaniana (significante e real?). É com base nestas questões que trabalharemos este inesgotável texto de Freud.

*Além do princípio do prazer* destaca a teoria econômica de Freud. Em todo seu texto, Freud se refere a quantidades de energia numa movimentação que lembra o funcionamento de uma máquina. Sua definição de um "escudo protetor", neste sentido, exhibe esta forma de abordagem dos processos psíquicos. A teoria econômica, entendemos, é o instrumento freudiano para explicar os obstáculos à teoria do princípio do prazer, que já se faziam notar então, pelos anos de clínica e de teorização precedentes. Desde o princípio de sua obra ele procura situar esses impasses conceitualmente, a partir da relativização de suas concepções precedentes acerca do princípio do prazer.

As oposições à suposição de um prazer constituinte do psiquismo eram já evidentes na clínica. Lembremos que em 1914, no texto *Recordar, repetir e elaborar*, Freud destaca que chegavam até ele descrições de fracassos da análise das resistências. Sabemos que a própria clínica de Freud demonstrou impasses, no que respeita à interpretação, exigindo nova reordenação teórica de seus princípios. Ele persegue aqui uma explicação mais plausível aos imperativos de prazer e desprazer que se faziam notar na clínica, todos os dias. Se os áureos tempos da cooperação catártica já haviam passado há muito, agora a psicanálise se deparava com o fracasso de uma forma mais declarada.

De todo modo, Freud inicia seu trabalho dizendo que abordar tais imperativos (do prazer e do desprazer) é "o âmbito mais obscuro e inacessível da vida anímica e desde que não podemos evitar de tocá-lo, devemos adotar a hipótese menos rígida de que dispomos". (Freud, 1985, [1920], CD-ROM). Chama-nos a atenção aqui a ordenação do campo a que se propõe investigar, exatamente pelo que ele estabelece de obscuridade e falta de parâmetros. Não é à toa que Lacan, ao se referir à *tiquê*, encontro

do real, na reformulação dos conceitos fundamentais da psicanálise, aborde exatamente este texto como principal.

A hipótese que lhe parece mais flexível é a que relaciona o prazer e o desprazer a uma diminuição e a um aumento da quantidade de excitação não vinculada (respectivamente). Variações quantitativas de excitação corresponderiam, assim, a determinadas sensações, de prazer ou de desprazer. A esta hipótese, Freud ainda relaciona o fator temporal à dimensão da pulsão; sendo assim, a duração do aumento ou da diminuição da excitação é o que geraria o prazer ou o desprazer.

A dominância do princípio do prazer na vida anímica, na obra de Freud, se inscreve a partir da teoria da constância, pela qual há a manutenção da quantidade de excitação tão baixa quanto possível, gerando prazer. Assim,

O princípio do prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer (Idem, p. 19).

Ora, a clínica mostra que nem sempre se mantém um estado como este, e que, regra geral, devemos admitir, no máximo, *uma tendência ao prazer*. As demonstrações da inibição do princípio do prazer se fazem logo notar pela derivação de um princípio de realidade, logicamente posterior ao primeiro. O princípio de realidade representa, para Freud, um grande obstáculo à obtenção do prazer, seja pelo adiamento e tolerância ao desprazer que ele acolhe, visando uma satisfação futura, seja pelo abandono de uma grande gama de possibilidades de obtê-lo. O desprazer se faz notar, deste modo, na regulação do princípio do prazer pelo princípio de realidade.

A outra forma de inibição do princípio do prazer ressaltada por Freud se refere ao desenvolvimento do eu. Nos diz o autor que o eu passa por divisões e conflitos na sua luta por obter mais complexidade e unidade. Pelo recalque, moções pulsionais que

reclamavam por prazer encontram agora expressão sintomática, resultando em desprazer para o eu.

Também cotejamos com esta leitura de Freud a interpretação lacaniana desta perda de prazer oriunda do encontro do sujeito com o que lhe causa. Evidencia Lacan que

Vemos aqui um ponto que o sujeito só pode aproximar dividindo-se a si mesmo, num certo número de instâncias ( ... ) aí parece qualquer concepção de unidade do psiquismo (Lacan, 1998, [1964], p. 53).

A ruptura do princípio do prazer ocorrida aqui nos remete à própria ruptura do sujeito. Contudo, adverte-nos Freud que o prazer do neurótico é aquele que "não pode ser sentido como tal" (Idem, p. 21), indicando, pelo recálque, uma história do desejo a ser resgatada. Entendemos que nossa abordagem inicial, por via da interpretação lacaniana, faz destacar, mais do que esta perspectiva significativa, seu fundamento.

Outrossim, destaca ainda Freud, que estas duas antíteses ao princípio do prazer - o princípio de realidade e o desenvolvimento do eu - não o excluem, são apenas diálogos com o mesmo.

Perseguindo sua hipótese inicial, que prevê um princípio que contraria o princípio de prazer, Freud discute a neurose traumática, de guerra e comum, destacando que a análise da primeira evidência "o fator da surpresa, do susto (...) [que é] o fator de sua causação" (Idem, p. 23). O susto (*Schreck*) é uma reação ao perigo, que indica a falta de preparo, deixando a descoberto o desamparo. Na conferência sobre a angústia, cinco anos depois, Freud descreve novamente as relações entre a angústia, o susto e o medo, como o faz aqui (apesar de apenas destacarmos apenas sua análise do susto). Ali, em 1925, Freud define o susto como algo que se passa como se não houvesse qualquer preparação (da qual a angústia seria um sinal). "A ansiedade é por um lado uma

expectativa de um trauma, e por outro, uma repetição dele em forma atenuada" (Freud, 1980, [1925], p. 191).

Vemos que nesta retomada Freud enfatiza ainda mais este encontro com um incompreensível, que o trauma exhibe. Assim, a função da angústia está logicamente ligada a este incompreensível, tendo dupla origem: como direta consequência do encontro traumático (angústia automática) ou já a partir de algum domínio da situação traumática, como um sinal, que indica uma ameaça de ocorrência de um novo trauma. Aí, o trauma, como aquilo que rompe o escudo protetor do princípio do prazer, é retomado em pequena medida, no sinal de angústia, e eclode, frente a um perigo, quando o sujeito está prestes a de novo ser invadido por algo que não é capaz de representar.

A expressão da pulsão é mais evidente quando há uma perturbação de um equilíbrio previamente instaurado. Isso demonstra o caráter conservador da pulsão, que procura sempre retornar a um estado de constância. Este "retorno" é visível nos fenômenos da compulsão à repetição. Neste sentido, "a compulsão à repetição expressa a natureza conservadora das pulsões" (Idem).

É remetendo-se aos sonhos traumáticos que Freud avança, na concepção deste princípio mais fundamental que o princípio do prazer. Estes sonhos retratam não apenas a cena vivida, traumática, *mas reproduzem um novo susto*. A perspectiva do sonho como uma realização de desejo é questionada, já que Freud pressupõe que não apenas a repetição do susto, como a não existência de sintomas na vigília dos sonhadores, levam a considerar que tais sonhos não exibem uma recordação (de acordo com sua tese geral, de que os histéricos sofrem de reminiscências 1980, [1895], p. 5), levando à concepção de que tais sonhos revelam uma função desconhecida.

As referências ao sonho traumático são bem esclarecedoras, apesar de só ganharem em fidedignidade, no texto freudiano, após uma análise mais exaustiva das outras manifestações da repetição. O sonho traumático nada revela de uma recordação, por sua ausência de associação entre idéias. O que aparece ali é o registro permanente da mesma cena, não dialetizada por outras significações. Ele é assim uma exceção à teoria dos sonhos. Santos (2002) se refere a tais sonhos, destacando que

ele (o sonho traumático) parece revelar que o sujeito não pode deixar de experimentar a mesma coisa (o mesmo susto) sempre a partir do acaso, do acidental (Idem, p. 95).

Pensamos que o sonho traumático revela um não planejamento, um acidente. O susto é tributário deste não planejamento, ainda que nada de novo se mostre ali. O assustar-se diante do mesmo revela, deste mesmo, um *novo constituinte*, pelo núcleo de um algo que não foi assimilado, representado. Se não pôde ser representado, não há previsão possível. A repetição se funda então na antinomia. O susto, a sensação de desconforto que acompanha a repetição (para além do prazer), revela esta não apropriação do sujeito de algo com o quê sempre de novo se encontra. Contudo, a primeira abordagem desta exceção à regra parece obscura para Freud e ele a abandona em favor da consideração das brincadeiras das crianças.

#### **2.4 Brincar de fazer o mesmo: A repetição e o lúdico.**

Jones (1989, p. 270) destaca que a visita que Freud fez à sua filha Sofie, em 1915, quando teria observado seu netinho, Ernst, a brincar com o carretel, o marcara tão profundamente que possibilitara toda sua reformulação teórica. A genialidade freudiana toma aqui sua maior expressão.

Na análise da brincadeira das crianças o que se destaca, inicialmente, é o fator econômico (como já comentamos), pelo enfoque à quantidade de prazer produzido ali. A repetição do ato de brincar é retomada por Freud aqui, que a destaca como um *jogo*, que consistia em "fazer desaparecer"/"desaparecer" e "fazer voltar"/"voltar" (*Fort-Da*) um objeto, sempre de novo. Como já descrevemos, a título de introdução do primeiro capítulo, tanto a atividade do menino (de jogar um carretel e fazê-lo retornar por uma cordinha, numa segunda parte da mesma atividade), bem como sua medida de encantamento (prazer) e obrigação, estão aqui demarcadas.

É interessante que Freud destaque que o jogo demonstra o ganho cultural que a criança tem por uma renúncia pulsional - no caso em questão, no *fort/da*, de acatar o afastamento da mãe, sem protesto. A linguagem aqui se torna uma conquista, e nesse sentido, é nesse momento que o menino em questão demonstra seu primeiro domínio da linguagem articulada (oposição de dois fonemas), demonstrando, também uma apropriação inicial do meio cultural em que está inserido. Por outro lado, numa vertente lacaniana, podemos nos perguntar quem domina quem, quando nos deparamos com o encantamento (e o assujeitamento) do menino à força da repetição da atividade (*Zwang*), exatamente o que motiva o nosso interesse e o de Freud. O autor destaca que o segundo movimento, o de fazer retornar o carretel, era o momento de produção de maior prazer.

A questão que Freud propõe se refere à dominância do princípio do prazer, pois a repetição de uma ação desprazerosa (a saída da mãe) se revertia, (pelo próprio rito) num prazer (de fazer retornar). Aqui Freud destaca que o primeiro movimento, que encenava sua partida, era tão importante quanto o segundo, e até mesmo mais repetido que o segundo, ressaltando que tanto o desprazer quanto o prazer devem ser levados em

consideração como objetivos do jogo<sup>15</sup>. Da passividade de ser deixado (e ver partir) à atividade de trazer de volta, pelo rito da repetição, o desagradável tornava-se agradável. Os dois estão definidos no brincar.

Outro ponto que não escapa a Freud é o da vingança exercida pela criança contra a mãe, por sua partida, o que encontrará eco mais tarde, quando, tendo o pai do menino ido para a guerra, repetiu-se o jogo, com a adição da exclamação: *Vá para a frente!* (1975, [1920], p. 26) numa alusão, segundo Freud, à frente de batalha, em que o pai estava.

As duas interpretações - a da obtenção do prazer pela produção do retorno do objeto (numa transposição da posição de passividade à de atividade), quanto a da vingança da mãe - deixam a descoberto que uma experiência de dominação não descarta a dominância do princípio do prazer. Freud se declara em dúvida se de fato ali haveria este domínio. Nos parece que a conclusão de Freud, no que tange à análise desta brincadeira infantil, é que por manter um prazer evidente na repetição. Deste modo, tal ato não nos conduz ao âmago do problema de um além do prazer radical. Todavia, sua *dúvida* em torno desta aplicabilidade ressalta uma hiância para o debate.

Ficamos em dúvida quanto a saber se o impulso para elaborar na mente alguma experiência de dominação, de modo a tornar-se senhor dela, pode encontrar expressão como um evento primário e independente do princípio do prazer (Freud, 1975, [1920], p. 28).

Um pouco mais adiante neste mesmo texto, Freud (Idem, p. 50) destaca a força do trauma na brincadeira, com uma função adicional: o *domínio ativo* do desprazer, marcando na brincadeira a função do desejo que irrompe exatamente ali onde um

---

<sup>15</sup> Entendemos que aqui tanto o desejo quanto o gozo estão implicados, desde que, pela análise do desejo, Freud produz uma leitura das representações a que o carretel remete (sem, naturalmente, denominar o que ali se manifesta de *desejo*), enquanto que a repetição reiterada de um desprazer nos remete, necessariamente para outra esfera, a do gozo, como discutiremos no final deste capítulo.

trauma se presentificou. Nos diz ele que "cada nova repetição parece fortalecer a supremacia que buscam [as crianças]" (Idem). Desta maneira, não há uma contradição clara ao princípio do prazer, ainda que a brincadeira permaneça se repetindo.

#### **2.4.1 A análise lacaniana do *Fort-da*.**

Foram esses jogos de ocultação que Freud numa intuição genial, produziu, a nosso ver, para que neles reconheçêssemos que o momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem (Lacan, 1998, [1953], p. 320).

O destaque que Lacan dá ao jogo do *Fort-Da* merece também, de nossa parte, um aprofundamento. Podemos observar que sua própria escrita, em suas remodelações, dá a esse emblema do além do princípio do prazer configurações distintas. Nosso destaque se dirige, especialmente, à sua releitura em 1964. Traçaremos, contudo, um pequeno panorama de suas conceituações a respeito do jogo, em alguns momentos teóricos, para destacar sua ordenação lógica. Nosso propósito também é o de situar estas várias conceituações teóricas e o avanço de suas especulações em relação ao conceito de repetição, já que o próprio entendimento do jogo deixa a descoberto a construção do conceito de repetição.

Assim, em *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1993, [1953-54] p. 200), Lacan destaca que o mais importante na análise do jogo é a presença do significante, ali demarcada pela oposição dos fonemas: "o mais importante ( ... ) é que há aí, desde a origem, uma primeira manifestação da linguagem". Notamos aqui a referência ao ganho cultural de que Freud falara, pensado a partir do imperativo da linguagem sobre o homem. A presença e a ausência do objeto é aqui destacada, desde

que a palavra as representa. Neste momento Lacan está de acordo com a análise freudiana, de que a criança torna-se "mestre da coisa", porque a domina pela linguagem.

O "par simbólico" (Idem, p. 201) dá corpo ao objeto que vai e volta, representando-o, o que implica na morte da coisa. Kaufmann (1996, p. 474) destaca que neste momento teórico de Lacan não há ainda referência à cadeia significante, sendo a noção de símbolo constituída, ainda, pela influência da filosofia hegeliana, pela qual o símbolo representa a morte da coisa.

Ressalta ainda Lacan que, pelo jogo, a criança já pode exercitar-se na inversão das posições, a partir da enunciação fonemática. Assim, "a ausência é evocada na presença, e a presença, na ausência" (Idem). Trata-se então, neste momento teórico de Lacan, de destacar, no jogo do *Fort-Da*, a morte da coisa, pelo imperativo da linguagem, a partir do qual a criança passa de uma posição de passividade à atuação, o que lhe confere um domínio sobre o objeto. Marca Lacan ainda (na página 206 do mesmo seminário) que o objeto aqui já está desvitalizado, apresentando-se como signo, pela ação da linguagem. A partir de então o signo toma o lugar da coisa.

Em 1956-7, a ênfase lacaniana ao jogo do *Fort-Da* recairá sobre a articulação que a linguagem dá ao apelo da criança. O par simbólico primitivo (representado pela alternância dos fonemas) demonstra que a criança já está imersa num mundo de linguagem, e seu interesse pela articulação destes fonemas destaca que sua mensagem retorna do outro, por princípio. Assim, nos diz Lacan:

Desde a origem, a criança se alimenta tanto de palavras quanto de pão, e perece por palavras. Como diz o evangelho, o homem não perece apenas pelo que entra na sua boca, mas também pelo que dela sai (1995, [1956-57], p. 192).

Lacan destaca ainda que a presença do objeto é assinalada sobre um fundo de ausência, pela oscilação que a linguagem garante, e que já há relação entre o sujeito e o

objeto, para além da simples captura na linguagem. "Há um chamado ao outro como presença sobre o fundo de um sentido de ausência" (Lacan, lição de 12.11.1958, inédito). Entendemos aqui que a simples articulação dos fonemas traduz, além da expressão do imperativo da linguagem, um sujeito que ali estabelece uma relação com seu objeto.

Um pouco mais tarde (lição de 03.06.1959, inédita), Lacan destaca que o *Fort-Da*, para a psicanálise, é o marco teórico da introdução do sujeito no simbólico, pela qual se configura toda a relação do sujeito com seu objeto, sempre *representado*. Marca ainda ali, que não se trata, propriamente, de uma mediação do eu ao seu objeto, mas de uma interrogação do sujeito em relação à presença ou à ausência do Outro.

Já em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1988, [1959-60], p. 85), vemos o registro de uma sincronia significativa entre *fort e da*, apesar de que este jogo inicial não possa constituí-la. A autonomia do discurso (do simbólico) está aqui mais evidente, e é a ênfase do ensino lacaniano de então, através da análise das relações estruturais entre os significantes. A oposição entre os fonemas já exhibe a estrutura do significante: "Qual é o mínimo inicial concebível de uma bateria significativa para que o registro do significante possa começar a se organizar?" (Idem, p. 85).

Ainda em relação ao domínio do sujeito no jogo do *Fort-Da*, vemos Lacan, cerca de dois anos depois (12.12 de 1962, inédito em português), afirmar que ele é um primeiro exercício de maestria, através da fala. A demanda que ali se apresenta já se apresenta enviesada pela linguagem (como de resto, toda demanda).

Em 1964 o retorno da visada lacaniana sobre o jogo do *Fort-Da* demarca uma mudança radical. O autor discute naquele momento (como comentamos de modo bastante prolongado em nosso primeiro capítulo) o novo que a repetição demanda, e os

limites de sentido que a repetição comporta. O problema do domínio sobre o desprazer, através da atividade do brincar, é pensado como algo secundário.

O que se mostra mais evidente é o ponto de hiância que a ausência da mãe representa, ponto este que a criança não se cansa de vigiar. Esta hiância - "introduzida pela ausência, desenhada e sempre aberta" (Idem, p. 63) - é a causa do movimento da repetição do jogo, nomeado aqui por Lacan como o "jogo do salto" (Idem). O jogo, assim, produz o desenho desta ausência. Contudo, faz notar Lacan, o que falta aqui não é o outro - a mãe - mas o próprio carretel. Assim o carretel representa, agora, para Lacan, o próprio sujeito, que recebe a oposição fonemática do *fort-da* (e é constituído neste intervalo dos significantes). A oposição fonemática se aplica ao carretel, que por sua vez, escancara a falta do sujeito.

O domínio da criança é aberto, furado, pela ausência da mãe. Lacan se refere a esse campo de domínio da criança como a borda de seu berço e a esse furo como um fosso. Esse fosso é da ordem do real, inassimilável "em torno do qual ele (o sujeito) nada mais tem a fazer senão o jogo do salto" (Idem). Aqui vemos que o jogo é uma resposta - significante - a esta ausência, desenhada pela saída da mãe. Marca então Lacan tanto a vertente significante da repetição quanto a causa real da produção deste sentido, nesta nova análise do jogo.

Lacan opõe-se, todavia, ao pai da psicanálise, por considerar que não é a mãe que é representada pelo carretel, mas *algo* do próprio sujeito: "Esse carretel ( ... ) é alguma coisinha do sujeito que se destaca embora ainda sendo bem dele, que ele ainda segura" (Idem). Assegura, ainda assim, a própria fundação do sujeito pela alternância dos significantes. O domínio da criança, transformado agora em fosso, pelo real da

ausência, só pode ser atravessado graças à "encantação" do jogo significante (Idem). O sujeito opõe-se, em ato, nos diz Lacan, através desse objeto, no caso, o carretel.

Toda esta atividade do *Fort-Da* simboliza a repetição, é sua expressão, desde que temos da repetição tanto a articulação significante ("ser um *fort* de um *da* e um *da* de um *fort*" (Idem)), quanto a repetição de uma não-representação original (que dá partida ao jogo).

Mais adiante, no mesmo seminário (p 226), Lacan vai resgatar a repetição de que se trata no jogo em questão, para acentuar ainda mais seu caráter real. Destaca ele que o sujeito ali não se encontra no domínio do trauma; pelo contrário, toda repetição reiterada só demonstra a vacilação do sujeito ante a falta de representação estrutural. Assim, "nenhum sujeito pode apreender esta articulação radical" (Idem). Em assim sendo, seu instrumento, o carretel, é o objeto *a*, com o qual o sujeito tenta "remediar" esta perda traumática. Lacan marca ainda que "a função do exercício com esse objeto se refere a uma alienação" (Idem).

Podemos entender, a partir desta discussão que do encontro do sujeito com o objeto *a*, resta a repetição? A aproximação que o sujeito pode fazer dele, em sua estrutura de real, inassimilável, não-representável, se dá mediante o ato da repetição? É o que podemos concluir a partir desta análise.

Em *De nossos antecedentes* (1998, [1966], p. 71), Lacan nos diz que o trabalho de Freud em *Além do princípio do prazer* consiste em se desvencilhar da subordinação em que seu trabalho se mantinha em relação ao princípio do prazer, através da constatação - oscilante, como percebemos na leitura atenta deste importante texto freudiano - do que a compulsão à repetição representa de limite ao seu império. O estatuto de anterioridade, ocupado até então pelo princípio do prazer cede lugar à

insistência da compulsão à repetição, prenúncio de uma esfera não representada pelo psiquismo. De fato, a compulsão à repetição vem aí, como anunciadora de uma anterioridade em relação a toda simbolização, alterar o estatuto do próprio entrecruzamento simbólico do inconsciente, já tão destacado na obra freudiana. Vejamos como isso se apresenta em Freud.

### **2.5 Repetição e transferência: O domínio pulsional.**

Retomando o texto freudiano *Além do princípio do prazer*, no que tange às relações entre a repetição e o nível pulsional, encontramos Freud se referindo aos objetivos - então modificados - da psicanálise. Aqui ele retoma as observações efetuadas em *Recordar, repetir e elaborar*, dando-lhes nova roupagem. A ineficácia terapêutica do método interpretativo do início, em que o analista comunicava ao paciente suas interpretações, realizando o trabalho que cabe ao analisante, é o ponto de partida desta revisão.

Em seguida, a análise avançou no sentido de que a interpretação do analista visasse um reconhecimento, através do recordar do paciente. Obviamente, aí a resistência encontrava terreno fértil. Como ressalta Freud, "era aqui que a sugestão, funcionando como transferência, desempenhava seu papel" (Idem, p. 31). Paradoxalmente então, ali onde o analista procurava conduzir o analisante a um saber inconsciente, ele o conduzia, mais rapidamente, à resistência a esse saber. A sugestão se situava, então, como ponto de apoio do analista, pois sua interpretação dependia da aprovação afetiva do analisante.

O método fracassa não apenas pela impossibilidade de contar com a sugestão. Nem tudo pode ser recordado - como advoga Freud - e mais, aquilo que não pode ser recordado, talvez seja o que há de *essencial*: "O doente pode não recordar tudo o que há nele de reprimido, *acaso justamente o essencial*" (Freud, 1985, [1920], CD-ROM, grifo nosso). Essencial, em que sentido? Freud nos traz a imagem de um limite à recordação, e a esse limite atribui uma essência. Podemos indagar se essa essência se constituiu no sentido de que *é isso que deva ser recordado*, ou, por outro lado, se é de fato, que haja algo *não-recordável* que permanece atuante, e que esse algo seja o essencial na prática analítica. Poderíamos ainda supor que a repetição exibiria em sua manifestação um recalco (historicizado pela linguagem) e um inconsciente (aquilo que não pode ser recordado). Nos parece, contudo, que Freud trilha o primeiro dos caminhos indicados por nós e põe relevo na conseqüência imediata deste essencial que não pode ser elucidado pela recordação. Pois,

Se assim acontece (o essencial não ser recordado) o paciente não adquire nenhum sentimento de convicção da correção da construção teórica que lhe foi comunicada (Freud, 1985, [1920], CD-ROM).

Notamos, então, um endereçamento da repetição, em Freud, à história do sujeito, resguardada pelos significantes que o determinam. Sua atualização na transferência configura a neurose de transferência, que substitui a neurose prévia. Aí está o novo método, atualizar a neurose, a partir da *presença* do analista: "afinal, talvez seja o que a psicanálise tenha feito de melhor, inventar uma nova doença" (Miller, 1987, p. 65).

Vemos a fertilidade da obra freudiana na elucidação das relações conceituais entre a repetição e a recordação. Em uma primeira abordagem, ele destaca o caráter histórico da repetição, já que ela é uma forma de recordação, ainda que velada pelo ato. Por outro lado, destacar que esta fase de repetição não pode ser poupada ao analisante desvela algo de irredutível da repetição, que a recordação não pode substituir. As

referências ao recalçado aqui se atenuam, já que ele pressupõe que o tratamento não pode deixar de passar pela prova da repetição, que, por este procedimento, restaura seu caráter *incontornável*.

De modo geral, o médico não pode poupar o analisante desta fase do tratamento; tem que deixá-lo reviver certo fragmento de sua vida esquecida (Freud, 1985, [1920], CD-ROM)

Ainda buscando conceituar a compulsão à repetição, Freud destaca o movimento do inconsciente, que não resiste ao desvelamento. A resistência, tão notável na análise, deste modo, não pode ser pensada como inconsciente, já que este último "não se esforça por outra coisa que não seja irromper através da pressão que sobre ele pesa" (Idem, p. 32). A resistência aqui é situada como resistência do eu, dos mesmos esforços que produziram o recalçamento, e que, por seu meio, permanecem atuantes. Já se introduz, neste momento teórico, uma partição no eu, entre o que aqui Freud denomina *eu coerente* e *eu reprimido*, o que torna essa dificuldade de conceituação da resistência menos atuante. Interessa-nos demarcar tal ponto, porque é a partir desta clivagem do eu que o autor chega à conclusão de que a repetição é, de fato, inconsciente em seu fundamento (e inconsciente recalçado). Sim pois, se o eu não se percebe em sua própria resistência, como poderia produzir a repetição?

Nesta perspectiva, a repetição seria tão somente uma medida interna, (processo primário), através da qual o psiquismo faz retornar, por uma via menos dolorosa que a recordação, o que já fora consciente. Por ter sido banido, seu retorno produziria desconforto ao eu. Essa é uma das abordagens desta perspectiva freudiana. Lacan também acentuou a repetição como um retorno do recalçado em seu primeiro ensino (1996, [1958], p. 630), aproximando-a do funcionamento do sintoma. Assim, o trabalho da análise produziria a repetição, ou seja, sua ocorrência seria inevitável, pois a

associação livre produziria um "afrouxamento da repressão" (Idem, p. 33). Freud, ainda neste capítulo, destaca novamente que a sugestão aqui potencializa ainda mais o poder do tratamento de disparar a repetição, pois a relação intensa entre o paciente e seu analista intensifica seu complexo de Édipo. Poderíamos nos perguntar que implicações teria esta abordagem no manejo da transferência.

Outra conclusão a que podemos chegar, a partir das considerações em torno das relações entre resistência e compulsão à repetição, é que Freud as situa em oposição, pois afirma que a resistência é do *eu*, (embora saibamos que também a resistência, como conceito, sofre uma revisão em 1926) movida pelo princípio do prazer e que, logicamente, a compulsão à repetição é mobilizada no inconsciente, produzindo a defesa do eu (coerente ou reprimido).

Logo, a compulsão à repetição - tanto por seu caráter afetivo de obrigação, pressão; quanto pela lógica freudiana da oposição entre resistência e repetição - pode ser pensada como testemunha do desprazer. O desprazer que, no entanto, ela revela, não pode ser pensado como um desprazer dialético ao princípio do prazer (prazer para um sistema, desprazer para o outro), mas como um *desprazer radical*, pensamos nós, pois tudo o que a compulsão à repetição expressa é desprazer em sua origem. Nada do que é repetido possui as características de um prazer que se tornara desprazer, pela influência do recalque. É essa *realidade* não transformada pelo psiquismo em seu princípio do prazer que a repetição testemunha, em seu retorno.

Mas um fato novo e assombroso que agora devemos descrever é que a compulsão de repetição devolve também vivências passadas que não contém possibilidade alguma de prazer, que tampouco naquele momento, puderam ser satisfações nem sequer para as moções pulsionais reprimidas desde então (Freud, 1985, [1920], CD-ROM).

Ainda que as palavras de Freud revelem um desequilíbrio na sua teorização, um ponto limite a que ele é chegado, suas explicações para este abismo que a repetição aponta se baseiam no Édipo. Indica ele que a perda do amor e o fracasso vividos então, deixam uma marca de sofrimento e desprazer que retorna. É com engenhosidade, ressalta ele, que o neurótico se põe a repetir sua vida erótica na análise.

A pulsão aparece aqui em sua faceta de desprazer, pois sua satisfação não foi alcançada. Sua repetição se dá, na análise, mediante a compulsão. Contudo se na análise o peso da compulsão é ressaltado, não é apenas em seu seio que se nota a compulsão. Vários são os exemplos citados por Freud de um *destino em andamento*, sempre provado, pelo "eterno retorno do mesmo" (Freud, 1980, [1920], p. 34). Vivido de forma ativa (por escolhas visíveis, ainda que não conscientes) como de forma passiva (a partir da qual não é evidente uma escolha, ainda que inconsciente), a compulsão ao retorno deixa sua marca, levando Freud a concluir:

A transferência, as histórias de vida de homens e mulheres, [nos fazem supor] que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer, (...) [e se relaciona] aos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar (Freud, 1980, [1920], p. 34).

Destacamos ainda destas conclusões freudianas sobre a pertinência da compulsão à repetição, "primitiva, elementar, pulsional" (Idem, p. 35), sua ressalva de que ela não está quase nunca isolada de outros motivos, como da satisfação pulsional do jogo das crianças, e da sugestão, que na transferência, vem juntar-se a ela. A repetição aparece nua e crua, por assim dizer, apenas nos sonhos traumáticos.

## **2.6 Repetição e conservação pulsional.**

O instinto de morte exprime essencialmente o limite da função histórica do sujeito (Lacan, 1998, [1953], p. 319).

O início do capítulo crucial do texto freudiano sobre a pulsão de morte exhibe, já em sua abertura, a oscilação de Freud, que torna este trabalho o registro da construção teórica em sua preparação. Vemos Freud como que num caminho desconhecido, explorando com seus instrumentos uma vasta área de obscuridade.

*Explorar conseqüentemente uma idéia* (Freud, 1980, [1920], p. 37) é o legado que Freud nos deixa no que diz respeito à análise da compulsão à repetição. Aqui essa discussão se centra em torno da nova conceituação do sistema percepção-consciência, como algo que surge no lugar da memória (Idem, p. 39). É um retorno às suas concepções iniciais sobre o inconsciente, discutidas muitos anos antes, no *Projeto para uma psicologia científica*, como enfatizamos em nosso primeiro capítulo, abordando a noção de facilitação. Aqui ele retoma seu ponto de vista econômico e conceitua que nesta esfera (percepção-consciência) não são registradas as marcas do processo excitatório externo (uma espécie de memória), ainda que percebidas como desprazerosas.

Tais marcas são pensadas como seqüelas desta recepção e são infligidas aos outros sistemas. Assim, *consciência* exclui *memória*. Como fundamento desta oposição, Freud retrata o encontro direto que este sistema (percepção-consciência) realiza com o mundo exterior, a partir do que se encontra em oposição a todos os outros sistemas.

É interessante que a discussão em torno da consciência passe pelo ônus que o sistema percepção-consciência abarca por sua relação de proximidade com a realidade. Nos diz o autor que se produz uma *crosta calcinada* (Idem, p. 39), pela qual os estímulos são filtrados, e assim, já diminuídos em sua intensidade e potencial letal,

recebidos pelos outros estratos da mente. A proteção antiestímulos serve como um anteparo a toda sorte de traumas. Assim,

através de sua morte, a camada exterior salvou todas as camadas mais profundas de um destino semelhante, a menos que os estímulos que a atinjam sejam tão fortes que atravessem o escudo protetor [proteção antiestímulos] (Freud, 1980, [1920], Idem, p. 40-1).

Notamos que aqui Freud permanece intrigado em relação à função do trauma, representado pelos sonhos de neurose traumática, e se põe a situá-lo dentro de uma construção teórica. As noções de *couraça*, *proteção antiestímulos*, *crosta calcinada*, iniciam esta tentativa de dar sentido ao que se passa quando nenhuma preparação é suficiente, como no trauma. Almeida e Besset (2000, p. 69) destacam que a leitura lacaniana de 1964 deste texto de Freud ressalta o acontecimento imprevisto, traumático, na leitura freudiana, como aquilo que engendra o novo. O acontecimento imprevisto (ainda que seu conteúdo expresse uma história vivida pelo sujeito) é tomado como *novo*.

Outrossim, *proteção* passa a ser mais importante que recepção de estímulos externos. Sabemos que Freud destaca a inexistência da proteção contra os estímulos internos e na mesma medida, a produção de prazer e desprazer também oriunda da percepção destes estímulos. Contudo, por seu domínio do princípio do prazer, o método empregado pelo psiquismo - para lidar com as estimulações desprazerosas, porque provêm de dentro - é a projeção, pela qual o que vem de dentro é percebido como se viesse de fora. Vemos que aqui a explicação lacaniana do *Fort-Da* nos auxilia, já que ali Lacan vai pontuar a confluência do sujeito e do objeto num dentro-fora primordial. Nos parece que Freud aqui destaca essa indiferenciação primitiva, desde que o que é de dentro é tomado como se fosse de fora, por princípio. Estamos no sólido terreno do princípio do prazer, operador maior do funcionamento psíquico.

Coisa totalmente diversa ocorre no trauma. Ali, a proteção não tem função, o princípio do prazer é colocado à margem e produz-se uma tentativa de "ligar" a energia que invade o aparelho psíquico. A noção de ruptura que o trauma comporta já demonstra esta couraça, que tende ao prazer, mas que se revela uma primeira mediação ao que está sempre à espera (Lacan, 1988, [1964], p. 57), o real. Outro ponto interessante de articulação é aqui a economia do trauma, a tentativa de ligar a excitação, quantidade de energia livre, e por isso, não manejável. Inevitável nos referirmos à produção dos significantes, em outra medida, que, por sua sucessão, produzem um *sujeito* para o trauma.

Vale destacar aqui que neste texto Freud discute amplamente a oposição entre o que considera energia livre, não manejável pelo aparelho mental, e energia ligada, que tem a prerrogativa de já ter sido dominada quantitativamente, e utilizada no próprio aparelho; o que, para nós, exhibe a aproximação do intrincado conceito de pulsão de morte por uma vertente econômica (Freud, Idem, p. 44-5).

Podemos, acredito, atrever-nos experimentalmente a considerar a neurose traumática comum como consequência de uma grande ruptura que foi causada no escudo protetor contra os estímulos (Freud, Idem, p. 45).

As relações entre a angústia e o trauma são novamente comentadas por Freud, que já as tivera salientado em *O estranho*. A angústia como preparação para um perigo iminente, não pode ser pensada como atuante, tendo em vista que a repetição do trauma (pelos sonhos) produz um susto repetido. Neste sentido, os sonhos traumáticos são sempre acontecimentos imprevistos.

As consequências clínicas desta afirmação se encontram no reconhecimento da função da angústia para a apropriação, por parte do sujeito, daquilo que lhe concerne. Também aqui o hiperinvestimento (sobreinvestimento) dos outros sistemas que

receberiam os estímulos (localizados imediatamente após o escudo protetor) não se faz presente, tornando os efeitos do trauma ainda maiores.

Desta experiência com o trauma e seus efeitos, os sonhos traumáticos são emblemáticos. Ali o sonhador é sempre reconduzido à situação em que sofre, em que pese que a recordação o abrigaria deste "retorno". Em ato, o sofrimento e o susto se atualizam e a partir dele uma brecha se abre na premissa de que todo sonho realiza alucinatoriamente um desejo. Nesta brecha teórica, Freud pressupõe uma função de domínio:

Esses sonhos buscam recuperar o domínio *{Bewältigung}* sobre o estímulo por meio de um desenvolvimento de angústia, cuja omissão causou a neurose traumática (Freud, Idem, p. 46).

É aqui que a argumentação de Freud em torno de um princípio que contradiga o princípio do prazer encontra mais eco e congrega maior sustentação teórica. Ainda que sua teorização aponte para a produção do prazer, mediante a função da angústia, uma causa anterior ao princípio do prazer está conceituada. Curiosa é a semelhança que Freud destaca entre os sonhos traumáticos e os sonhos produzidos em análise; para nós, bastante diferenciados desta premissa, mas que, contudo, exibem também os traumas da infância. Aqui, entendemos nós, a dominância do princípio do prazer na teoria, ainda tão presente, conduz Freud a estabelecer uma relação de sentido entre os sonhos que não possibilitam qualquer domínio (os traumáticos) e os sonhos já claramente construídos pela influência da transferência.

Não se encontra aqui em xeque apenas a conceituação de que os sonhos realizam os desejos, como também a aceção de que essa seja sua função primordial. Se pensamos numa fase lógica anterior, em que o princípio do prazer ainda não obteve

domínio sobre os fenômenos mentais, a função dos sonhos se encontra alterada, para proporcionar, exatamente, essa primeira dominância aos eventos traumáticos.

## **2.7 A pulsão e o trauma.**

A noção de trauma, como algo que advém das excitações externas, para as quais não há qualquer preparação, é estendida à pulsão, por Freud. Também ela, por ter sua energia livre, essencialmente primária, que pressiona para a descarga, é experimentada pelos sistemas superiores (como o sistema percepção-consciência) como um trauma, pois não há qualquer preparação interna para ela. A pulsão é também traumática. Em virtude disso, a tarefa principal do aparelho psíquico seria exatamente a de produzir a dominância do princípio do prazer, ou seja, "dominar ou sujeitar as excitações" (Freud, *Idem*, p. 50). Isso implica, obviamente que esta dominância não está lá desde as origens e é em parte desprezada por essa função mais radical.

Se a pulsão é traumática e a compulsão à repetição representa um trauma em seu efeito contínuo, conclui Freud, "as manifestações de uma compulsão à repetição ( ... ) apresentam em alto grau um caráter instintual" (*Idem*). Trauma, pulsão, compulsão à repetição são aqui as chaves deste encadeamento significante, que responde na obra freudiana a um princípio que não seria eminentemente do prazer. A noção de uma falta de preparo induz à concepção de algo novo, não-conhecido, que eclode, ainda que vindo "de dentro". Mas o que haveria de novo na pulsão? Como algo tantas vezes experimentado pode ocasionar sempre de novo uma reação traumática?

Tomemos novamente o brincar. Ali as crianças produzem sempre um domínio maior, uma supremacia, quando se põem a repetir, e são implacáveis na exigência de

que se repita exatamente as mesmas palavras ou ações anteriores, ou seja, "a identidade da impressão". Lacan (1988 [1964], p. 62) nos diz que mesmo a repetição mais idêntica não é suficiente para garantir a primazia da significância, e que a criança visa ali, quando repete sua insistência de que as palavras de uma estória sejam as mesmas, a representação daquilo que não se representa. Entendemos que aqui ele nos conduz a perceber que é o próprio inassimilável que estrutura a repetição, e ele é também visado, na exigência de repetição, que as crianças testemunham<sup>16</sup>. Que o princípio do prazer daí tire seu proveito, é um fato observado, pois a fruição ao brincar ou ao escutar uma estória, já contada, bem o demonstram.

Para Freud essa repetição em sua compulsão, tão expressiva na brincadeira do *Fort-Da*, tende a desaparecer, trazendo para o homem o deleite no que é novo. Mas na análise ela retoma todo seu peso, através da transferência, e pelo desconhecimento do sujeito de tal atuação, (e de sua falta de defesa a esta exigência), Freud concede ao processo primário o domínio da compulsão à repetição. Em assim sendo, o movimento de retorno da pulsão é primário:

Um instinto é um impulso (esforço), inerente à vida orgânica, a restaurar (reproduzir) um estado anterior de coisas ( ... ) ou seja, uma espécie de elasticidade orgânica, ( ... ) a expressão da inércia inerente à vida orgânica (Idem, p. 52).

Logo de início, destacamos a aparente incompatibilidade dos termos inércia e elasticidade, própria do gênio freudiano. O movimento da pulsão seria regido por um retorno, uma *reversão* (Lacan, 1998, [1966], p. 319), o que evidencia tanto seu caráter de elasticidade, mobilidade, quanto sua inércia, tentativa de imobilizar-se. A pulsão exibe tanto o movimento quanto a conservação de uma não-ação visada. Em *Função e*

---

<sup>16</sup> Aqui a reformulação de 1966, em *O avesso da psicanálise* vai destacar que a repetição visa alcançar o gozo, como discutiremos mais adiante.

*campo da fala e da linguagem* (Lacan, 1988, [1955], p. 318), Lacan nos auxilia destacando que o entendimento freudiano valoriza a relação polar existente entre vida e morte, ali mesmo onde a vida se exhibe. Assim, esta aparente incompatibilidade entre elasticidade e inércia se desfaz se considerarmos que toda elasticidade está garantida pela inércia que a mobiliza. O que a pulsão visa, na obrigação (*Zwang*) de se repetir é tão somente este diálogo entre tais polaridades.

Uma pulsão não visa somente avançar, mas recuar, conservar um estado anterior, de menor complexidade, do qual tira sua maior satisfação, um *gozo*, (poderíamos dizer, daí definindo gozo como satisfação pulsional). Esta obrigação é historicamente determinada, ressalva Freud (Idem, p. 52-3). A história da vida está contada pela morte, que representa um limite preciso, *a priori*.

Lacan (Lacan, 1988, [1955/1966], p. 318) assevera ainda que esse limite, representado pela pulsão de morte "representa o passado sob sua forma real". A esse passado, real, Lacan opõe, conceitualmente, o passado físico, que pode ser evidenciado pela sucessão dos minutos, segundos; o passado épico, singular e subjetivo; e o passado histórico, pelo qual o homem garantiu sua permanência. Esse passado, real, remete ao limite intrínseco da existência, precedente a toda representação. A historicização de que nos fala Freud pode ser entendida, contudo, como *um modo próprio de morrer*, e, nesse sentido, é também a pulsão de morte limite desta "escolha".

O dualismo pulsional desenvolvido por Freud neste mesmo texto, é o *mito da diade*, como assevera Lacan (1988, [1955], p. 318), e se fundamenta, na *conservação geral* como uma característica das pulsões. A pulsão sexual visa conservar a vida por mais tempo e produzir sempre um encontro, enquanto que a pulsão de morte visa sempre uma reversão a um estado inorgânico, anterior, incondicional. A qual das duas

forças corresponderia a atividade da compulsão à repetição? Entendemos que as duas pulsões, em sua força, pressionam para o retorno (reversão). Assim, a compulsão à repetição manifesta o lado conservador pulsional. Esta constatação é de importância vital para nossa apreciação da função da repetição na transferência. Ora, se Freud nos introduz ao tema da transferência (1980, [1914a], 196) exatamente pela repetição, destacando que o sujeito constrói a transferência a partir da repetição, indagar sobre a função da repetição junto à transferência, é também destacar a tendência de conservação da pulsão de vida, que ali, no seio de uma neurose, promove um novo encontro com o analista.

Freud parece inseguro quanto a considerar a compulsão à repetição como provinda da pulsão de vida, já que esta última visa, essencialmente, um encontro, enquanto que a compulsão à repetição exhibe mais claramente o caráter regressivo da pulsão. Que repetição pode haver então no que tange à pulsão de vida, se seu objetivo é sempre avançar em complexidade? De que retorno se trataria aí?

Lidando, não com a substância viva, mas com as forças que nela operam, fomos levados a distinguir duas espécies de instintos: aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte, e os outros, os instintos sexuais, que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida (Idem, p. 63).

Freud parece, após longa discussão, escolher o partido de que Eros é tão conservador quanto a pulsão de morte, mas que sua conservação reside em manter a vida e o encontro das células. Assim, todas as pulsões se destacam por seu caráter conservador. À aparente imprecisão teórica desta argumentação, o autor responde: "Minha afirmativa do caráter regressivo dos instintos também se apóia em material observado, ou seja, nos fatos da compulsão à repetição" (Idem, p. 78). Na clínica, como salientamos no parágrafo anterior, a compulsão à repetição manifesta não apenas o

trabalho de Eros, do encontro com o objeto, mas também, ainda que de forma silenciosa, da pulsão de morte, limite preciso à simbolização.

Finalizando sua longa discussão sobre a natureza das pulsões, Freud assevera que tudo o que se passa no psiquismo, em termos pulsionais, de fato, responde apenas por uma tentativa psíquica de assegurar a dominância do princípio do prazer. Para tanto, a sujeição inicial dá lugar ao princípio do prazer. Inevitável a referência ao primeiro ensino de Lacan, em que o assujeitamento em relação ao significante é pensado na estruturação do sujeito, e num segundo momento (1964), quando o sujeito passa a ser nada mais do que o resto da operação significante.

Se o significante, engendrado pelo discurso, faz surgir um sujeito, entendemos que aqui Freud nos indica, em outros termos, que só podemos falar, a rigor, de princípio de prazer após uma apropriação do sujeito de algum prazer. Isso nos coloca na posição de afirmar que, para Freud, o princípio do prazer não é primário, já que temos que inferir um funcionamento outro, prévio a ele, que o torna, inclusive, algo a alcançar.

Freud explicita mais sua inferência distinguindo função e tendência. O princípio do prazer seria uma tendência do psiquismo, que operaria comandado por uma função. Esta função se mobilizaria no sentido de retornar a um estado anterior. O princípio do prazer estaria, deste modo, a serviço do retorno. Pensamos que situar a compulsão à repetição, com Freud, como a serviço das duas pulsões, produz a aceção de que a repetição, em sua compulsão, traduz tanto o limite da pulsão de morte (limite interno à própria existência, como vimos, com Lacan), quanto o prazer em repetir, que visualizamos melhor no jogo do *fort-da* e na transferência.

Em 1923, Freud retoma a discussão acerca da relação entre a compulsão à repetição e a pulsão de vida, chegando mesmo a postular a compulsão à repetição como

a serviço da análise. Ela seria convocada pela transferência positiva (sugestão) e no início se submeteria à invocação da associação livre, o que, de todo modo, é circunscrito à análise.

É a transferência positiva a que presta auxílio à compulsão à repetição. Se sela, deste modo, uma aliança entre o tratamento e a compulsão à repetição (Freud, 1980, [1923], p. 149).

Vemos então que ainda que a compulsão à repetição seja convocada pela transferência, seu manejo não se dá pelo pacto estabelecido pela sugestão. Discutindo ainda esta relação entre compulsão à repetição e transferência, em *Apresentação autobiográfica*, em 1925, Freud resume seus trabalhos anteriores que abordaram este tema (*Além do princípio do prazer* [1920], *Psicologia das massas e análise do eu* [1921] e *O eu e o isso* [1923]) salientando que as pulsões são conservadoras e que a compulsão à repetição o demonstra. Deste modo,

*Esta natureza das pulsões, conservadora em sua essência, é ilustrada pelos fenômenos de repetição. A ação conjugada e contrária de Eros e pulsão de morte nos dá, como pensamos, o quadro da vida (Freud, 1980, [1925], p. 73, grifo nosso).*

Assim, a compulsão à repetição revela a conservação, mas não simplesmente a conservação oriunda da pulsão de morte. Os objetivos da compulsão à repetição são contraditórios, como de resto, as manifestações das pulsões. Ainda em *Inibições, sintoma e ansiedade* (1980, [1926], p. 143), o autor compara o sintoma obsessivo, em sua ânsia de repetir, com a estrutura da compulsão à repetição, destacando, novamente, a amplitude dos objetivos ali expressos. Destacamos estas passagens do texto freudiano visando ainda estabelecer uma base para a concepção de que a compulsão à repetição não se localiza simplesmente como uma função da pulsão de morte, em Freud, mas que converge para a conservação geral das pulsões, de retorno.

Esta perspectiva também nos auxilia na explicação do ponto de vista significativo da repetição em Freud. Outrossim, o autor sempre destaca da repetição o seu caráter histórico, das relações edípicas do sujeito, contadas por sua neurose.

Ainda neste viés da repetição significativa (que caracteriza a argumentação freudiana da repetição) em *Mal estar na civilização*, Freud defende que a ordem é um tipo de compulsão à repetição, que, uma vez instituída, decide o rumo dos fatos de nossas vidas, bem como nos poupa hesitação e indecisão (1980, [1927], p. 113). A ordem como compulsão nos aproxima bastante da leitura lacaniana da imposição do significativo ao homem, já comentada no primeiro capítulo.

Vimos que na postulação freudiana de uma compulsão à repetição que visa conservar um anterior, um já vivido, destacam-se tanto uma vertente de prazer (princípio do prazer) quanto uma vertente de desprazer (além do princípio do prazer). Lacan as retoma, destacando esse assujeitamento que a força da pulsão produz, exibindo tanto uma estória significativa quanto algo nunca representado. Que força os une?

## **2.8 A repetição sanciona o gozo.**

Essas últimas linhas [o passado que se manifesta revertido na repetição] nas quais se inscreve nossa última formulação da repetição (1966) vieram substituir um recurso impróprio ao 'eterno retorno', que era tudo o que podíamos fazer ouvir então (1998, [1980-70], p. 319, nota de rodapé<sup>17</sup>).

Para melhor apreender as relações entre a repetição significativa, marcada pela insistência dos significantes e a repetição como encontro do real, testemunha de um retorno ao sem sentido primordial, realizamos um estudo do gozo na repetição, a partir

---

<sup>17</sup> Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.

de uma última conceituação lacaniana sobre o tema. Nosso interesse aqui é dialetizar melhor estas duas esferas da repetição, para situá-las na abordagem da transferência.

Vemos que a reversão ao passado real, que a repetição comporta, para Lacan é uma modificação conceitual ao "eterno retorno" de Freud (que assim definiu a repetição em 1919, em *O estranho*). A visão significativa da repetição insistia por considerar uma estória que retorna, manifestando um retorno do mesmo. Assim, o lado do novo da repetição não podia ser pensado. Pensamos, como hipótese, que a *reversão* comporta, por seu turno, tanto o lado significativo, que retorna, quanto a presença sempre constante de um limite, que parece sempre novo. Visando compreender melhor o que seria essa reversão ao passado real, manifesto na repetição, nos remeteremos, ainda, a um momento posterior, o da proposição de um *avesso da psicanálise* (1969-70). Neste sentido, damos um salto cronológico na obra de Lacan (não desavisados de seu conteúdo, contudo), de 1964 a 1969-70, para situar melhor a dinâmica estabelecida entre o simbólico e o real na repetição.

Nos intriga, sobremaneira, a aparente divisão entre a repetição significativa (que marcadamente se encontra nos primeiros 10 seminários de Lacan) e a causa real da repetição. Lacan apresenta sua mudança como uma novidade radical, ainda que situada no balizamento significativo de outrora. Entendemos que a proposta de *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, de um gozo discursivo (Miller, 1999), vem conjugar esta aparente disjunção entre uma causa real (da qual está excluído todo significativo) e uma ordenação significativa. É com esta perspectiva que empreendemos uma discussão acerca da repetição. Obviamente o nosso estudo do gozo está bastante aquém de um aprofundamento deste conceito. Contudo, em se tratando de repetição pulsional, como

vimos, na obra de Freud (1920), não podemos nos furtar a um exame preliminar de tal conceito.

Viltard (1996, p. 221) destaca que o gozo demarca uma relação do sujeito com a linguagem, já anunciada por Freud em seu texto *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, quando o autor ressalta que a satisfação, encontrada através do chiste, não só aumenta pela sua comunicação a um interlocutor, como é proporcionada por ela. Assim, nos diz Freud (1980, [1905c], p. 166): "Um chiste deve ser contado a alguém (...) Também no caso do cômico, contá-lo a mais alguém produz prazer". Freud aí discute não apenas a exigência da comunicação do chiste para a obtenção de um gozo (*Genuss*), mas a contingência desta satisfação, dependendo do modo como o chiste é contado e ainda da reação do ouvinte. Assim, nos diz Viltard que "o gozo é visado num esforço de reencontro" (Idem, p. 221), mas neste reencontro o sujeito encontra sempre novamente uma perda.

Com base nestas afirmações visamos destacar a proximidade do gozo com a repetição, tendo em vista, principalmente, as considerações freudianas de 1920 (quando o gozo deve ser pensado a partir da satisfação pulsional). Entendemos que o avanço de Lacan é bastante significativo neste sentido, pois pensamos que a satisfação de que fala Freud, em relação à repetição, (em 1920) refere-se muito mais a uma esfera em que falta todo sentido (ainda que a tendência à conservação da pulsão possa ser pensada tendo em vista um retorno histórico do sujeito e da espécie, assim como defende o autor).

De todo modo, abordar a repetição a partir do paradigma do gozo discursivo nos coloca numa trilha diferenciada. Privilegiaremos a análise milleriana do gozo discursivo.

Faremos, contudo, um apanhado das conceituações anteriores do gozo em Lacan. Miller (*Os seis paradigmas do gozo*, 2000, [1999]) nos auxilia nesse atravessamento, destacando que o conceito de gozo em Lacan pode ser pensado como uma doutrina, que, segundo o autor, admite seis ordenamentos distintos. Neste sentido, entendemos que não há uma definição única de gozo na obra de Lacan. As definições acompanham o avanço de suas especulações ao longo de sua obra, suportando, em cada momento teórico, uma definição distinta.

Um primeiro paradigma se refere à imaginarização do gozo (que compreende os seminários iniciais de Lacan, até 1958), onde o gozo é tomado como algo alcançável no sentido do que se produz na comunicação intersubjetiva, na relação de sujeito a sujeito, se localizando no imaginário. A segunda perspectiva teórica do gozo é denominada por Miller de significantização (*signifiantisation*), que pode ser observada mais claramente no ensino lacaniano da mesma época que o anterior, em especial nos anos de 58 e 59, representando, deste modo, já uma elaboração do primeiro paradigma. A articulação simbólica agora ordena o campo do imaginário. Neste sentido, o gozo aqui aparece especialmente pelo efeito da sublimação (Miller, 2000, p. 90).

Na terceira ordenação do gozo, denominada por Miller como gozo impossível, o gozo é pensado como algo que não está mais, nem no imaginário, nem no simbólico, mas que só é possível mediante uma transgressão, e é como barreira ao gozo que se produz toda a simbolização. Esta concepção do gozo pode ser observada em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60).

A postulação de um gozo normal ou fragmentário, é encontrada no seminário de 1964, onde o simbólico e o gozo retomam suas relações teóricas. Assim, o encontro

com os objetos *a*, por exemplo o carretel do *fort-da*, possibilita esse gozo, mediante a premência da palavra.

Como quinto paradigma temos o gozo discursivo, nos anos de 1969-70 a 1972. O gozo, agora interdito, vem ser suplementado pelo objeto *a*, agora denominado *mais de gozar*. A ordem simbólica estabelece uma coalescência com o gozo, ilustrada pela relação entre o significante e o gozo, que se apresenta na repetição. Como teorização final do gozo, Miller propõe o paradigma da não-relação, situado em *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, quando há uma reviravolta no ensino lacaniano, que postula uma não-relação entre o significante e o gozo.

Esta breve apresentação da periodização do conceito de gozo em Lacan nos serve tão somente para situar as mudanças conceituais em torno do conceito de gozo, visando elucidar nossa questão central: as relações da repetição pulsional com a transferência.

Assim, retomemos o gozo normal, que pode ser apreendido a partir de 1964. Miller ressalta que Lacan desenvolve aí uma nova "aliança entre o simbólico e o gozo" (p. 93). De que aliança se trata e como ela se manifesta na repetição?

Essa nova relação se sustenta, segundo Miller, a partir da concepção dos objetos pequenos *a*, que possibilitam um acesso ao gozo, antes só pensado como possível através de uma transgressão. A pulsão, por um ir e vir, agora circunda os objetos pequenos *a*, incidindo no gozo. A explicação de Lacan de que o carretel do *fort-da* é um objeto *a* pode ilustrar esse gozo a que o sujeito tem acesso no brincar, mediante o encontro com o objeto. Miller destaca que aqui o gozo é "automático, alcançado a se seguir o caminho normal da pulsão, seu ir e vir" (Idem). Nota-se que o ir e vir também

remete ao movimento da repetição realizado no jogo do *fort-da*, metáfora desta apropriação de gozo.

Em *Produção dos quatro discursos*, lição inaugural do seminário de 1969, Lacan destaca as relações entre a noção de gozo e a de sujeito, a partir dos discursos. O sujeito é definido como o que emerge da operação significante. O limite a que a repetição se referia antes (1988, [1964], p. 57) é aqui denominado gozo: "A repetição tem uma certa relação com aquilo que, desse saber, é o limite - e que se chama gozo" (1992, [1980-70], p. 13). O que antes era apontado por Lacan como um limite à simbolização, encontro do real, é agora designado gozo. Esta perspectiva atualiza nossa discussão empreendida até aqui sobre o real e o significante na repetição, destacando que o real da repetição evidencia um gozo que nela se apresenta. O giro da repetição se dá em virtude da busca de sentido que o sujeito persegue, pois, como indica Lacan, "nós temos necessidade de sentido" (Idem). Este limite, representado antes pela *tiquê*, encontro do real, segundo Lacan, foi situado por Freud em torno da pulsão de morte.

Lembremos que em uma nota de revisão a *Função e campo da palavra e da linguagem* (1966, p. 319) Lacan retoma *Além do princípio do prazer* para destacar que o limite intrínseco à vida, definido por Freud como pulsão de morte, e atuante na compulsão à repetição, não representa o retorno de um passado natural, nem tampouco de um passado histórico, mas, sobretudo, um limite interno à própria linguagem, que está sempre lá, pela reversão. Pois bem, aqui ele nos diz que "o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo"<sup>18</sup> (Idem). Vemos assim uma certa confluência entre os conceitos de *tiquê*, encontro do real e gozo. Porém, em 1964 o

---

<sup>18</sup> Entendemos que *caminho para a morte* aqui é uma forma de denominação da pulsão de morte freudiana, que neste momento teórico de Lacan pode ser conceituado como um limite interno à linguagem, atravessado por ela e representado pelo significante.

encontro do real, *tiquê*, excluía toda sorte de saber, significante. Nesta formulação tal encontro se dá ali mesmo onde o significante representa o gozo.

Se o *caminho para a morte* (limite do simbólico) era visto antes como a aproximação de um núcleo de real (Lacan, 1998, [1964], p. 57), alheio a todo sentido, agora ele é intrínseco a toda representação oriunda do significante, não sendo mais concebido como algo apartado da linguagem, algo a que ela não tem acesso.

Assim, o que Lacan promove neste seminário é também uma releitura da função do significante, tendo em vista uma relação primitiva, agora concebida, entre saber e gozo.

Por *gozo discursivo* Miller introduz a relação primitiva que Lacan passa a postular entre o saber e o gozo. O saber (os significantes) e o gozo resguardam uma relação de origem. Como entendemos, saber não se confunde com conhecimento, que se aproxima mais da noção de um acúmulo de saberes conscientes. A definição de saber aqui é consoante com o saber inconsciente; na leitura lacaniana, ao que é relativo ao significante. O que isso representaria?

Miller destaca que no ensino precedente de Lacan a esse seminário, sempre se nota uma divisão entre o saber (a estrutura do significante, o campo do Outro, o surgimento do sujeito) e o que seria da ordem do que escapa a isso (o organismo, a libido, o gozo). Assim, notamos também, em nosso trabalho inicial, bastante situado nos primeiros paradigmas do gozo, esta mesma preocupação de Lacan (e também nossa) de pensar estas duas esferas (significante e real da repetição), como realidades distintas, e até opostas, de um mesmo fenômeno (como destacamos em nosso primeiro capítulo). A noção de gozo no seio mesmo do discurso introduz uma relação de origem destas duas esferas. "E é aí que Lacan valoriza a repetição como repetição de gozo" (Miller, Idem).

Entendemos que para nós o avanço até o seminário sobre os discursos possibilita uma leitura menos dualista da repetição (significante e real).

Miller destaca também que a definição do significante anterior a este seminário (*um significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante*<sup>19</sup>) nos remete sempre a uma exclusão do gozo, onde temos um sujeito que está referido essencialmente ao significante. A postulação de um gozo no saber, com a noção do discurso comporta a seguinte formulação: "o significante representa um gozo para um outro significante" (Miller, Idem, p. 96). O gozo agora partilha da cadeia simbólica, sendo-lhe essencial, e podemos até supor, pela análise da máxima, que é o significante que permite o gozo.

Por outro lado, ressalva Miller que "ao representar o gozo, o significante o faz faltar" (Idem), e não podemos mais falar de um gozo absoluto, nem natural. O significante faz faltar o gozo, como também faz faltar o sujeito, pela representação. Na primeira fórmula temos uma ênfase na relação do sujeito ao significante, e na circularidade da definição de significante, sendo ele definido a partir de si mesmo: um *significante* representa um sujeito para um outro *significante*. Como nos ensina Miller, o significante é definido "pelo significante, através do sujeito" (Idem). Um significante, assim, nunca está sozinho, participa de um sistema definidor: a cadeia. Logicamente a cadeia nos remete à repetição, engendrada pela própria circulação dos significantes (do saber).

Deste modo, a causa da repetição, no âmbito significante, se traduz pela depuração da fórmula "um significante representa um sujeito para um outro significante". Se é assim, segundo Miller, um significante representa um sujeito para um

outro significante, *que não o representa*. Isso nos remete a um significante que não representa o sujeito e à ausência de um significante que o represente. Situa-se um significante que não está lá (no conjunto dos significantes que representam um sujeito), que não representa um sujeito frente a outro significante. Isso instaura, na cadeia significante, uma não representação, a ausência de um significante que represente um sujeito. Assim, "é porque nenhuma representação identificatória é completa que essa representação tende a se repetir" (Idem).

Em assim sendo, a repetição se produz pela ausência de um significante que traga em si a significação do que é o sujeito. Pela falta deste significante chegamos à *falta do sujeito*, que, por ser representado, não está lá. Essa falta do sujeito se apresenta tanto quanto sua representação. O irrepresentável e o representável do sujeito são veiculados pelo significante e engendram a repetição. Assim,

É representando o irrepresentável que o significante é aberto à sua repetição, repetição cujo princípio é o malogro da completa realização da representação em questão (Idem).

Vemos assim que não é apenas o sujeito que está perdido, que falta, por ser representado. Neste império de saber que o significante introduz, o gozo está interdito, porque representado. Todavia, esclarece Miller, "ao mesmo tempo em que o gozo é interdito, ele pode ser dito nas entrelinhas" (Idem). Algo resta do gozo, porque *representado* pelo significante. É o que parecem nos revelar os sonhos traumáticos, porta de acesso mais evidente da compulsão à repetição, para Freud, já que desta experiência "significante", resta novamente o susto, proveniente do novo. O gozo resta, "como objeto perdido" através do significante na produção da cadeia. Assim é que

---

<sup>19</sup> "Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada" (Lacan, *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, 1960, p. 833)

entendemos a máxima deste seminário: Saber, meio de gozo (Lacan 1992, 1980-70], 37-50).

Miller ressalta que a decorrência lógica deste paradigma é a semelhança conceitual entre gozo e sujeito. Sim, pois, se o sujeito é aquilo que é representado de um significante a outro, e se o gozo pode aqui também ser representado, aparecendo na construção da cadeia dos significantes, há correspondência lógica entre eles.

A própria formulação dos discursos, como permutações circulares, das quais o gozo não está excluído (representado pelo objeto  $a^{20}$ ) nos remete a essa releitura do significante que Lacan empreende aqui. Assim, na circulação dos significantes (e  $a$  aqui pode ser até pensado como um significante, nos indica Miller, pois também se ordena como significante, pois está situado ao lado dos indicativos da linguagem: S barrado, S1 e S2, articulando-se junto a eles, para formalização dos discursos, e ainda, no lugar do analista, chega a ocupar o lugar de agente), o gozo está representado, não todo, porém presente. Ele é acessível pela via da circulação dos significantes.

Lacan esclarece que ocupar-se da estrutura do significante (que aqui entendemos como essencialmente *gozo representado*) se justifica por um retorno a Freud, que inicialmente demonstrou que o inconsciente é o registro de um desejo (Idem, p. 43). A repetição, entendida por ele (Freud) num viés edípico (como atuação das relações primitivas do sujeito, por exemplo, com o analista), conta a estória desse desejo. Lacan porém vai além, dizendo que não é apenas o significante que ela exhibe em seu movimento circular, mas sobretudo o gozo. Em assim sendo, declara: "É o gozo ( ... )

---

<sup>20</sup> Também o conceito de objeto  $a$  não responde por uma única formulação na obra de Lacan. Desde o seminário sobre a angústia, onde ele traça suas primeiras marcações deste conceito até o seminário de que nos ocupamos agora, as definições transmitem o desdobramento de seu ensino. Aqui temos: "Na medida em que esse objeto  $a$  designa precisamente o que, dos efeitos do discurso, se apresenta como o mais opaco, há muitíssimo tempo desconhecido, e no entanto essencial. Trata-se do efeito de discurso que é efeito de rechaço" (1992, [1969-70], p.40). Por esta definição percebemos que o objeto  $a$  também

que necessita a repetição" (Idem). Define então a repetição como uma "dialética do gozo", pela qual a busca do gozo força o sujeito na trilha dos caminhos familiares, conservação de estados prévios. Esse retorno do gozo que a repetição produz, Lacan diz estar evidente "nos fatos, na experiência, na clínica" (Idem, p. 44). Mas não apenas o gozo é ali presentificado, atualizado, mas de modo tão manifesto quanto ele, o fracasso, a perda do gozo.

A referência lacaniana a uma perda presentificada na repetição, remete ao objeto perdido, noção bastante desenvolvida por Freud. Esse autor destaca, em suas *Contribuições à psicologia do amor*, que ao repetir, um pouco do fracasso e da perda do objeto se apresenta. Na repetição no amor Freud concede destaque à insatisfação (1980, [1914b], 235), advertindo que todo objeto de amor representa, necessariamente, a *reedição* de uma série e a *insatisfação* oriunda de um encontro não realizado.

Neste sentido também Almeida e Besset (2000, p. 69) destacam que a repetição de um objeto (suas características, marcas significantes) reeditam uma perda. Contudo, se não há o encontro, não se trata do mesmo. Assim: "a repetição do objeto amoroso é uma espécie de retomada sobre o ponto original mítico da primeira satisfação, proporcionando, desta maneira, o aparecimento inevitável do novo". Revendo sua teoria do significante, destacando ainda mais o gozo presente na repetição, pensamos que Lacan aqui destaca esta insatisfação não apenas como decorrência da força da repetição, mas como perda de gozo que é visada na própria repetição. Assim, "na própria repetição há desperdício de gozo" (Idem, p. 44).

Destacamos o avanço de Lacan, no que tange à repetição, no que ela se refere a uma nomeação do gozo (identificação de gozo) que o significante marca, através do

---

comunga desta intimidade entre saber e gozo, não sendo pensado, a rigor, senão na confluência destes dois registros. É efeito de discurso e também o que desse discurso resulta opaco e desconhecido.

traço unário. Por essa nova perspectiva, repetir seria identificar o gozo, marcá-lo, traduzi-lo. Ora, se a repetição representa uma tradução do gozo, se ela visa o gozo, como Miller nos mostra, podemos chegar à conclusão de que o gozo ali se apresenta, de significante a significante, no movimento circular dos discursos, que há pouco nos referimos.

A raiz do saber, enquanto marca do gozo, está manifesta na repetição. O saber de que se trata sobre o sujeito, S1, é o que é repetido. Como S1 comporta a marca principal, o traço original, *traço unário*, é ele a marca primordial do gozo na causação do sujeito. O saber é sobre o sujeito e sobre o gozo, é o meio do gozo se presentificar.

Analisando ainda a perda de gozo implicada no movimento dos significantes, Lacan situa a função do objeto perdido, exatamente aí, onde algo do gozo é desperdiçado. Se se perde algo do gozo, algo se desperdiça, há, em resposta a essa perda, um "suplemento do gozo perdido", a que o objeto *a* responde. Se o gozo antes só era acessível pela transgressão<sup>21</sup>, agora ele se torna acessível pela repetição significante. O encontro com o objeto *a*, enquanto suplemento de gozo, irrompe e comemora a repetição significante, meio de gozo: "é a pura e simples repetição significante que vale como repetição de gozo" (Miller, 2000, p. 98).

Se a intromissão do significante produz uma perda de gozo e a produção de um objeto que vem suplementá-la, a repetição produz não apenas essa perda, mas sobretudo a suplementação deste gozo perdido. Antes deste seminário, contudo, a repetição era pensada, por Lacan, tendo em vista, sobretudo, a representação que ela produzia e o inassimilável manifesto ali. Nos parece também o caminho que Freud seguiu. Por exemplo, vemos que o autor pressupõe a função de domínio que os sonhos traumáticos

teriam. Repetia-se a situação traumática nos sonhos para obter um domínio maior daquela experiência, por parte do sujeito. Assim também Lacan nos apresenta o jogo do *fort-da*, inicialmente, privilegiando a linguagem que ali se exibia, manifestação de uma autonomia do simbólico (em relação ao que não é representável) ou ainda em processo de maestria, por parte do sujeito (dependendo do momento teórico em que situamos a interpretação lacaniana).

Agora, o acento recai sobre o gozo que é ali produzido, na repetição. Assim, "a repetição é necessária devido ao gozo ( ... ) a repetição visa ao gozo" (Miller, Idem, p. 99). Não nos esqueçamos que o movimento da repetição é contínuo em virtude da representação do gozo não ser exaustiva. Assim o significante é causa tanto da perda do gozo quanto de sua suplementação. A repetição, em assim sendo, manifesta esta estrutura do significante: meio saber, meio gozo.

Freud nos indicava que a repetição precisa ter liberdade no tratamento, mas que devia ser remontada ao passado (1980, [1920], p. 32). Por outro lado, destacou que o embate final da análise convoca a pulsão e as defesas mais radicais ao tratamento (1980, [1937]). Lacan, por sua vez, também destacou que uma modificação do sujeito em relação ao seu gozo é um boa medida de uma análise. Como situar a função da repetição na análise, tendo em vista que ela é causa de gozo? Miller nos provoca: "Trata-se de um basta na repetição ou de um novo uso dela?" (Idem).

Pensar a função da repetição na transferência, a partir desta remodelagem do conceito de repetição, implica em destacar que em alguma medida a repetição é também condição de gozo. Consideramos que ainda que o trabalho de Lacan sobre o gozo não

---

<sup>21</sup> "É nesse ponto que chegamos à fórmula de que uma transgressão é necessária para aceder a esse gozo, e que ( ... ) é muito precisamente para isso que serve a lei. A transgressão no sentido do gozo só se

tenha aqui sua definição final, as elucidações em torno da relação do sujeito com o gozo, mediante a repetição, não precisam ser descartadas. Pretendemos discutir a pertinência desta formulação no entendimento da transferência.

Tendo destacado a complexidade da repetição em Lacan e o domínio pulsional que Freud destaca em seu seio, partiremos para a conceituação da transferência, visando discutir o que da transferência não responde como repetição.

## CAPÍTULO 3

### A TRANSFERÊNCIA E O SUJEITO SUPOSTO SABER

Esta ambigüidade da realidade em causa na transferência, só podemos chegar a desembrulhá-la a partir da função do real na repetição (Lacan, 1988, [1964], p. 56).

A transferência, como tempo de fechamento ligado à enganação do amor, integrou-se a essa pulsação [do inconsciente] (Lacan, 2003, [1965], p. 196).

A análise do conceito de repetição desvelou, para nós, a urgência de melhor situarmos o conceito de transferência. Inicialmente equiparada por nós à repetição significativa, a transferência se apresenta agora como um enigma. Lacan a situa como um nó (1988, [1964], p. 26) e Freud não deixou de acentuar seu caráter enganador e os obstáculos que ela apresenta, especialmente aos jovens analistas.

Acompanhada pelo amor, a transferência foi muitas vezes idealizada, como conceito e como fenômeno clínico. A demarcação de uma resistência em seu núcleo, faz, porém, oposição a esta idealização. Freud a conceituou como a repetição de estereótipos inconscientes (1980, [1915a], p. 133) e Lacan como a “atualização da realidade do inconsciente”, como veremos. Pretendemos traçar uma leitura entre estas duas definições de transferência, tendo em vista ainda a estruturação concedida a ela por Lacan, a partir do conceito de "sujeito suposto saber".

Tomaremos *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, no que tange ao conceito de transferência, como ponto de apoio neste trabalho. Isso não se faz, contudo, sem maiores dificuldades. Este seminário de Lacan representa uma virada conceitual e institucional do autor no que diz respeito à

psicanálise, e é na efervescência destas mudanças que ele revê os conceitos fundamentais da psicanálise: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão. Nosso trabalho aqui, contudo, não se reduz a um estudo deste seminário. Partimos das modificações realizadas ali, por seu caráter heurístico, para melhor nos situarmos em relação aos conceitos de transferência e repetição.

Miller (1997, p. 17) se refere ao seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* como um seminário "de alguém que está começando de novo". E não apenas de um recomeço no que se refere à audiência ou ao lugar de exposição, mas fundamentalmente, de uma nova maneira de conceber a psicanálise, e desta forma, de um profundo questionamento do modo com que Freud concebeu sua psicanálise. Contudo, se por este trabalho, Lacan se afasta consideravelmente de Freud, por outro lado, trata-se ainda, segundo Miller, de destacar o que está presente em Freud, que pode ser lido em seus retrocessos e avanços, ainda que não tenha sido formalizado por ele. É, como diz Miller, "um mais além interno" (Idem, p. 20) que Lacan propõe com seu destaque dos conceitos freudianos, aqui chamados "conceitos fundamentais".

No conceito de transferência, completamente reordenado a partir de então, os aspectos do saber e do sujeito estão em cena, destacando ainda mais suas vinculações com o conceito de inconsciente. Miller se refere a ela como "um aspecto do inconsciente" (Idem, p. 24). Modificam-se, sobretudo, as relações estruturais entre o conceito de transferência e o de repetição. Se em Freud podemos encontrar estes conceitos muitas vezes superpostos, e se, num primeiro momento de Lacan vemos até uma tentativa de fazê-los coincidir, aqui a retomada é radical. O *real* que se apresenta na repetição - *tiquê* - a afasta energicamente da transferência, enquanto conceito, sendo utilizado, para caracterizá-la, o conceito de *realidade*. É pela realidade - sexual - que

Lacan irá definir a transferência, numa atualização proporcionada pela presença do analista.

Miller destaca que para seguir Lacan, nesta revisão, é preciso diferenciar realidade de real, dando à primeira o estatuto da fantasia, realidade psíquica, e a este último (o real) a noção do que eficazmente não engana e do que não pode ser simbolizado. Miller nos diz que "a realidade do inconsciente é sempre ambígua e ilusória, ao passo que a repetição está ligada ao real, que não engana" (Idem, p. 24). O destaque dado aqui à transferência é no sentido de salientar sua ambigüidade, ligado à sua determinação significante. Por isso, como veremos no decorrer deste capítulo, Lacan se refere a uma verdade sempre marcada pela mentira, destacando uma indissociação entre as duas, proveniente da ambigüidade do significante. Em assim sendo, Miller acentua que poderíamos ler os capítulos deste seminário referentes à transferência, a partir das "mentiras" que as históricas não se cansam de contar, em suas análises, que revelam, a despeito de sua intenção, a verdade calada no inconsciente. Em outro contexto, Miller (20.12.1989, inédito<sup>22</sup>), ainda em relação a este tema, reafirma que o seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* se estrutura para mostrar a diferença entre transferência e repetição:

O inconsciente e a transferência são entendidos como fenômenos do sujeito - devem ser situados na rubrica do sujeito - enquanto que repetição e pulsão se situam na rubrica do objeto *a* (Miller, p. 132, tradução livre do espanhol).

Miller destaca ainda que Lacan situa a repetição, neste seminário, como o método da psicanálise<sup>23</sup> (Idem, p. 134). Entendemos que aqui Lacan situa o que não mente na repetição, numa impossibilidade da linguagem abarcar tudo. Tomaremos essa

---

<sup>22</sup> Anotações da lição "Os quatro conceitos" do seminário *El banquete de los analistas de Miller*, proferida em 20.12.1989, inédito em português.

impossibilidade para nos situarmos melhor em relação à ambigüidade primordial da transferência, sua estrutura de engano.

### **3.1 Diferenças conceituais entre transferência e repetição.**

#### **3.1.1 A transferência não é a repetição.**

Um deslizamento possível do conceito de transferência é sua equiparação com o conceito de repetição. Esse deslizamento não é apenas apressado ou imediato, é também plausível. Contudo, como mostra Lacan, ele não penetra além dos efeitos da transferência. Precisamos ir além, indagando sobre sua causa. Se nos conduzirmos para além da coincidência aparente entre estes conceitos, nos perguntaremos por que eles não se confundem, já que, à primeira vista, a semelhança salta aos olhos (especialmente a partir da definição freudiana de 1914, que praticamente prevê um equivalência conceitual entre os dois fenômenos clínicos (Freud, (1980, [1914a], p. 201). Para responder estas questões é fundamental demarcar a estrutura de linguagem em que a transferência se situa, atentos para as conclusões a que chegamos nos capítulos precedentes sobre a repetição<sup>24</sup>.

Lembremos que para Freud o sujeito repete ao invés de recordar. Obstáculo constitutivo do sujeito, muito mais do que impedimento neurótico, esse não poder lembrar-se não se esgota, conceitualmente, na referência à resistência do recalcado, mas remete ainda a um limite radical da simbolização. Em assim sendo, a repetição exhibe um real da impossibilidade de tudo articular pelo significante. Contudo, desse limite, o

---

<sup>23</sup> Se a repetição é o método da psicanálise, claramente se destaca uma clínica do real, aberta aos encontros do inassimilável e contrária à simbolização interminável.

sujeito nada quer saber. Lacan, em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988, [1964]), marca que é bem nesse limite da rememoração que vemos uma "passagem de poderes ao Outro" (Idem, p. 125) pela qual o sujeito concede ao Outro um saber prévio, ao qual ele não tem acesso direto.

Como acabamos de discutir, podemos entender que isso se deve ao limite interno da rememoração, em virtude da resistência do recalçamento (e aí teríamos a concepção segundo a qual a repetição coincide conceitualmente com a transferência), ou podemos aí entrever a operação de *tiquê*, demarcando uma falta de articulação significativa radical, presente na linguagem. Para nós, um dos modos empregados por Lacan para demarcar a distinção conceitual entre transferência e repetição, é assinalar que o Outro é o tesouro dos significantes, o lugar da verdade, pois a repetição, como *tiquê*, despoja o Outro desta prerrogativa, estabelecendo um furo na própria linguagem. Lacan define o grande Outro como "o lugar da fala (*parole*), virtualmente, o lugar da verdade" (1988, [1964], p. 125).

Nesse sentido, a prerrogativa lógica do conceito de transferência repousa nessa premissa: de que esta impossibilidade de tudo saber seja camuflada, através da "passagem de poderes ao Outro" da linguagem<sup>25</sup>.

### **3.1.2 A transferência como fechamento do inconsciente.**

A transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar. Longe de ser a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é, ao contrário, seu fechamento (1988, [1964], p. 125).

---

<sup>24</sup> A saber, que para além da repetição dos estereótipos inconscientes, a repetição desvela um encontro com o inassimilável, com aquilo que não se articula a partir da linguagem (conferir nossa discussão no capítulo 2 dessa tese).

<sup>25</sup> Falaremos um pouco mais adiante (tópico 3.4) das diferenças fundamentais, tal como as compreendemos entre a suposição de saber e a transferência).

Pensar a transferência como fechamento do inconsciente implica em considerarmos a ampliação do conceito de inconsciente em 1964. Lembremos que se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, agora esta linguagem inconsciente não está pressionando o tempo todo para ser ouvida. Ela se recolhe, e especialmente na transferência. Só podemos pensar a transferência marcada por este fechamento se levarmos em conta sua essência de resistência, extensamente demonstrada por Freud em *A dinâmica da transferência*: "Podemos concluir que a intensidade e a persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência" (1980, [1912b], p. 139).

Por esta condição da transferência, evidencia-se que sempre que ela está presente algo de um fechamento também se apresenta. O que é paradoxal no conceito (e no fenômeno da transferência) é que ao mesmo tempo em que ela exhibe um obstáculo, ela proporciona uma abertura à interpretação do analista. Condição da análise, a transferência revela um impasse (e sobretudo uma dificuldade intrínseca a seu manejo, como salientou Freud) em virtude de sua contradição interna.

O fator tempo aí inserido (um abrir e fechar imprime um caráter temporal ao conceito de inconsciente), para se pensar a transferência, implica, a nosso ver, que consideremos um fechamento atrelado a uma abertura e que a transferência se situa no momento deste fechamento.

A partir da consideração da transferência como "momento de fechamento do inconsciente" um paradoxo surge quando pensamos na afirmação de Freud, de que a transferência é decisiva para a efetividade da interpretação (Freud, 1985, [1915a], CD-ROM). Com Lacan, podemos afirmar que a interpretação é decisiva porque convoca novamente, à revelia da transferência, o inconsciente (Lacan, *Idem*, p. 125).

O inconsciente, lugar do discurso do Outro, de um saber que não tem conclusão possível (Lacan, 1988, [1964], p. 129), *interpreta antes mesmo do analista*, como marca Freud a respeito da convicção do paciente oriunda de uma construção do analista (Freud, 1980, [1937], p. 295). Nesse sentido, a interpretação já existe, antes de qualquer transferência ou situação analítica, por intermédio do discurso do Outro, lugar do inconsciente.

Deste modo, a interpretação do analista suscita o inconsciente, ou como melhor ilustra Lacan: "é ele [o discurso do Outro, o inconsciente], que pela boca do analista, apela à reabertura do postigo" (Lacan, 1988, [1964], p. 126). É muito ilustrativa esta referência de Lacan a uma pequena porta, à qual se dirige a interpretação do analista. Ressalta ele que a *bela* com quem queremos falar (o inconsciente), por intermédio da interpretação, encontra-se aprisionada, pela formação da transferência (Idem). A interpretação convoca o inconsciente, discurso do Outro, a despeito da transferência. O ponto central da concepção da transferência como fechamento do inconsciente, como já frisamos, é a marcação freudiana de que ela se apresenta exemplarmente sob o registro de uma resistência. Não apenas em sua manifestação, mas essencialmente sua função de resistência, é ressaltada por Freud:

Insisto nesse procedimento, [o uso do divã], pois seu propósito e resultado são impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, isolar a transferência e permitir-lhe que apareça, no devido tempo, nitidamente definida como resistência<sup>26</sup> (Freud, 1980, [1913a], p. 176).

Freud prevê a divisão da transferência entre positiva (terna ou erótica) e negativa, e ressalta que a transferência só serve à resistência, quando se converte em negativa ou erótica (1908, [1915a], p. 140). Esse é um ponto controverso e encontra-se

---

<sup>26</sup> Em virtude de uma certa imprecisão na formulação da tradução para o português, da passagem citada, transcrevemos a tradução para o espanhol: "A pesar de ello, persisto en ese criterio, que tiene el propósito y el resultado de prevenir la inadvertida contaminación de la transferencia con las ocurrencias del paciente,

algo dissonante de nossas articulações, pois ao propor tal divisão, Freud destaca que a resistência não é o cerne da transferência, já que a primeira se destaca *apenas* quando surge a vertente erótica ou negativa da segunda. Por outro lado, em *Análise de um caso de neurose obsessiva*, em 1909, ele destaca, em relação à transferência de seu paciente, o sofrimento inerente à mesma, único caminho de acesso à elaboração das resistências. Não estaria aí Freud demarcando uma antinomia intrínseca à transferência, independente de sua manifestação fenomenológica? Esta questão é central em nosso trabalho, já que trabalhamos conceitualmente com as definições lacanianas de 1964. Neste sentido, a análise dos textos freudianos, empreendida por nós, tornou necessária a concepção segundo a qual a transferência não se dissocia da resistência. Em vários momentos de nossa explanação destacaremos esta relação íntima entre ambas.

O paradoxo que Lacan aponta no que tange à transferência é que o que destaca que onde a transferência se insurge, estancando a pulsação inconsciente, é que a interpretação pode se tornar eficaz. Ou seja, sua função é contraditória à medida que evidencia tanto a possibilidade de efetividade da interpretação (e acesso ao inconsciente) quanto sua vertente de obstáculo, de fechamento do inconsciente. Por isso Lacan nos diz que ela é um nó (Idem, p. 126). A transferência encontra-se, a partir destas considerações, como um modo de acesso ao inconsciente, mas no que ele comporta de fechamento e não como poderíamos crer, numa condução direta ao mesmo. Resguardam-se as diferenças fundamentais entre esta e a repetição, no que diz respeito ao acesso ao inconsciente e ao que ele comporta de ambigüidade, já que a repetição destaca uma falta intrínseca à linguagem:

Vocês vêem desde já que a transferência – tal como a representamos, como modo de acesso ao que esconde de inconsciente – *só poderia ser, por si*

---

aislar la trasferencia y permitir que en su momento se la destaque nítidamente circunscrita como resistencia".

*mesma, uma via precária ( ... ). Vemos então que a transferência, como modo operatório, não poderia bastar-se em se confundir com a eficácia da repetição, ( ... ) senão com a catarse dos elementos inconscientes (Lacan, 1988, [1964], p. 137, grifo nosso).*

A eficácia que podemos encontrar na repetição é o limite à simbolização. Como vimos em nosso segundo capítulo, a repetição, em seu núcleo de real, não deixa dúvidas quanto à impossibilidade de encontrar um sentido último. No outro extremo, em se tratando de simbolização, a transferência se apresenta absolutamente perpassada pelos significantes, contando uma estória erótica, a partir do encontro com o real da presença do analista. É deste modo que entendemos a "catarse dos elementos inconscientes" a que Lacan aqui se refere.

É um caminho significativo que conduz o sujeito até seu analista (na seriação dos objetos de desejo). É pela repetição significativa que a transferência se apresenta, e é também a partir deste aspecto da repetição que os dois conceitos podem ser equiparados. Como nos indica Freud, quando ressalta que se o analista julgar que o tratamento se encerrou pelo surgimento de uma transferência erótica, a analisante reiniciará a mesma transferência, com outro analista, ou ainda com qualquer outro médico. Vemos, a partir deste exemplo a repetição na vida amorosa, que reproduz um modelo prévio de amar (Freud, 1980, [1915a], p. 208).

Entendemos que é nesse sentido que Lacan afirma que há repetição na transferência. Contudo, tomar a repetição em seu núcleo real, encontro com o inassimilável, ainda que velado pela repetição dos significantes, exige uma distanciamento conceitual entre a transferência e a repetição.

Elas não se confundem – o conceito de transferência não pode abranger o de repetição – não porque a transferência é mais eficaz no alcance do inconsciente. Pelo contrário, o alcance maior do que o inconsciente exhibe, a falha, o tropeço, é dado

através da repetição. Nesse sentido, a transferência é fundamentalmente, tapeação, “catarse dos elementos inconscientes”. Ela é uma via, porém, precária. Lacan define a transferência, em seu paradoxo, como sendo “ao mesmo tempo obstáculo à rememoração [a resistência da transferência, como Freud definiu] e presentificação do fechamento do inconsciente” (Idem, p. 138).

### **3.2 A Transferência é a atualização da realidade do inconsciente.**

#### **3.2.1 Transferência e sexualidade**

Pensar a transferência como um fechamento do inconsciente implica em destacar, paradoxalmente, uma relação estrutural entre ambos. Esta relação nunca deixou de ser tematizada por Lacan. Contudo, entendemos que ela é formalizada em 1964, através da fórmula segundo a qual "A transferência é a atualização da realidade do inconsciente" (1988, [1964], p. 142 "Le transference est la mise en acte de la réalité de l'inconscient"). Pretendemos desdobrar tal afirmação, cotejando-a com o trabalho de Freud sobre a transferência.

Antes, porém, cabe uma nota acerca da tradução de "mise en acte" por "atualização", realizada pela terceira edição de *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de Jorge Zahar editor. A tradução privilegiou a fórmula: “A transferência é a *atualização* da realidade do inconsciente”. A palavra "atualização" comporta muitos sentidos. O dicionário Aurélio destaca seu emprego na filosofia como “ato ou efeito de atualizar, o ato ou fato de tornar atual”. Por outro lado, "ato" comporta uma nuance, que destaca além da presentificação (do tornar atual), uma

modificação, no ato da atualização. Destacamos um dos sentidos propostos pelo dicionário: ato é “o processo de criação ou de modificação de um ser”.

Conforme supomos, a categoria do real, definido neste seminário, aparece na fórmula citada, através do ato (*mise en acte*). Deste modo, Lacan destaca tanto uma vertente de atualidade à transferência (como já o fazia), quanto um real que torna o encontro com o analista algo de não simbolizável, não submetido às leis que regulam o recalado, em outros termos, não significante.

Nos apropriando da definição do verbete do dicionário, podemos também dizer que, pela modificação da definição do conceito de transferência, Lacan acentua ainda um fazer pela transferência. O ato assim evidencia um fazer, na experiência analítica, como nos orienta Lacan. Ainda em relação à tradução controversa do "mise en acte" por atualização, discutindo a função da fala na psicanálise, Bernardes recorre à filosofia analítica de Austin (anos 70), para destacar que vê-se aí uma demonstração de enunciados - performativos - que demonstram um ato em execução (como por exemplo, quando alguém nos diz: "eu prometo" (Idem, p. 109). Deste modo, o trabalho de Austin, segundo a autora, demarca um campo lingüístico onde o ato e a palavra se sobrepõem, pois ao falar o sujeito "constitui um estado de coisas" (Idem, p. 110). É nessa mesma intenção, ainda segundo a autora, que Lacan elabora, desde o início de seu ensino, a função da fala em psicanálise, quando destaca, por exemplo, que a experiência analítica se passa num contexto de palavra (1993, [1953-54], p. 269-279).

Nosso interesse aqui é destacar a enunciação de Lacan de 1964, segundo a qual a transferência demarca uma atualização da realidade inconsciente. Obviamente a autora demonstra que Lacan não se encontra na mesma vertente de explicação de Austin, especialmente pela concepção radical do inconsciente, que ele mantém e transforma ao

longo de seu ensino. No entanto, essa incursão pela filosofia interessa por possibilitar uma leitura do dizer como ato. Utilizaremos a tradução "atualização", atentos, contudo, aos aspectos aqui discutidos.

O que logo salta aos olhos na nova formulação da transferência é que ela é aparentemente simples. Se levarmos em conta as afirmações lacanianas anteriores sobre a transferência, podemos pensar numa continuidade. Isso contudo é apenas aparente. As reformulações dos conceitos de inconsciente, pulsão e repetição implicam numa descontinuidade, que acompanha esta definição, e encontram-se diretamente implicados na nova conceituação de transferência. Tentaremos situá-la na efervescência desta remodelação.

O primeiro desdobramento da fórmula, efetuado por Lacan, é a consideração de que esta realidade, que a transferência atualiza, é sexual. Como se trata fundamentalmente do inconsciente no novo conceito de transferência, vemos que o significante (base de sua definição anterior de inconsciente, a saber, *o inconsciente estruturado como uma linguagem*) é aqui aproximado da sexualidade. O título da lição XII deste seminário demonstra esta aproximação: *A sexualidade nos desfiles do significante* (1988, [1964], p. 142). A tradução do título da lição, em francês: *La sexualité dans les défilés du signifiant*, para o português, estabeleceu o termo "desfiles", enquanto no espanhol temos *desfiladero*, que comporta ainda os sentidos de "passagem estreita", "garganta", "passo". Desfile, por outro lado, sugere "sucessão", "encadeamento". Entendemos que a sexualidade não apenas se imusculi na sucessão dos significantes, como demarca um espaço que intervala<sup>27</sup> os significantes. A idéia de um desfiladeiro é retomada por Lacan em seu escrito *Posição do inconsciente* (1988,

---

<sup>27</sup> O verbo intervalar, apesar de incomum, retrata bem o que pretendemos demonstrar. Comporta os sentidos de "dispor com intervalos", "alternar".

[1960], p. 858), quando o autor destaca que no intervalo entre os significantes outra coisa motiva o sujeito, além daqueles efeitos de sentido que a cadeia impõe a ele.

Lacan situa, deste modo, a sexualidade atrelada ao significante, produzindo seu encadeamento. Outrossim, esta pressuposição introduz o sexual a partir do significante, orientado por ele. Nesse sentido, a transferência destaca, inicialmente, a sexualidade e suas determinações. Pelo destaque concedido à sexualidade, vemos uma articulação ainda mais rigorosa, no ensino de Lacan, entre o sexual e o significante.

O emprego que fazemos aqui do conceito de transferência - como aquilo que, pelo significante, atualiza a sexualidade do inconsciente - suporta que a pensemos como aquilo que atualiza esta relação de estrutura entre o significante e a sexualidade.

A formulação da transferência como uma atualização do inconsciente exige, como dissemos, uma retomada das relações estruturais entre a linguagem e o inconsciente. Uma mensagem inconsciente ainda se encontra presente nesta remodelação do conceito de inconsciente (aqui tomado pelo viés da transferência), mas entendemos que a ênfase lacaniana recai sobre a articulação ainda mais radical, entre sexualidade e significante, demarcando o campo da sexualidade a partir do significante.

A perspectiva do inconsciente estruturado como uma linguagem se sustenta na autonomia do simbólico, na prerrogativa de que a linguagem precede até mesmo a formação do inconsciente, já que ele se estrutura a partir dela. O termo "realidade" empregado em 1964, em referência à transferência, situa de modo definitivo a estrutura de ficção desta linguagem.

Brousse (1997, p. 118) acentua que o desdobramento da transferência como atualização da realidade do inconsciente a situa como uma *produção* do inconsciente, em sua realidade sexual, na análise. Destaca-se o "elo orgânico" (Idem, p. 119) existente

entre os conceitos de transferência e inconsciente, e a transferência como único acesso a uma psicanálise. Para a autora, apesar de ser a transferência a condição de acesso ao inconsciente, "não se pode tocar o inconsciente" por esta (Idem). Ele pode ser atualizado por ela, mas essa atualização se apresenta como um obstáculo.

Destacar o sexual como a realidade do inconsciente amplia o debate em torno da transferência para a discussão da parcialidade da pulsão e de um pretense desenvolvimento libidinal. De que sexual se trata na realidade do inconsciente? Como ele se apresenta na transferência?

Concebendo o amor de transferência como um genuíno amor (Freud, 1980, [1915a]), somos levados, *de antemão*, a conceber este amor (como todo amor) como aquilo que evidencia um aprimoramento da sexualidade, numa aparente unificação das pulsões parciais sob o domínio da pulsão genital, último e mais aprimorado passo do desenvolvimento sexual. Sabemos, no entanto que em sua obra Lacan trabalhou no sentido contrário, destacando que esta evolução pulsional se apresenta no registro de uma ilusão. O amor não pode ser concebido como o "representante do esforço sexual, que resumiria sua essência e sua função" (Lacan, 1988, [1964], p. 175).

As referências do autor à transferência destacam sua dependência do amor e sua função de velar a castração. Lacan discute a questão da autenticidade do amor exibido na transferência, dizendo que nunca se pode "carregar" a questão de um amor autêntico, indicando que não é a autenticidade do amor de transferência que está questionado, mas a autenticidade de qualquer fenômeno amoroso, que, não obstante, comporta uma dimensão de tapeação.

Nesse sentido, o que é ressaltado do amor, em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, é sua vertente de fantasia (Idem, p. 175). Deste

modo, amor e sexualidade ocupam lugares distintos, pois por serem as pulsões parciais, não se prestam a uma integração das pulsões. Entendemos que o amor, nesse sentido, representa uma fantasia. Esta, por sua vez, representaria uma objeção ao real da impossibilidade da conjugação das pulsões parciais.

A sexualidade se "realiza" na operação parcial das pulsões. Essa parcialidade é definida por Lacan como uma parcialidade no que tange à finalidade biológica da sexualidade. Nesse sentido, o amor (e também o amor de transferência) não pode ser visto como uma atividade pulsional, pois está definido a partir de uma pretensa reunião das pulsões parciais em torno de um objeto, o que exigiria a conceituação de uma evolução pulsional.

Diferenciando então sexualidade de amor (sexualidade referida às pulsões parciais) Lacan concebe a sexualidade no intervalo produzido pela substituição significativa (Idem, p. 167). Nesse sentido, podemos entender que esta fresta possui uma economia própria, gerando um encadeamento sexual que conta uma estória significativa. A referência freudiana utilizada por Lacan para sustentar esta separação estrutural entre o amor e as pulsões parciais é aquela que encontramos em *As pulsões e seus destinos*.

Neste texto de 1915a, Freud destaca que há necessariamente alguma relação entre o amor e a sexualidade, mas que definitivamente não se trata de pulsão parcial no amor, onde a dinâmica do narcisismo é evidente. Lembremos que seu trabalho do ano anterior, *Introdução ao narcisismo*, marca uma distinção radical entre o nível pulsional (auto-erotismo) e o nível narcísico (como veremos adiante, no item 3.6.1).

Em *As pulsões e seus destinos* (1980, [1915b], p. 49), Freud discute as relações estruturais entre o amor e a pulsão, a partir das polaridades encontradas no amor (amar/

odiar, amar/ser amado e amar e odiar/indiferença), recorrendo às antíteses presentes na vida mental: sujeito-objeto (nível real); prazer-desprazer (nível econômico), e atividade-passividade (nível biológico). Note-se que estas relações antitéticas já estão muito distanciadas dos modos de relação das pulsões parciais com seus objetos.

Estabelecendo esta distinção, o autor marca que as relações de amor e de ódio, que presenciamos no amor, não são aplicáveis às relações das pulsões com seus objetos, porque convocam uma relação do eu total com os objetos (1980, [1915b], p. 49), o que não pode ser concebido nas pulsões parciais. Nesse sentido, o sexual é aqui abordado do ponto de vista da parcialidade das pulsões.

Lacan ressalta que apenas que o binômio atividade-passividade não garante, em absoluto, a inscrição da diferença sexual. Ele (o binômio) apenas metaforiza e encobre, aquilo que diz respeito à relação sexual.

Por essa objeção a Freud, Lacan opõe radicalmente dois campos: o do amor e o da pulsão. Destaca o autor que o objeto do amor é aquele que responde pela simetria entre o eu e o objeto, fazendo amplas referências ao narcisismo, o que demarca a estruturação de enganação própria do amor. Por esta simetria a relação do sujeito com o objeto de amor exige a relação narcísica do eu com seus objetos, por identificação. Em assim sendo, há aqui reciprocidade entre o eu e o objeto.

Já em relação ao campo pulsional, Lacan se refere a um circuito percorrido pelo desejo em torno do objeto *a*, objeto da pulsão. O objeto *a*, causa do desejo é formalizado neste seminário por Lacan, tendo importante função junto ao conceito de transferência, como destacaremos no decorrer deste capítulo. Aqui é definido como o objeto que anuncia uma falta radical (em relação à simbolização), onde situamos o sujeito.

É em torno da perda radical do objeto de satisfação, lugar do objeto *a* na constituição do sujeito, que o desejo gira, estabelecendo, nesse contorno, os objetos do desejo. Assim, ele ressalta: "não é que o objeto se prenda ao objeto da pulsão - o desejo faz seu contorno, na medida em que é dele que se trata na pulsão" (Idem, p. 230).

Entendemos que a transferência como atualização da realidade do inconsciente demarca a presença da sexualidade na situação analítica. Contudo, por ser o amor já um velamento desta sexualidade – pulsional – pela via do narcisismo, o que se apresenta, pela transferência, é já um encobrimento do sexual. Ou seja, se é o narcisismo que conduz à escolha de objeto, condição do estabelecimento da transferência, a ambiguidade que ele comporta se evidencia nesta última. O narcisismo vem mascarar uma impossibilidade de completude, só alcançada pelo imaginário da relação sexual. Assim, o amor de transferência se situa como um efeito da transferência, porque o que acompanha a sexualidade em sua parcialidade é a ilusão, proporcionada pelo amor, de uma completude.

Contudo, o que a sexualidade anuncia, para além desse efeito de amor, é a relação da pulsão com seus objetos parciais. O amor de transferência – como todo amor – funciona como um encobrimento do pulsional. Deste modo, a realidade em causa na transferência é a sexual, no que ela comporta de velamento narcísico à parcialidade da pulsão. É também nesta vertente que entendemos a afirmação de Lacan de que a transferência representa o fechamento do inconsciente.

### **3.2.2 A transferência e o campo do Outro.**

Desdobrando a conceituação de transferência, Lacan assinala que o que retorna na transferência é o campo do Outro (1988, [1964], p. 194). A definição do grande

Outro nos auxilia por demarcar este campo como “o lugar em que se situa a cadeia do significante que *comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito*” (Idem, p. 194, grifo nosso). Sendo o campo do Outro a condição da existência do sujeito, suas marcas, amarrações significantes, presentificam-se na relação do sujeito com o Outro, manifesta na transferência<sup>28</sup>.

É também no campo do Outro que Lacan situa a pulsão, parcial em sua essência, demarcando seu retorno no fenômeno da transferência. Essa parcialidade da pulsão se traduz, para ele, por duas faltas, que recobrem o campo da sexualidade. Nesse sentido, acompanhando a formulação principal sobre a transferência, diríamos que as duas faltas se atualizam pela experiência analítica.

A primeira falta decorre da dependência do sujeito ao significante. Sabemos o quanto Lacan acentuou, desde seus primeiros seminários, a dependência da transferência, bem como da experiência analítica, à estrutura da linguagem. Em *O seminário, livro 8: a transferência*, ele discute os alcances da interpretação analítica (questão retomada em 1964), salientando que toda interpretação da transferência repousa sobre a prerrogativa de que ela é “permeável à ação da fala” (Lacan, 1992, [1960-61], p. 175). A fala se mantém na experiência analítica porque é suportada pela transferência, que dá passagem à linguagem. Manifestação significativa por excelência, a transferência suporta a linguagem no discurso analítico.

Freud destaca a relação íntima entre a linguagem e a transferência, como entendemos, a partir de sua primeira formulação de transferência. Em *A interpretação dos sonhos* (1980, [1900-1], p. 93), ele descreve o deslocamento de uma palavra, do

---

<sup>28</sup> Entendemos que as modalidades da transferência obedecem às posições subjetivas estruturais. Discutiremos no capítulo seguinte a aplicação da fórmula: “A transferência é a atualização da realidade do inconsciente” a partir da análise da transferência em um caso de neurose obsessiva, com base nesta expectativa, que compreenderá uma ilustração clínica desta afirmação.

inconsciente para o pré-consciente, definindo, pela primeira vez, o que mais tarde figuraria como um dos conceitos fundamentais de sua obra:

Aprendemos dessas últimas [das neuroses] que uma idéia inconsciente é, como tal, inteiramente incapaz de ingressar no pré-consciente e que só pode exercer ali algum efeito através da ligação com uma idéia que já pertence ao último, transferindo sua intensidade para ela e ficando "coberta" pela mesma (Freud, 1980, [1900-1], p. 93).

Vemos então que a palavra é transferida de um lugar ao outro, por efeito da substituição significante que as aproxima. Entendemos, deste modo, que Freud demarca não apenas o contexto de linguagem, em que ocorre a transferência, mas sua derivação da linguagem.

A segunda falta citada por Lacan é sustentação lógica da primeira. Decorre da falta real de todo vivente: "a falta real é o que o vivente perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada" (Idem, p. 195). Por esta condição (submetido ao sexo) todo sujeito, porque está ligado à cultura, "experimenta" uma perda real, para dar continuação ao seu nome. A relação com a morte está inscrita então no sujeito, a partir de sua determinação sexual. Nesse sentido, há uma relação conceitual de dependência entre sexo e morte, já que a manutenção do homem está contida no gérmen de cada indivíduo, que por isso, morre. Assim, "a existência repousa na cópula" (1988, [1964], p. 143), pois o homem permanece, a partir dela. As trocas fundamentais que permitem a perpetuação, se baseiam nas alianças e não na natureza, sendo, portanto, obtidas no nível simbólico. Situamo-nos numa sexualidade social, pois as alianças e os contratos são fundamentais para a manutenção do humano. Em decorrência de tais alianças, o que se transmite é um nome e não necessariamente a vida (Brousse, 1997, p. 121).

Entendemos, deste modo, que o sujeito é dividido por estas duas faltas constitutivas: a falta real, que decorre de sua condição sexual e a falta simbólica, que

decorre da impossibilidade de que ele possa situar sua existência completamente, a partir do significante. Como adianta Lacan, a falta simbólica recobre a real, tendo por "auxílio" a montagem imaginária da completude amorosa.

Não há acesso ao Outro do sexo oposto senão através das chamadas pulsões parciais, onde o sujeito busca um objeto que lhe reponha a perda de vida que lhe é própria, por ele ser sexuado (1988, [1960], p. 863).

A primeira falta citada por Lacan, que é engendrada a partir da determinação simbólica do sujeito, se refere, como dissemos, às relações do sujeito com o Outro. Nesse sentido, o sujeito não é mais do que um efeito da cadeia significante. O sujeito está num lugar indeterminado, já que a referência significante, que vem do campo do Outro, não pode identificá-lo plenamente. Discutindo as relações que se estabelecem do sujeito com o Outro, Lacan apresenta duas operações lógicas, transpostas para a psicanálise: a alienação e a separação, que discutiremos a seguir, buscando ainda nos apropriarmos de sua conceituação de transferência.

### **3.3 Alienação na relação do sujeito com o Outro.**

Trata-se, em psicanálise, de um percurso que parte do amor, valendo-se da *alienação* do sujeito, *suposição*, para conduzi-lo à *separação*, dos significantes-mestres que o submetem e de uma posição de *fixação* na satisfação pulsional (BESSET, 2002. p. 25)

Alienação e separação, operadores lógicos utilizados para discutir a causação do sujeito, são conceitos complexos e nodais do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988, [1964]). Discutir estes conceitos revelou-se uma necessidade em nosso percurso, tendo em vista nosso objeto principal: as relações entre a transferência e a repetição na experiência analítica. Se a transferência situa em ato a realidade do inconsciente, por sua vez, esta “realidade” convoca um rigor em relação à

constituição do sujeito, a partir da linguagem. No entanto, as novidades conceituais concebidas por Lacan aqui se inscrevem num momento específico de seu percurso teórico e pessoal, circunstâncias estas que não deixam de ter efeito sobre esta teorização. A mudança conceitual e de estilo do autor, neste momento, é bastante significativa, embora, obviamente, suas concepções deste período demonstrem o avanço de todo seu percurso.

Laurent (1997, p. 31) destaca que a apresentação destas duas operações em 1964 demonstra uma ruptura e uma nova aliança na obra de Lacan. Ruptura porque as influências linguístico-estruturalistas (oriundas da obra de *Saussure*, especialmente), que sustentaram suas definições do funcionamento do inconsciente, com base na metáfora e na metonímia, começam a ficar para trás. A aliança que Lacan passa a estabelecer, através desses conceitos, é com a Lógica formal.

Não podemos desconsiderar também que as duas operações discutem o cogito cartesiano, que consiste em reconhecer a existência do homem onde há pensamento. A máxima cartesiana, que inaugura o pensamento moderno, reconhece que o homem é porque pensa, em que pese o registro da consciência nesta articulação. A proposição do conceito de inconsciente, por Freud, em 1915d, amplia esta articulação, por compreender que o homem também existe no inconsciente, lá onde ele, aparentemente, não pensa. Nesse sentido, a referência de Lacan ao sujeito cartesiano destaca e reafirma este antecedente da psicanálise freudiana, pois fundamentalmente em Descartes (e inauguralmente) o sujeito é pensado como aquele que é, enquanto pensa:

Eu sou, eu existo; isso é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso; pois poderia talvez ocorrer que, se eu deixasse de pensar, eu deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa (... ) (Descartes, 1996, [1641], p. 269).

A perspectiva lacaniana amplia as bases do sujeito cartesiano, destacando ainda, pelo conceito de inconsciente, o assujeitamento a esse pensar. Deste modo, entendemos que Lacan redimensiona Freud e Descartes, quando propõe, no início de seu ensino, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, aplicando os efeitos de linguagem ao inconsciente freudiano. Desta maneira, formalizar esta estruturação do sujeito do inconsciente, a partir da lógica, recoloca em questão as relações entre o saber e o sujeito, a partir do Outro.

Com estas novas concepções (ainda segundo Laurent) Lacan também revê a teoria econômica de Freud (decorrente da mecânica do século XIX), que não dispunha dos instrumentos da lógica formal do século XX. Laurent ressalta ainda que a utilização da lógica por Lacan inclui o fator tempo, fundamental para falarmos da transferência, nessa nova perspectiva. Segundo o autor, o ponto de vista de Lacan é que "uma função temporal pode ser introduzida dentro da "logicização" das operações que constituem o sujeito" (1997, p. 33). O conceito de *retorno*, citado no título de uma das subdivisões de *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, a saber, *O campo do Outro e o retorno sobre a transferência* (1988, [1964], p. 193), testemunha esta tentativa de situar o fator tempo na constituição do sujeito, bem como na transferência<sup>29</sup>.

Como dissemos, Lacan se apropria de alguns conceitos da lógica formal para situar a causação do sujeito. A utilização dos *vels* de alienação e separação são pensados a partir da teoria dos conjuntos, com a proposição de outras possibilidades de apresentação do conector "OU", para destacar as operações pelas quais verificamos as

---

<sup>29</sup> A questão do tempo atravessa nossos interesses trabalhados nesta tese. Porém, sua abordagem aqui será tão somente no sentido de destacar a função deste fator na perspectiva de Lacan de 1964. Não poderíamos dar conta, nesse momento, de um aprofundamento deste conceito, como por exemplo em Hegel, filósofo citado e debatido por Lacan, ainda que indiretamente, no que tange a esta questão.

conjunções-disjunções na relação do sujeito com o Outro. (Lacan, 1988, [1964], p. 193-248, e Doumit, 1996, p. 20-25).

A operação da alienação é a primeira a ser apresentada por Lacan, que destaca que ela é "a primeira operação essencial em que se funda o sujeito" (1988, [1964], p. 199). Laurent nos diz que a primeira falta (aquela que é engendrada em virtude do efeito da linguagem sobre o sujeito) se relaciona com o fato de que "o sujeito não pode ser inteiramente representado no Outro, sempre há um resto" (Idem, p. 37). O *vel* da alienação revela um sujeito que no mesmo momento em que é representado pelo significante, não pode obter sua essência a partir desta representação. Sua definição, a partir do significante promove uma vacilação em seu ser. Vemos que o que Lacan discute aqui é o cerne do sujeito, seu ser.

Que escolhas tem o sujeito, já que se constitui a partir do Outro<sup>30</sup>? É a questão que parece aqui guiar Lacan nesta proposição. O que definiria seu ser, o que garantiria sua existência, se suas referências iniciais (significantes) são trazidas pelo Outro? Em outros termos, como pode o sujeito se definir se as definições trazem a marca do Outro?

Além de questões estruturais da psicanálise, nos parece que estas questões são cruciais na clínica, lugar por excelência do questionamento sobre o desejo e as escolhas do sujeito. Entendemos que Lacan se utiliza da Lógica para situar com a alienação uma impossibilidade do sujeito se constituir apartado do Outro (do campo do sentido). Por outro lado, o sujeito também não pode surgir inteiramente do campo do Outro (porque isso implicaria em uma identificação primária totalitária, que diria o que é o sujeito). Assim entendemos a esquematização que Lacan propõe aqui, a partir da concepção de

---

<sup>30</sup> Obviamente a referência ao campo do Outro aqui situa a escolha do sujeito no que se refere ao inconsciente. Não nos referimos, deste modo, a qualquer sorte de escolha consciente.

que pela alienação o sujeito se encontra dividido entre o ser e o sentido, se situando nessa divisão, nessa fenda. Em assim sendo, o sentido não comporta toda a existência do sujeito, nem tampouco a existência se encontra totalmente definida pelo sentido. Lacan situa o ser do sujeito sob o sentido, submetido ao campo do Outro (1988, [1964] p. 200). Por esta divisão constitutiva, a referência ao Outro da linguagem responde por uma parte da gênese do sujeito.

Contudo, como bem sublinha Doumit (1996, p. 21), é necessário inicialmente distinguirmos o efeito imaginário da alienação, pelo qual o sujeito se vê a partir da exclusão do outro, na constituição do eu. Aí verificamos uma exclusão necessária, ainda que imaginária, que inaugura a relação dual com o outro. Contudo, esta é uma primeira abordagem da operação lógica da alienação, estruturada, por sua vez, numa alienação simbólica constitutiva. A ênfase simbólica conferida às operações de alienação e separação justificam o uso da Lógica, como uma tentativa de minimizar os efeitos imaginários destas operações. Se no nível imaginário a tônica da alienação é a rivalidade, sua fundamentação lógica exige que consideremos uma dependência significativa radical do sujeito para com o Outro.

Neste ponto, retomamos a leitura freudiana presente em *Mal estar na civilização* (1980, [1930], p.90), onde o autor destaca que não se pode conceber nenhuma outra necessidade tão imperiosa na infância quanto a da proteção de um pai. Obviamente, a leitura lacaniana desta paternidade se desloca para o campo da linguagem e toma o significante como sua representação.

Como se trata de uma proposição lógica, baseada na teoria dos conjuntos, Lacan esclarece que o *vel* da alienação é uma perspectiva de modificação da operação da união (Idem, p. 200). A união, como operação lógica propõe a não exclusão de um termo, na

escolha de qualquer outro. Assim, não podemos pensá-la como uma escolha de fato, já que se pode escolher um termo *ou* o outro, ou ainda um termo *e* o outro (Doumit, Idem). A proposição de Lacan altera esta modalidade, pois indica que na escolha pelo sentido não há manutenção dos dois termos, nem tampouco de um em sua magnitude. Assim, algo se perde, já que toda escolha aqui implica em um "desfalque" intrínseco (Idem).

A proposição deste *vel* inscreve-se para o sujeito a partir da oposição do ser e do sentido (campo da linguagem). Como a escolha possível é sempre desfalcada, o que se encontra é sempre uma perda, que se faz notar pela divisão que constitui o sujeito. Se em alguma parte ele se identifica com um significante (um sentido sobre sua existência), por outro lado ele se situa numa afânise (num desaparecimento desse sentido). A definição de seu ser encontra-se assim sempre parcial, inconsistente.

Como se trata de união (ainda que modificada pela proposição lacaniana), a alienação define-se por aquilo que pertence aos dois conjuntos aqui nomeados, ser e sentido. O que pertence a ambos, segundo o autor, é o "não-senso" (Lacan, 1988, [1964], p. 201). Entendemos esse não-senso como o que se encontra presente no sentido (pela ambigüidade significante) e o que também se encontra no campo do ser (já que não há significante que diga o que é o sujeito). Isso representa uma subversão do cogito cartesiano (penso, logo sou), já que não há coincidência entre pensar e ser. A articulação freudiana em torno do inconsciente já havia subvertido esta máxima. Lacan aqui formaliza esta perspectiva através da lógica.

É no intervalo (que se constitui pela união destes dois campos) que Lacan situa o S1, o significante inaugural ao qual o sujeito está referido. Note-se que o S1 (significante primordial) em si não significa nada, resguardando este núcleo de não-

senso. A linguagem, como matriz constitutiva do sujeito, é também submetida à Lógica, substituindo o "pensar" cartesiano.

Se pensarmos que escolha tem o sujeito, em sua constituição, veremos que a partir desta proposição lacaniana, só há escolha forçada, pois o sujeito não tem como não perder algo, situado como está num não-senso constitutivo.

Como vemos, *ser* e *sentido* aparecem aqui excluindo um ao outro, como possibilidades de escolha. Porém, nos diz Lacan, não há a rigor uma escolha, mas uma escolha condicionada por uma perda. Se escolhermos o ser, ele vem amputado de uma parte de não ser, marcado por um sem sentido. Se optamos pelo sentido, ele é que se mantém amputado de uma parte de não sentido, não senso, presente do lado do ser. Como entendemos, é como se qualquer uma das escolhas testemunhasse uma impossibilidade, pois traz consigo uma parte da outra escolha, onde o sujeito se situa. A escolha se dá assim, sempre no encontro destas duas esferas. A escolha aqui é um tanto impossível, já que na verdade, em qualquer escolha uma perda sempre se presentifica.

É com o conhecido exemplo *Ou a bolsa ou a vida* (Lacan, 1988, [1964], p. 201), que Lacan nos aproxima ainda mais do que define por alienação. Qualquer escolha (a da bolsa implica na perda das duas, e a da vida implica na escolha de uma vida, sem a bolsa) implica em perda, não apenas a perda do que não se escolheu, mas numa perda intrínseca à escolha efetuada. Doumit (Idem, p. 23) destaca que esta proposição implica no surgimento de um terceiro termo, o do conjunto vazio, "com o que o sujeito se reencontra quando se recusa a entregar a bolsa" (Idem). Este conjunto vazio é o cerne de seu ser, indefinido no que tange ao sentido. Esta escolha condicionada é instaurada pela perda primordial, que se dá em virtude do significante não poder dizer tudo o que é do sujeito.

A alienação é a operação pela qual o sujeito se ordena. Porém, tal ordenação se dá a partir de um campo que lhe é exterior, o campo do Outro, revelando a exclusão que o sentido (a partir do significante) impõe ao ser do sujeito (Lacan, 1988, [1964], p. 204).

Soler (1997, p. 55) advoga que a partir das conceituações da alienação e da separação, Lacan dá mais consistência à sua definição prévia do inconsciente estruturado como uma linguagem. Deste modo, Lacan destaca como esse inconsciente se estrutura tal como uma linguagem, nas relações do sujeito com o Outro.

Outro ponto marcado por Soler é a consideração de que a abordagem lógica de Lacan é também, e essencialmente, uma abordagem clínica, pois é aí que os sujeitos estão às voltas com seus Outros, procurando uma resposta sobre seu ser. Pela escolha alienante do sentido, o sujeito tem duas alternativas (*vel* da escolha forçada): ou petrifica-se num significante, identificando-se a ele, ou desliza interminavelmente entre os significantes, o que implica numa perda bastante marcada em qualquer uma das alternativas. Na petrificação temos a impossibilidade do sujeito situar-se um pouco além do sentido imediato, na ausência de auto-questionamentos acerca de suas determinações. A vida é possível e até a ação, mas sem singularidade.

A escolha pelo sentido, que implica um deslizamento na cadeia, é a escolha do analisando, pela qual ele paga com um questionamento incessante. Nesse sentido, também se evidencia a ambigüidade da escolha forçada, já que uma escolha pelo sentido (deslizamento na cadeia) implica numa incidência maior do não-senso. O caminho do sujeito do significante, como assinala Soler, é vagar pela indefinição ou identificar-se a um significante, às custas de um desaparecimento. Há aí um impasse, que pela transferência, ressurge (retorna) na análise.

Como vimos, pela escolha do sentido, enquanto um significante representa um sujeito, um outro significante o faz desvanecer-se, pois não o representa. A existência do sujeito está condicionada, assim, a uma divisão constitutiva, que o situa a partir de uma falta. Esta falta se apresenta pela incômoda presença do não-senso constitutivo, que por sua vez, impõe um limite ao saber absoluto. Soler discute ainda a alienação na transferência, destacando que a certeza, numa análise, se encontra "no lugar do Outro, ou no analista" (1997, p. 55). Assim, pela transferência, vemos que o Outro como tesouro dos significantes, lugar do sentido e da certeza, se situa no analista. Essa é a situação na alienação, onde a subversão do sujeito à linguagem o situa "como um escravo, assujeitado ao efeito da linguagem" (Idem).

### **3.4 Separação na relação do sujeito com o Outro.**

Em se tratando da separação, operação final da causação do sujeito, é necessário situarmos uma torção na relação do sujeito com o Outro, sendo que aquilo que falta ao Outro também falta ao sujeito (interseção ou produto do efeito de linguagem). Neste sentido, a operação da separação se situa no produto dos dois conjuntos, naquilo que falta a ambos (ao sujeito e ao Outro - Lacan, 1988, [1964], p. 202). Tentaremos demonstrar esta assertiva.

Com Lacan, vemos que a separação, pensada no registro da análise, evoca uma liberdade, mas às custas de um querer pronunciado, no ato da análise. Como ressalta Soler: "A separação supõe uma vontade de sair, uma vontade de saber o que se é para além daquilo que o Outro possa dizer, para além daquilo inscrito no Outro" (1997, p.

65). A condição, contudo, para esta separação, já se encontra presente no Outro, em seu desejo.

Soler ressalta que temos que supor logicamente uma falta no Outro, para situarmos a separação. Em virtude desta falta no Outro não se pode falar do mesmo Outro na alienação e na separação. Na alienação temos um Outro completo, infinito, portador dos significantes, enquanto que na separação a condição lógica introduz um Outro faltante, A barrado. Doumit (Idem, p. 24) destaca que o sujeito só se lança na alienação em virtude de uma promessa de ser, que se encontra na separação. Essa promessa só pode se cumprir tendo em vista uma falta no Outro, que é possibilitada pelo vazio constitutivo do sujeito.

O Outro barrado revela, por sua vez, a perda do objeto, fundamental para situarmos o lugar do analista. Esta falta é pensada por Lacan como objeto *a*, e ocupa, na lógica dos conjuntos, o que é faltante aos dois campos (o campo do sujeito e o campo do Outro). A impossibilidade de se dizer o que se quer testemunha esta falta, comum aos dois campos (do sujeito e do Outro) (Lacan, 1988, [1964], p. 63).

Outrossim, só a falta (tornada objeto pela operação da separação) faz o sujeito buscar, ainda que, na linguagem, continue a residir uma impossibilidade de tudo dizer. Quando falamos da falta e do desejo do Outro, é da falta e do desejo do sujeito que tratamos. Uma psicanálise se baliza, deste modo, por uma busca de respostas, que por sua vez, produzam um saber sobre esta falta, incluindo o não-senso.

Lacan introduz a separação como um retorno da alienação constitutiva, para o sujeito. Por este retorno, a falta do Outro é colocada à mostra (anunciada no para além ou no para aquém do que o Outro diz) na forma do desejo (Idem, p. 207). Nesse sentido, a alienação retorna sob a forma do desejo, pois o sujeito pode se aproximar de sua falta,

às custas de um deslizamento no sentido. Isso, contudo, parte do reconhecimento do desejo do Outro, a partir do que o sujeito se depara com a questão crucial acerca do desejo do Outro: "O que o Outro quer de mim"?

Entendemos que é somente a partir desse movimento de perguntar-se sobre o desejo do Outro (uma questão inconsciente) que podemos pensar na separação, pois o sujeito pode então situar-se em relação ao seu discurso e não apenas repeti-lo. Lacan nos dá desse momento uma bela imagem: "O sujeito vem jogar sua partida" (Idem, p. 208). Esta não é uma boa metáfora apenas para a separação, modo lógico de pensarmos o sujeito em sua causação, mas sobretudo para a transferência. Se pela transferência o sujeito "atualiza" suas relações iniciais com o Outro, é também a partir dela que o sujeito deixa entrever uma falta constitutiva, manifesta em seu desejo.

Em *Posição do inconsciente*, Lacan nos dá outra imagem do que vem a ser a separação, enquanto operação do sujeito junto à sua constituição a partir da linguagem. Ressalta ele que aí o sujeito "ataca a cadeia" (1988 [1960] p. 857). O ataque à cadeia remete diretamente a um jogo próprio do sujeito. Entendemos que por esse movimento de torção da alienação, o sujeito vem a se servir da linguagem, utilizando-se dela e não sendo, apenas, utilizado por ela. Isso se dá, como nos diz Lacan "[porque o sujeito] vem operar com sua própria perda, a qual o reconduz a seu começo" (Idem, p. 858). Contudo, jogar sua partida implica em apropriar-se das regras e instrumentos do Outro. Como situar as operações de alienação e separação na transferência analítica? De que modo podemos concebê-las, a partir da atualização da realidade do inconsciente de que nos fala Lacan a propósito da transferência, em se tratando aí fundamentalmente de saber inconsciente?

### 3.5. O sujeito suposto saber e transferência.

Desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber ( ... ) há transferência (Lacan, 1988, [1964], p. 220).

Sabemos também que existe um nome para designar essa assimilação do sujeito à cadeia: o sujeito suposto saber (Lacan, lição 10 de 15 de março de 1979<sup>31</sup>).

Um tratamento analítico se inicia a partir do estabelecimento de uma transferência. Vários significantes são geralmente utilizados para descrevê-la de um ponto de vista coloquial: admiração, confiança, crédito. Lacan ressalta que a confiança que o analista obtém de seu paciente é decorrência de algo. Confiança, admiração, suposição consciente de um saber, são aspectos da vertente imaginária da transferência que estão aqui em jogo, mas que remetem a uma estrutura simbólica. O conceito de *sujeito suposto saber*, como entendemos, se destaca como uma proposta de estruturação lógica do fenômeno da transferência analítica em todas as suas manifestações (repetição, sugestão, resistência). Neste percurso, propomos situá-lo como conceito, atrelado à transferência analítica, como suporte lógico, *somente no registro de uma neurose*.

Questão ética tão destacada por Freud e Lacan, o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose escapa à simples nosologia. Não é nossa intenção situar a transferência na psicose (ampla discussão, como sabemos), mas demarcar que tanto a neurose de transferência quanto o conceito de sujeito suposto saber só podem ser pensados, do modo como foram concebidos por Freud e Lacan, a partir da operação fundamental da neurose: o recalque.

---

<sup>31</sup> Tradução livre do espanhol: "Sabemos también que existe un nombre para designar esa asimilación del sujeto a la cadena: el sujeto supuesto saber", inédito em Português.

Após este esclarecimento, se faz necessário um desdobramento do conceito de sujeito suposto saber tendo em vista que ele é definido, por Lacan, como a base de tudo o que se apresenta em termos de transferência analítica (1998, [1964]).

Inicialmente, devemos levar em conta a assertiva lacaniana de que suas modificações teóricas repousam sobre sua concepção da linguagem como aquilo que articula o inconsciente. O conceito de sujeito suposto saber, para nós, representa um desdobramento desta fórmula. Pretendemos demonstrar como.

Tomemos o sujeito de que se trata. Facilmente recaímos no aspecto imaginário deste conceito, atribuindo o saber suposto ao analista, identificando assim o sujeito de que se trata na fórmula, à pessoa do mesmo. Certamente esta vertente se encontra presente na transferência e responde por uma série de práticas e intenções do analisante. Contudo, ela não se esgota em sua referência imaginária, estando sustentada por uma outra dimensão.

O conceito de *sujeito* na psicanálise lacaniana comporta uma discussão específica e bastante ampla. Situaremos o que aqui nos concerne, tendo em vista a suposição de um saber a um sujeito. De que sujeito se trata?

A elucidação deste ponto remete necessariamente à postulação da hipótese do inconsciente, fundamento da psicanálise de 1915d, que discute a possibilidade de termos acesso a um saber basicamente não-sabido. Contradição em termos, esse acesso necessariamente não pode ser concebido, porque todo saber exige a conscientização do mesmo. As respostas freudianas a este impasse (como tornar consciente o que é inconsciente) inscreveram-se a partir de sua metapsicologia (Porge, 1996, p. 502).

Lacan, por outro lado, estabelece com o termo "sujeito do inconsciente" uma possibilidade de situarmos este estado de coisas, sem desconsiderarmos o aspecto de

desconhecimento que caracteriza o inconsciente, e ainda mantendo esse desconhecimento presente no conceito. A oposição entre um eu e um sujeito do inconsciente ainda se mantém, mas o termo sujeito resguarda uma alteridade para além da alteridade imaginária inscrita na relação do eu com os objetos.

Porge (Idem) sublinha que ao situar o sujeito como aquele a quem o analista se dirige na psicanálise, Lacan indica a premência da linguagem, pois o sujeito de que se trata aí se "interroga no campo da linguagem sobre a existência de seu eu" (Idem, p. 502). Desta maneira, situar o sujeito como aquilo que é representado de um significante para outro<sup>32</sup>, destaca este atravessamento constitucional do inconsciente pela linguagem, na ação do significante sobre o sujeito. Esse saber não-sabido de que se trata no inconsciente é estruturado como uma linguagem, e principalmente a partir dela.

Dizer "o sujeito do significante" deste modo, é referir-se necessariamente a algo que não está na relação intersubjetiva, mas que a funda. Esse lugar do Outro como alteridade radical, que não se confunde com a alteridade imaginária, já estava delimitada no ensino de Lacan, e é a partir deste lugar que ele situava a posição do analista, até 1960-61. Por exemplo em *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*, discutindo a resposta que o analista pode dar às indagações do sujeito, destaca: "nada fazemos a não ser dar à fala do sujeito sua pontuação dialética" (1988, [1953], p. 311). Contudo, é bem demarcada a posição de Lacan segundo a qual o analista não pode ocupar o lugar do Outro, já que:

O Outro não é um sujeito, é um lugar para o qual nos esforçamos ( ... ) por transferir o saber do sujeito (Lacan, 1961, traduzido por Porge, 1996, p. 550)  
<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Fórmula que é em si um desdobramento da conceituação de significante: "Um significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante" (Lição de 6 de dezembro de 1961, inédita em Português).

Notemos a importância histórica e conceitual da definição de sujeito, enquanto aquilo que é efeito da cadeia significativa, que ocorre neste mesmo ano (lição de 6 de dezembro de 1961), formalizando uma alteridade simbólica, a partir do conceito de sujeito. Situar o grande Outro como um lugar, marcado pelo saber sobre o sujeito, antecipa sua formulação de sujeito suposto saber. Deste modo, destaca Porge, "Lacan inscreve a transferência numa dependência do significante" (Idem, p. 552). Dependência esta demarcada desde o início de seu ensino, quando destacava a importância do contexto de linguagem em que se verifica a transferência (1993, [1953-54], p. 269). Contudo, a partir da conceituação de seu fundamento no sujeito suposto saber, é a própria existência da transferência que é pensada como uma formação significativa do inconsciente. Neste mesmo viés, Bernardes discute as relações entre a transferência e o sujeito suposto saber, esclarecendo que:

O 'sujeito suposto saber' como pivô da transferência quer dizer antes de mais nada que a transferência é relativa ao saber inconsciente como terceiro entre os dois parceiros, analista e analisante (2003, p. 132).

A autora destaca, como entendemos, a função simbólica do conceito de sujeito suposto saber, por constituir-se como um terceiro numa relação aparentemente simétrica, na análise. Enfatiza, deste modo, um saber latente aos ditos do analisante, não sabido por ele, que é, pela transferência, suposto ao Outro. É esse saber não sabido, essencialmente inconsciente, chamado aqui de "sujeito", que se encontra na base da transferência. Entendemos que é por isso que na fórmula "sujeito suposto saber", não há referência nominal ao Outro, já que o termo "sujeito" comporta essa dimensão.

---

<sup>33</sup> "Es esencial mantenerlo como tal: el Otro no es un sujeto, es un lugar al cual uno se esfuerza- dice Aristóteles- por transferir el saber del sujeto" Lição de 15 de novembro de 1961.

Lacan salienta que o inconsciente é regido pela linguagem, se estrutura a partir dela. Isso é retomado com força pelo estabelecimento do sujeito suposto saber. Miller ressalta que o próprio conceito de inconsciente corresponde a esta perspectiva, remetendo a esse "já-aí da rede de significantes" (1987, p. 74). É essa rede de significantes prévia ao sujeito que está descrita pelo axioma "sujeito suposto saber", no que ela comporta de pretensas definições acerca da verdade do sujeito. Esse é o "erro subjetivo"<sup>34</sup> inaugural da transferência, que conduz o sujeito rumo a uma apropriação de seu próprio dito. Não é apenas o sujeito que está em questão na experiência analítica, no fazer pela palavra, mas também, e sobretudo, o Outro, do qual ele vem falar, a partir de seu posicionamento subjetivo.

O que constitui a transferência, a partir de sua estrutura no sujeito suposto saber, é a "ilusão fundamental, estrutural, de que seu saber - o saber do inconsciente - já está todo constituído no psicanalista" (Miller, Idem, p. 77). Miller ressalta que podemos identificar no texto freudiano a indicação do conceito suposto saber de Lacan, quando Freud destaca as condições para o início de uma análise. Em *Sobre o início do tratamento* (1980, [1913a], p. 177), Freud adverte que devemos alertar o paciente desde o início para a regra fundamental da análise, que consiste em manter um discurso que se afasta de uma conversa comum, pela livre associação de idéias. A crença no inconsciente que o analista inaugura aqui é fundamental para que haja a experiência analítica, pela qual o sujeito "consente na posição do analista como Outro" (Miller, 1987, p. 77). Contudo, ocupar o lugar do Outro não é a função do analista, pois aí ele

---

<sup>34</sup> Bernardes (2003, p. 123) e Miller (1987, p. 77) destacam que o 'erro subjetivo' descrito em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, em 1953, é a primeira versão conceitual do sujeito suposto saber conceituado em 1964, ainda que, como entendemos, neste período a designação 'subjetivo' da formulação indicasse uma simetria que lembra mais o efeito imaginário do sujeito suposto saber.

estaria invariavelmente se deixando guiar por uma identificação com o Ideal do eu do sujeito.

O "pacto inicial" (Lacan, 1998, [1953], p. 309) se dá mediante o estabelecimento do sujeito suposto saber, que implica em consentir na construção do saber inconsciente, ainda que o sujeito se deixe, eventualmente, levar pela dimensão amorosa (imaginária) deste pacto, endereçando ao analista esse lugar de saber. Miller ressalva que "o sujeito suposto saber é a estrutura de abertura da partida, da entrada no jogo" (1987, p. 87).

Assim, vemos que compreender a conceituação do sujeito suposto saber sem a prerrogativa lógica do sujeito definido a partir da linguagem, poderia nos levar a conceber que o sujeito atribui ao analista (outro sujeito) sua definição, vertente imaginária da transferência, contra a qual Lacan teceu inúmeros comentários, além de não destacarmos a estruturação do sujeito atuante (ato) na transferência (lembramos que Lacan destaca a transferência como uma atualização (colocação em ato) da realidade do inconsciente). Neste ponto, se faz necessário destacarmos o fenômeno do amor, tão comum na neurose de transferência. Para tanto, trabalharemos a partir da formulação de que o amor de transferência questiona a estrutura de todo e qualquer amor.

### **3.5.1 Sobre o amor de transferência.**

Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.  
(João Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas)

Não temos o direito de contestar que o estado amoroso que faz seu aparecimento no decurso do tratamento analítico tenha o caráter de um amor 'genuíno' (Freud, 1980, [1915a], p. 2181).

Em *A dinâmica da transferência* (1980, [1912b]), Freud situa esta última como *necessariamente* ocasionada no tratamento analítico. O modo de situá-la, inicialmente, é

pela repetição da estória erótica inconsciente do sujeito, que consiste na reprodução de um *clichê estereotípico* inconsciente, construído a partir das experiências dos primeiros anos e da disposição inata (Freud, 1980 [1912b], p. 133). Outra forma de Freud definir a transferência é através do conceito de *idéias libidinais antecipadas* (Idem), pelas quais o sujeito se volta aos objetos, porque não houve a satisfação amorosa na realidade. *Condição para amar*, já que o complexo de Édipo consagrou a interdição ao primeiro objeto amoroso. A transferência aparece na sua manifestação de repetição dos estereótipos inconscientes, vale dizer, uma repetição significativa.

Este texto é sobretudo um texto sobre o amor, principalmente por destacar uma repetição na vida amorosa (que Freud já havia sublinhado em suas *Contribuições à vida amorosa* - 1980 [1910b/12/17]) pela qual o sujeito está sempre às voltas com características semelhantes dos objetos escolhidos, destacando a função da fantasia na regulação das relações entre o sujeito e seus objetos. Os seus trabalhos específicos sobre o amor (especialmente *Introdução ao narcisismo* (1980, [1914b]) e *Contribuições à psicologia do amor* (1980, [1910b/12/17]), são contemporâneos aos textos sobre a técnica analítica, indicando um questionamento sobre o amor que provém da constatação do amor de transferência. Vejamos como Freud descreve as origens do amor (enamoramento), tentando estabelecer uma base conceitual para pensarmos a função do amor na transferência analítica. Para tanto, nos servimos da indicação lacaniana de que o amor evidencia uma tapeação à castração:

Se há domínio em que no discurso, a tapeação tem em algum lugar chance de ter sucesso, é certamente no amor que encontramos seu modelo (Lacan, 1988, [1964], p. 128).

Em *Introdução ao narcisismo* (1980, [1914b]), uma das vias traçadas por Freud para o estudo do narcisismo e sua importância no desenvolvimento da libido é o da via

amorosa e dos motivos do investimento amoroso entre os sexos. A relação objetal estabelecida aí exigia uma conceituação que abrangesse o narcisismo e ainda uma aparente superação deste.

O estado do enamoramento nos aparece como a fase superior do desenvolvimento que alcança [a libido de objeto]; o que concebemos como uma *resignação da personalidade própria* em favor do investimento de objeto (1980, [1914b], p. 74, CD-ROM, grifo nosso).

Vemos o enamoramento figurar como um indício de desenvolvimento da libido de objeto, um ponto de chegada do desenvolvimento psíquico. Na relação com o objeto, o eu empreende uma manobra, que possibilita uma ilusão de encontro. Paradoxalmente a castração é anunciada (pelo movimento na direção do objeto) e velada (pela demanda de complementação).

A realidade (ou a castração) golpeia duramente o narcisismo, nos mostrando que, em contrapartida, é dele que se trata no enamoramento, numa busca de recuperação da totalização e imortalidade imaginária do eu. Amar, para Freud, é realizar uma troca, visando uma sutura irrealizável da ferida do narcisismo, frente à castração. Esta “troca” fornecerá os métodos de escolha do objeto, visando uma satisfação narcísica.

Lacan também aponta esta formação do amor a partir do narcisismo, ressaltando ainda a função do amor na economia do desejo:

É isto que será para nós o mais enriquecedor, no que concerne ao que devemos conceber da função do amor – a saber, de sua estrutura fundamentalmente narcísica (Lacan, 1988, [1964], p.176).

É pela satisfação narcísica que o sujeito empreende esta "troca" como nos diz Freud, numa busca de velar o que golpeia o narcisismo. Ser amado representa, deste modo, uma tentativa de mediação entre o narcisismo e a castração, já que por se ver amável aos olhos do Outro, o sujeito também pode se esquivar daquilo que lhe falta. É

essa a imagem que Freud nos dá do enamoramento: "O que ama sacrificou, por assim dizer, um fragmento de seu narcisismo e só pode restituí-lo mediante a troca de ser amado" (1980, [1914b], CD-ROM).

Pensamos assim que afirmar, com Lacan, que a transferência representa o fechamento do inconsciente, encontra eco na conceituação freudiana do amor como uma tentativa de recobrir a falta constitutiva. Deste modo, o amor tem de ser concebido a partir de uma tentativa de relativização da falta, numa formação sintomática em relação à castração. Assim, "O amar em si, como ânsia e privação, rebaixa a auto-estima, enquanto que ser amado, ter um objeto de amor, possuir o objeto amado, volta a elevá-la" (Freud, 1980, [1914b], CD-ROM).

Discutir se o amor de transferência é de fato amor (ou amor experimental) como o faz Freud, em seus artigos técnicos sobre a mesma, coloca em cena a própria genuinidade do amor. Freud responde a isso, salientando que todo amor é reedição de antigas características, protótipos infantis. E é deste infantil que ele traz a tonalidade da compulsividade, paixão, sendo o amor de transferência aquele que mais exhibe este lado infantil, presente em todo amor. Sendo assim, o amor de transferência é tão genuíno quanto qualquer outro amor, que guarda em si, não obstante, sua estrutura de engano.

Podemos enveredar um pouco mais pela definição de que a transferência é um fechamento do inconsciente situando sua estrutura de tapeação a partir do seu núcleo de amor: A transferência, como todo amor, opera uma "troca", pela qual o sujeito se vê amável e amado pelo Outro, distanciado de sua própria castração. Nossa referência ao texto freudiano *Introdução ao narcisismo* encontra-se ainda afinada com a análise lacaniana efetivada em *O seminário, livro 8: a transferência*, que destaca a metáfora do

amor existente na transferência, pela qual a visada narcísica se impõe na situação analítica.

Nesse sentido, Lacan é bastante explícito, quando nos diz que na análise o sujeito se empenha em "enganar" o Outro. Assim, "ao persuadir o Outro de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta" (1992, [1960-61], p. 128). Podemos entender que o amor é um efeito desta tapeação em torno da castração, o que vai se apresentar em ato na transferência.

Se é do inconsciente que se trata na estruturação da transferência, ainda que ela exhiba seu fechamento, podemos vislumbrar esta tapeação a partir da linguagem. Assim, sempre que algo é enunciado, evidencia-se a possibilidade da verdade e da mentira. Lacan ressalta que a dimensão da verdade não exclui a mentira, pois a verdade é suscitada pela mentira, através da palavra (1998, [1964], p. 127). A verdade se instaura a partir da mentira fundamental, sendo que a referência ao significante, em sua ambigüidade constitutiva, responde por esta impossibilidade de uma significação última, e de uma mentira subjacente. Se podemos falar de um primeiro momento em que esta dialética se estabeleceu, miticamente, faríamos referência à "mentira verídica", que assim se presentifica na constituição do sujeito a partir do Outro quando, pela alienação, o sujeito identificou-se aos significantes primordiais do Outro.

Retomando nossa discussão acerca do sujeito suposto saber, após ter discutido o amor de transferência, destacamos que basear a transferência no sujeito suposto saber revela um desdobramento da concepção do sujeito definido pela articulação significante. Logo no início de *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan chama nossa atenção ao falar que tudo o que anunciará se baseia

nessa acepção geral, que é deste modo, ampliada para dar conta do real da experiência analítica (1988, [1964], p. 25).

A formulação de uma disparidade subjetiva, que se destaca em *O seminário, livro 8: a transferência* (1992, [1960-61]), e toda a sua argumentação acerca da metáfora do amor produzida pela transferência, já demarcam um terreno distinto da relação intersubjetiva. Definir a transferência, ocorrendo a partir da suposição de saber, destaca ainda mais a concepção de um sujeito a partir da linguagem, definido no intervalo significante. Essa retomada radicaliza o sujeito definido por um significante, com a proposição de uma *suposição*. Não é o sujeito que supõe, por ser suposto por um significante, que assim o representa (ou não) para um outro significante (1988, [1964], p. 123).

Vimos que o conceito "sujeito suposto saber" representa, inicialmente, uma releitura da subversão do sujeito à linguagem. Por que então Lacan retoma esta dependência a partir de uma suposição? Se o sujeito não é um outro a quem é conferido um saber, por que o sentido dubitativo da fórmula "sujeito *suposto* saber"?

Como entendemos, o sujeito não pode supor nada, sendo ele próprio determinado (suposto) pelo significante, como acabamos de demonstrar. Isso implica que consideremos que é ele mesmo (o sujeito) o que está suposto. Por outro lado, podemos também considerar uma suposição em relação ao saber, já que a formulação do conceito de sujeito suposto saber está articulada ao conceito de real, limite irreduzível da simbolização.

Porge (1996, p. 554) nos esclarece que a fórmula gramatical "sujeito suposto saber" é interpretada por Lacan em vários sentidos possíveis, desde seu estabelecimento, em 1964. O verbo saber, que aí figura, retomando o cogito cartesiano, pode ser

entendido no sentido transitivo (que implica num sujeito ativo e num complemento objetal) ou num sentido intransitivo (que não aceita um complemento objetal). Assim, no primeiro sentido, teríamos um sujeito suposto saber *alguma coisa*, recaindo a ênfase nisto que é possível saber (algum saber que pode ser construído em análise).

No segundo sentido, teríamos uma *impossibilidade de saber*, porque a suposição recairia sobre o sujeito (que não pode saber, por ser ele mesmo suposto). A segunda possibilidade nos parece mais adequada à concepção de sujeito suposto saber que adotamos aqui, a de 1964, pois destaca que há uma estrutura simbólica (o sujeito suposto saber) que é, de alguma forma, atravessada por um real da impossibilidade de tudo articular (o que se expressa pelo termo "suposição"), e que se manifesta, na transferência, pela incidência da repetição. Isso não implica numa exclusão da primeira possibilidade (em que o saber está questionado inicialmente), por demarcar, também aqui, um sujeito dividido, apartado do saber sobre si, que se define exatamente nesta hiância de saber (bem distanciado do sujeito cartesiano, que afirma sua existência pelo pensamento).

Para que a análise se comprometa e se sustente, seguramente o analista é suposto saber, e não obstante, tudo o que comporta justamente de saber, o fundamento da psicanálise nos afirma que não poderia ser esse sujeito suposto saber, pela razão que o saber fundamental da psicanálise, a descoberta de Freud, o exclui (Lacan, lição de 19.05.1965)<sup>35</sup>.

O antecedente lógico da fórmula "sujeito suposto saber", como vimos, é o conceito de inconsciente freudiano, relido a partir da submissão do sujeito à linguagem e tomado aqui como o fundamento da relação transferencial. Deste modo, entendemos que a fórmula pode ser interpretada numa abordagem que situa a suposição tanto do lado do sujeito, quanto do lado do saber que está em jogo numa psicanálise.

---

<sup>35</sup> Tradução livre da tradução para o espanhol da lição de 19.05.1965, inédita em Português.

Desta maneira também podemos viabilizar uma leitura da definição prévia de transferência, que Lacan traça também nesse seminário, a partir do sujeito suposto saber: A transferência como atualização (colocação em ato) da *realidade* do inconsciente. Nesse sentido, essa *realidade* em causa na transferência, essencialmente ambígua, também se encontra, pela definição, questionada em sua proximidade com a repetição, que mostra mais claramente um real que não engana. Cottet (1989, p. 169) a esse respeito, esclarece que a transferência, como algo relativo à interpretação, "não é um fenômeno que a categoria do real permita abordar".

Entendemos que a abordagem do real na transferência se dá pela repetição, que se evidencia para além dos estereótipos inconscientes que marcam a escolha do analista. O que essa escolha encobre é uma colocação em cena de um passado que só se torna viável a partir do real da experiência analítica.

A esse respeito, por exemplo, a definição de Freud da transferência é emblemática. Ressalta ele que a fantasia de transferência do homem dos ratos desvelou uma "escola de sofrimento" (1980, [1909], p. 54), pela qual o paciente vivencia como algo real e novo (atual) sua estória edípica, a partir da relação transferencial estabelecida com Freud. Entendemos que esse é o núcleo de real que a transferência permite situar na repetição. Para além da compreensão de um "passado que retorna" (Lacan, 1992, [1960-61], p. 175<sup>36</sup>) o que se mostra aqui é uma noção de tempo que promove uma torção na cronologia.

O passado, nesse sentido, só é pensado, a partir do presente da transferência. É pela atualização, no aqui e agora da transferência, que o sujeito pode vivenciar o que lhe determina, produzindo novas possibilidades de se relacionar com o Outro e com seu próprio modo de gozo. É nesse sentido que compreendemos também o que Freud

pretende marcar, quando argumenta que todo o conflito do sujeito tem de ser experimentado na relação transferencial, produzindo uma neurose de transferência, única possibilidade de tratamento (Freud, 1980, [1915a], p. 139).

Nesse sentido, Freud determina que o manejo da transferência produzirá a centralização do conflito inconsciente na "neurose de transferência", onde a repetição encontrará seu "playground"<sup>37</sup> (Freud, 1980, [1914a], p. 201). É interessante a terminologia adotada pela tradução do termo em alemão, pois invoca um brincar na repetição (lembremos que a observação do brincar foi um dos motores para que Freud postulasse uma repetição que atravessa os limites do sentido e inaugura o registro de um além do princípio do prazer, em sua obra).

A liberdade de expressão que a transferência concede à repetição, para nós, destaca esse real da repetição, pelo qual um encontro falhado se presentifica, entre o sujeito e o analista. O véu da repetição significativa (motivos inconsciente para a escolha de determinado analista e não outro) deixa encoberto este encontro sempre faltoso, essa não-realização. Talvez seja a partir disso que Freud recomenda que uma análise seja sempre conduzida na abstinência:

O tratamento deve ser levado a cabo na abstinência. Com isso não quero significar apenas a abstinência física, nem a privação de tudo o que a paciente deseja, pois talvez nenhuma pessoa enferma pudesse tolerar isso. Em vez disso, fixarei como princípio fundamental que se deve permitir que *a necessidade e o anseio da paciente nela persistam*, a fim de poderem servir de forças que a incitem a trabalhar e efetuar mudanças (Freud, 1980, [1915a], p. 214, grifo nosso).

---

<sup>36</sup> "A presença do passado, pois, tal é a realidade da transferência"

<sup>37</sup> Na tradução da *Amorrortu*, vemos figurar a seguinte tradução: "le abrimos la trasferencia como la palestra donde tiene permitido desplegar se con una libertad casi total" (Freud, (1980, [1914a], CD-ROM). Entendemos que a tradução da editora Imago encontra-se mais próxima do sentido proposto por Freud. No original, figura o termo *tummelplatz*, que quer dizer campo de jogos, numa clara referência ao brincar e à ação, que a transferência oferta à repetição (Freud, 1999, [1914a], p. 134). Já a tradução "palestra" indica um lugar público de diversão, como uma arena, onde se celebram exercícios literários.

À insistência significativa, que visa encobrir a impossibilidade do encontro, o analista, responde, segundo Freud, com uma abstinência, visando destacar o real da impossibilidade do encontro amoroso.

Freud chega a comparar a transferência com uma nova camada surgida entre a casca e a polpa de uma árvore; camada esta da qual surgem novos tecidos e nova circunferência do tronco (Freud, 1980, [1917b], p. 517). Para nós esta analogia descreve a "colocação em ato" de que nos fala Lacan a propósito da definição de transferência, demonstrando a necessidade de situarmos a transferência a partir de uma definição que enfatize o aqui e agora da experiência analítica, donde o passado pode ser re-descoberto.

A transferência cria assim uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada (Freud, 1980, [1914a], p.201).

Resumamos então nossas articulações já desenvolvidas: não é o analista o sujeito de quem se trata na formulação "sujeito suposto saber", mas um lugar a que se supõe um saber. Por outro lado, a suposição que trata a fórmula pode ser aplicada também ao saber, pois se questiona, deste modo, a estrutura deste saber a ser construído. Torna-se necessário falarmos um pouco da estrutura do saber construído em análise.

### **3.5.2 O saber construído na análise.**

As articulações freudianas de *Construções em análise* (1980, [1937]), destacam a preocupação do autor com o saber que se constrói (pelo paciente e pelo analista) numa psicanálise. Vemos então que ali se destacam ainda mais os limites éticos do analista e sua função. Freud, inicialmente, se interessa por demonstrar como o paciente recebe

uma interpretação, em que pese a crítica costumeira dos opositores da psicanálise, de que o analista tem sempre razão.

A proposição de Freud sobre o fazer do analista se define pela *construção*. Nos diz ele que o analista tem um trabalho de construção, a partir do material que ficou, como rastro, após o recalado. Neste caso, ele opera no vivo, fazendo ressoar sua concepção de que nada pode ser modificado senão no aqui e agora da experiência analítica (1980, [1912b], p. 143). A presença do analista confere à transferência uma atualidade, para além do passado esquecido. Todavia, estas construções estão inscritas na dúvida, pois a origem inconsciente do recalado imprime uma ambigüidade muito particular a este "material".

O conceito de construção, como tarefa do analista, se situa na dependência lógica da associação livre do paciente. É a um saber inconsciente do analisante que Freud refere então a construção do analista, que também conta com a interpretação para o deciframento do recalado. Cottet (1989, p. 87) defende que Freud faz prevalecer a construção sobre a interpretação neste artigo, demarcando uma segunda época da técnica analítica, pela qual o trauma psíquico inaugural já não é mais pensado como algo que pode ser "recuperado" pela recordação, exigindo uma construção. A construção seria, desse modo, uma resposta significativa a esse impossível de lembrar, pois "a origem é sempre mítica, fictícia e, como tal, jamais dada" (Idem, p. 89).

A ênfase que Freud atribui à construção se deve ao limite que a interpretação destacou, por incidir sobre fragmentos, enquanto pela construção toda uma estória significativa pode ser contada.

Freud introduz ainda outra questão, enquanto analisa o alcance da construção que o analista efetua: nem sempre o analisante produz, em resposta à construção, uma

lembrança ou associação confirmativa ao conteúdo expresso. Muitas vezes, por outro lado, desenvolve uma convicção a partir da construção, que passa a ter o mesmo efeito de uma lembrança. A partida dos significantes, em sua ambigüidade, a partir do Outro da linguagem aqui é situada, pois não há qualquer garantia do valor das construções, que não aquele de *uma convicção* surgida na dinâmica do tratamento. Destacamos aqui o caráter de ato que a palavra comporta.

Freud encerra o artigo definindo as construções dos analistas como tentativas de explicação e restauração, estabelecendo entre estas e os delírios dos psicóticos uma analogia. De fato, nessa analogia, entendemos que o fator decisivo encontra-se na precariedade da interpretação, ao seu alcance limitado ao real em causa, já entrevisto e demarcado por Freud.

Em *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1999, [1957-58]) a decifração significativa do inconsciente é ressaltada como o caminho da análise, determinada por uma autonomia simbólica no ensino de Lacan. Ali, Lacan comenta a importância de *Construções em análise*:

[Este artigo] mostra a importância central da idéia da *relação do sujeito com o significante* para conceber o mecanismo da rememoração na análise (1999, [1957-58]) p. 244, grifo nosso).

Lembrança e construção são equiparadas, no que diz respeito ao contexto significativo. A noção de construção, todavia, ilustra o destaque do reconhecimento de um impossível de lembrar. Isso se nota, por exemplo, quando Freud destaca que uma construção do analista, desde que haja transferência, tem o mesmo efeito que uma recordação.

Tendo destacado que a formulação "sujeito suposto saber" pode ser pensada tanto em relação ao sujeito, quanto em relação ao saber (embora a suposição que se endereça ao saber seja secundária e menos fundamental, por apenas situar de que saber

se trata, quando falamos de saber inconsciente) resta-nos abordar as relações do sujeito suposto saber com o desejo do analista.

### **3.6 O sujeito suposto saber e o desejo do analista.**

De cada vez que essa função [sujeito suposto saber] pode ser, para o sujeito, encarnada em quem quer que seja, ( ... ) resulta ( ... ) que a transferência já está fundada (Lacan, 1988, [1964], p. 220).

Em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan ressalta que o analista é suposto saber por ir ao encontro do desejo do sujeito, articulando sujeito suposto saber e desejo. Podemos afirmar que o fundamento lógico do estabelecimento do sujeito suposto saber é a falta central em que o sujeito pode se experimentar essencialmente como desejo. De que desejo se trata? Do analisante ou do analista?

O analista mantém a suposição de saber quando e enquanto é objeto da transferência, o que não se dá desde o início da análise. Neste momento, em geral, o analisando teme que o analista se engane (e deste modo, o próprio analisando, quanto à suposição de saber) chegando mesmo a omitir algum detalhe de sua história. Isso nos mostra que o estabelecimento do sujeito suposto saber revela a ilusão de que exista um saber para além do próprio sujeito; ilusão esta defendida, pelo analisante, até mesmo dos possíveis erros do analista. Pode aí se ocultar um desejo (de que o analista não ocupe o lugar do sujeito suposto saber). Se um desejo se oculta, graças a estas artimanhas do amor de transferência, o analista deve partir ao seu encontro, pois "enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente" (1988, [1964], p. 222).

A estrutura do sujeito suposto saber indica o endereçamento de um saber inconsciente atribuído ao Outro; ainda que numa denegação de sua castração. O sujeito é em parte constituído pelo significante; porém sua existência não se reduz a ele. É à essa indeterminação do sujeito que a transferência nos conduz, pois o sujeito dela foge à procura de uma certeza sobre si e seus sintomas, mediante a transferência. Vemos que a transferência cobra o preço do desejo, pois este é elidido na sua formação. O desejo em jogo, no encontro possibilitado pela transferência, se situa aparentemente do lado do analista.

Pensar na questão do desejo do analista exige esquematizar brevemente o lugar que o analista ocupou no ensino de Lacan. Destacamos que a análise lacaniana do lugar que Sócrates ocupa, no diálogo efetuado no *Banquete*, representa uma modificação teórica do lugar do analista. Situado anteriormente no lugar de grande Outro, as pontuações do analista (ainda que em forma de silêncio) decidiam pelo sentido do que era enunciado pelo paciente. Lacan destaca *O Banquete* de Platão para mostrar que Sócrates encarna primordialmente o lugar do analista, porque vemos em sua posição, no referido diálogo, a aliança inicial entre o saber e o desejo.

*O Banquete* de Platão descreve um encontro entre convivas, reunidos para tecer elogios ao amor. O discurso de Sócrates é aguardado como o discurso daquele que mais sabe entre seus pares. Ao referir-se ao amor, Sócrates fala citando outra pessoa. Interroga Diotima, desvelando o saber que esta possui sobre o amor. Sua posição de só poder falar do amor a partir do discurso de Diotima, é retomada por Lacan para destacar que Sócrates permanece nessa esfera do "não saber", mantendo com isso um discurso próprio do inconsciente (Porge, 1996, p. 504). O desejo de Sócrates, neste sentido, é o desejo de saber. Note-se então uma distância considerável entre um discurso marcado

pelo saber (discurso do Outro) e o que aqui Sócrates encarna, um nada saber, a não ser do desejo.

As distinções entre desejo e demanda (amplamente trabalhadas por Lacan em *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1999, [1956-7]), a partir do grafo do desejo, instrumentalizam esta interpretação do *Banquete* de Platão, para marcar que o desejo não se confunde com a demanda, sendo que esta última, paradoxalmente, é sua forma de expressão. Por esta, vemos o sujeito apelar a uma satisfação. Contudo, o desejo que aí se apresenta, velado, está para além dessa satisfação imediata. Sendo assim, o desejo é aquilo que vige por baixo, manifestando-se em parte pela demanda, mas não se confundindo com esta (Lacan, 1999, [1957-58], p. 428). O autor nos diz que o desejo se produz em virtude da hiância que se escancara a partir da impossibilidade de tudo dizer, sendo possível pensarmos nele a partir desta falta inscrita no sujeito pela incidência da linguagem:

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade. Essa margem é a que a demanda ( ... ) abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (Lacan, 1988, [1960-61], p. 828).

Nesse sentido, Sócrates nada demanda, permanecendo no registro do desejo, quando não pode falar por si. Em contrapartida, o lugar do Outro, depositário do saber, tesouro de significantes, é ainda mais ressaltado, em comparação com a análise da posição de Sócrates, já que este último se situa num lugar apartado do saber.

Já aqui neste seminário Lacan se refere a uma relação de "desejo a desejo" (do analisante e do analista) indicando que não é o lugar do Outro que o analista deve ocupar. Ele nos diz que "a articulação última do *Banquete* ( ... ) nos permite estruturar em torno da posição de dois desejos a situação do analisado na presença do analista" (Idem, p. 181). Se há um "desejo do analista", não é ele um grande Outro mortificado,

nem tampouco um sujeito. De que desejo pode se tratar aí, partindo-se do princípio de que o analista não é um sujeito?

Para falar do desejo do analista, Lacan se refere à imagem popular do analista, uma "imagem deontológica da apatia", nos dizendo que essa representação se dá em virtude de que o analista se deixa guiar por um outro desejo, diferente daqueles que poderiam guiar um encontro a dois. Esse desejo, porém, se alcança às custas de uma mudança na "economia do desejo", fruto de uma análise levada a seu termo.

Lacan retoma o texto de Platão e refere-se aos *agalmatas*<sup>38</sup>, que se encontram no interior dos silenos<sup>39</sup>. É a este objeto precioso (os *agalmatas*) que Alcebiades compara Sócrates, quando declara seu amor a este, irrompendo no *Banquete*. Sócrates mantém algo de precioso, com sua posição de nada poder dizer, a não ser pelo outro. Lacan o situa no lugar de *a*, objeto parcial<sup>40</sup>, nos dizendo que ele é o invólucro "daquilo que é o objeto do desejo" (Idem, p. 178).

A esse respeito, Bernardes (2003, p. 135), em sua articulação sobre o sujeito suposto saber, esclarece que "o analista sustenta o *agalma*, para situar o sujeito em relação ao seu desejo". O exemplo do *Banquete*, e do desejo avassalador de Alcebiades por Sócrates, situa o que se passa no amor de transferência: o analisando, através do amor de transferência, deseja apropriar-se daquilo que ele supõe existir no Outro. Por que isso se dá?

<sup>38</sup> Objetos preciosos, de adorno, jóias, que sempre figuram como ofertas feitas aos deuses.

<sup>39</sup> Em *O Banquete*, Alcebiades compara Sócrates aos silenos e sátiros. Estes seres, divinos e humanos, acompanhavam os cortejos de Dionísios, estando, em geral, referidos a este deus maior. A aparência exterior destas criaturas, altamente fálicas, está próxima da animalidade, nas formas e nos comportamentos (Cf. Kerényi, 1998, p. 140-41).

<sup>40</sup> Lacan aqui se refere a um "objeto de um modo latente, quero dizer, objetivo ou estrutural" (1992, [1960-61], p. 195). Entendemos que este objeto parcial já se distancia do objeto do desejo, e antecipa a conceituação do objeto *a* do seminário de 1964, pois há uma noção de envelopamento de objeto do desejo, que é função do *agalma*.

Na situação analítica o analisante é introduzido como digno de interesse e de amor, *erómenos*. Como nos diz Lacan: "É para ele que se está ali" (Lacan, 1999, [1957-58], p. 195). Esse é apenas o efeito manifesto da análise. Mas há uma esfera latente condicionada pelo desconhecimento, por parte do sujeito, do objeto de seu desejo estrutural. Em virtude do engano que prevê que o objeto causa do desejo do sujeito está situado no Outro, ele (o sujeito) é constituído como *erástes*, amante. E Lacan complementa:

Simplesmente por este fato ele [o sujeito] preenche essa condição de metáfora, a substituição pelo *erástes* do *erómenos*, que constitui em si mesma o fenômeno do amor. Não é de surpreender que vejamos seus efeitos ardentes desde o começo da análise no amor de transferência (Lacan, 1999, [1957-58], p. 195).

É pelo fato de que o sujeito desconheça o que causa seu desejo (seu *agalma*, na terminologia adotada por Lacan em 1960-61), que ele cede a esta metáfora, que constitui o amor de transferência, tão marcante no princípio da análise. Sabemos que pelo amor de transferência, o analisante se apaixona pelo analista, obstaculizando o acesso ao inconsciente. É na posição de amante que ele se conduz. Pela metáfora do amor ele substitui sua posição de amado pela de amante, em virtude do desconhecimento do que o causa. Como nos lembra Lacan, seu objetivo é "a queda do Outro, A, em outro, a" (Idem, p. 178), demarcando uma manobra que permite ao sujeito desviar-se de sua própria falta. O lugar de Grande Outro, onde antes Lacan situava a posição do analista, cede espaço à função do *agalma*, invólucro do desejo, mais tarde substituído pelo objeto *a*.

Outra indicação de Lacan sobre o desejo do analista é situar a separação como condição do estabelecimento da transferência (1988, [1964], p. 202). O distanciamento da identificação ao ideal se torna mais evidente, à medida que pela separação, o sujeito

pode “se utilizar” dos significantes do Outro. Vejamos como isso se dá, a partir da análise da referência freudiana ao ideal do eu.

### 3.6.1 Ideal do eu e o lugar do analista.

A questão do ideal está no coração dos problemas da posição do analista (Lacan, 1992, [1960-61], p. 347).

Discutiremos a vinculação entre o ideal do eu e a transferência, visando destacar ainda de que lugar pode o analista responder, tendo em vista que a transferência demanda uma resposta. Vimos, no tópico anterior, que pela metáfora do amor, o sujeito procura estabelecer uma relação em que o analista seja situado no lugar de ideal, donde ele espera uma resposta, situando o analista como aquele que sabe sobre o seu desejo.

Lacan, ao longo de sua obra, critica as análises que prevêm uma identificação ao analista, destacando que ali o motor da análise não se encontra (a apropriação de um saber pelo sujeito). Para Lacan, o lugar do analista se define por uma distância considerável entre a identificação e o objeto *a*:

Há um mais além para essa identificação, e esse mais além se define pela relação e pela distância do objeto *a* minúsculo ao I maiúsculo da identificação (Lacan, 1988, [1964], p. 257).

Lacan prevê um distanciamento entre o lugar do ideal do eu e o lugar do analista. Deste modo, situa a hipnose (a partir do modelo oferecido por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud, 1980, [1921], p. 147.), como o modelo dessas análises onde o analisante se identifica ao seu analista. Entendemos que nessa possibilidade de análise o sujeito esteja sobrepondo seu ideal do eu, *aqui* projetado no analista, a seu objeto estrutural.

Ora, a psicanálise encontrou seu caminho exatamente quando se opôs à hipnose, como sabemos, "pois a mola fundamental da operação analítica é a manutenção da

distância entre o I e o  $a''$  (Idem, p. 258). Desviar-se da posição idealizada que a transferência concede ao analista, é seu principal fazer, no manejo desta última.

Na análise do homem dos ratos, Freud comenta a posição em que o paciente o coloca, pela transferência, a partir de um sonho deste último. Neste, Freud é situado como aquele que tem planos para o paciente, e visa casar sua filha com ele. A resposta do homem dos ratos, tendo em vista a modalidade de sua neurose (obsessiva), é responder a esta exigência, situando-se no lugar destinado pelo Outro, em sua fantasia. Encontramos o ideal aqui na fantasia do homem dos ratos, no lugar supostamente escolhido para ele no desejo do Outro (genro de seu analista). Pela fantasia, o analista é situado no lugar do ideal (sogro/pai), “atualizando” na transferência a realidade do inconsciente do paciente. Cabe destacar que Freud acentua o conflito edípico do paciente com seu pai e sua ambivalência nesta relação.

O que Lacan destaca como um engano de uma análise que conduz o sujeito à identificação com seu analista, é que o analista participe deste sonho de transferência, estabelecendo, de fato, um lugar para seu paciente. Discutimos a demanda de amor presente na transferência, como uma manobra, que tem como motor a tentativa de tapeação da castração, numa suposição de que um saber totalitário sobre o sujeito possa estar alhures.

Para responder à questão do lugar do analista, Lacan articula a questão do narcisismo, em suas relações estruturais com o ideal do eu. Não esqueçamos que sua finalização de *O seminário, livro 8: a transferência* nos mostra que o trabalho da análise é o de conduzir o sujeito para além da identificação, para a qual a transferência o conduziu. Aqui ele nos diz que a função do ideal do eu é, neste caso, fundamental, pois "o ideal do eu é também o ponto axial dessa espécie de identificação cuja incidência

seria fundamental na produção do fenômeno da transferência" (1992, [1960-61] p. 226). Vemos aqui que há uma superposição dos conceitos de identificação e de ideal do eu, o que nos remete para uma diferenciação mínima entre estes conceitos, em Freud. Se faz necessário, deste modo, traçar uma relação entre o ideal do eu e o narcisismo.

### 3.6.1.1 Narcisismo e ideal do eu.

Nos parece relevante, especialmente em se tratando de nosso objeto – *A repetição e a transferência na experiência analítica* – que Freud desenvolva sua teoria do narcisismo a partir das suas manifestações na clínica. É a partir da esquizofrenia, que ele define o narcisismo, ressaltando que nestes casos, ao contrário da neurose, a libido retirada dos objetos não investe os objetos da fantasia, mas retorna ao eu. Contudo, Freud marca que isto é um *retorno*, ou seja, já houve previamente um investimento do eu, que agora se produz de novo. Trata-se, então, de um narcisismo secundário. Por hipótese, ele prevê a existência de um narcisismo primário.

Por este “retorno”, Freud passa a considerar uma bipartição na libido: ela pode estar voltada aos objetos ou ao eu. Nos sintomas neuróticos (e na formação da neurose de transferência), a libido narcísica permanece oculta, sendo evidente apenas o investimento objetal. Inicia-se assim a consideração de uma relação íntima entre libido egóica e libido objetal. O narcisismo representa, nesse sentido, um limite preciso para o investimento de objeto. Lacan assinala que o Outro intervém para regular esta relação:

É na medida em que o terceiro, o grande Outro, intervém na relação do eu com o pequeno outro, que algo pode funcionar, algo que acarreta a fecundidade da própria relação narcísica (1992, [1960-61], p. 342).

No narcisismo teria havido confluência entre as duas energias psíquicas - pulsão de autoconservação (libido egóica) e pulsão sexual (libido objetal). A queda posterior da oposição entre pulsão de autoconservação e pulsão sexual indica que trata-se aqui essencialmente, da sexualidade, ou seja, do narcisismo como conceito atrelado ao sexual. Não nos esqueçamos, contudo, que no ano seguinte, em *As pulsões e seus destinos*, o autor preserva uma separação estrutural entre o amor e a atividade pulsional, como já frisamos.

Pensamos que o conceito de narcisismo é indissociável de uma perspectiva situada em Freud pela definição de sua emergência: uma “nova ação psíquica” tem que ocorrer, que se agrega ao auto-erotismo. Esta nova ação marca um desvio da satisfação pulsional, até então auto-erótica, que passa a ser atravessada pelo objeto, mediante o estabelecimento da linguagem. Essa nova ação psíquica será situada para Lacan (1988 [1949]) no estágio do espelho. A projeção de uma superfície corporal proporciona uma imagem totalizante que aparece no espelho. O eu aí se funda, ou seja, se faz representar, a partir da imagem especular. Contudo, apenas a regulação do Outro garante a assunção do eu, já que

Ao se agarrar à referência daquele que o olha num espelho, o sujeito vê aparecer, não seu ideal do eu, mas seu eu ideal, esse ponto em que ele deseja comprazer-se em si mesmo (Lacan, 1998, [1964], p. 242).

Isso já representa um distanciamento e um desvio da parcialidade da pulsão, de seus modos de satisfação. A partir da mediação do narcisismo, Freud destaca um protótipo da experiência de satisfação: *o menino no seio de sua mãe*. Trata-se da escolha de objeto anaclítica, pela qual se estabelece uma ligação entre o sujeito, desamparado, e o Outro, portador do que falta ao sujeito (Lacan, 1999, [1956-57], p. 212). Já na escolha narcísica o modelo de objeto não se baseia no protótipo materno, mas no imaginário,

segundo sua própria pessoa: "Se buscam a si mesmos como objeto de amor" (Freud, 1980, [1914b], p. 85).

Entendemos que para Freud o narcisismo se relativiza no confronto com a castração, representada pelo conhecimento definitivo da diferença anatômica entre os sexos. A inveja do pênis, na menina e a angústia de castração, no menino, são os motores desta experiência tardia de castração, que dá sentido, *a posteriori*, a todas as experiências de castração vividas até então. A esse respeito, adverte Cottet (1989, p. 91) que o *a posteriori* indica que o evento histórico não se inscreve traumáticamente, a não ser quando é significado. É o encontro com a linguagem que produz essa significação, da qual o sujeito padece. Nesse sentido, a castração se situa como uma oposição lógica à manutenção da economia narcísica na vida amorosa. É o rochedo de encontro ao qual a análise caminha.

Vemos que o narcisismo se constitui como um desvio dos modos de satisfação pulsional. Desvio este que comporta ainda uma ocultação da castração. Como isso se articula com o ideal do eu?

Visto que, com o tipo objetal (ou tipo de ligação) o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizado (Freud, 1980, [1914b], p. 118)

O trabalho desenvolvido em torno das inibições amorosas na clínica, nas *Contribuições à psicologia do amor*<sup>41</sup>, conduziu Freud a demarcar condições de acesso ao objeto, estruturantes da fantasia.

Estas condições se encontram mediadas pelo ideal do eu. Nesse sentido, há um atravessamento, que ocorreria do narcisismo à escolha de objeto, a partir da instauração

do ideal do eu, definido por Freud como uma "*intensa aspiração a recobrar o narcisismo primário*" (Freud, 1980, [1914b], p. 117, grifo nosso).

Miller (1989, p.44-6) acentua que o ideal do eu freudiano introduz a noção do simbólico na teoria do amor, pois o ideal do eu é o herdeiro lógico do narcisismo e a satisfação passa a ser obtida com o *cumprimento* deste ideal (Freud, 1980, [1914b], p. 96).

Contudo, a ordenação simbólica ao narcisismo não o exclui, sendo a satisfação narcísica ainda buscada, ainda que sob o cumprimento das condições idealizadas impostas ao objeto. Assim sendo, como destaca Lacan, o sujeito se coloca como objeto de seu amor, através do amor que dedica ao outro, seu semelhante, desde que este cumpra as exigências do ideal.

Para Freud a relação entre ideal, objeto e escolha amorosa se complexifica um pouco, já que o autor afirma que o estar amando remove o recalque e promove uma substituição do ideal do eu pelo objeto, agora elevado à condição de ideal sexual (1980, [1921]). Sobre este não recaem críticas, desde que cumpra as exigências do ideal do eu. Este objeto, idealizado, substitui o ideal do eu do sujeito, rebaixando as repressões e produzindo a servidão amorosa.

Assim sendo, a possibilidade de satisfação pulsional, desviada pela matriz do narcisismo, é deslocada para um objeto, através da demanda de amor. Como nos diz Freud: "aquele que possui as excelências que faltam ao eu para torná-lo ideal é amado" (1980, [1914b], p. 118). Manobra que está em jogo na transferência, demarcando a submissão do sujeito aos significantes de sua história edípica. É assim que entendemos

---

<sup>41</sup> As *contribuições á psicologia do amor* compreendem os seguintes textos freudianos: "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens" (1980, [1910b]); "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" (1980, [1912a]) e "O tabu da virgindade" (1980, [1918]).

o acento que Lacan efetua quando define a demanda de amor como um não querer saber sobre a castração (1992, [1960-61], p. 345).

Lacan acentua que Freud deixou a descoberto sua dificuldade para distinguir o estar amando da identificação ao objeto (1998, [1964], p. 242), o que nos fala da precariedade da separação lógica entre sujeito e objeto (a partir da perda do objeto da satisfação). Na identificação há um enriquecimento do eu, pela introjeção do objeto. Na servidão amorosa há o oposto, um empobrecimento, pelo qual o eu desloca o narcisismo para o objeto. Porém, o caráter maleável da libido, dá a essa diferenciação um enfoque superficial. Freud nos diz que a diferença lógica recairia sobre a possibilidade do objeto estar no lugar do eu (identificação) ou no lugar do ideal do eu (servidão amorosa).

Lacan destaca, ao final de *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que a transferência (como todo amor) endereça a demanda à identificação (1988, [1964], p. 259). Nesse sentido, entendemos que o analista é convocado, pela transferência, a ocupar um lugar marcado pela identificação ao ideal, num curto-circuito à demanda de satisfação que a pulsão exige. Note-se a analogia que Lacan ali realiza entre o fim de algumas análises, mediadas pelo ideal, com a hipnose; a partir da demarcação freudiana de que na hipnose o hipnotizador é “colocado” no lugar do ideal do eu, ocupando o lugar do objeto. Ora, Freud situou, nos primórdios da psicanálise, um caminho contrário ao da hipnose, ainda que o encontro com a resistência do sujeito se apresentasse mais efetivamente, exigindo a perlaboração das mesmas.

O afastamento deste modelo requer o entendimento da dinâmica do ideal do eu. Sua origem é concebida a partir da identificação mais primitiva do sujeito. Esta provém do pai que ofertou acolhimento ao desamparo original, primeira e mais importante

necessidade do homem. Não estamos aqui no terreno da escolha objetal. Trata-se de "uma identificação direta e imediata e se efetua mais primitivamente do que qualquer outro investimento de objeto" (Freud, 1980, [1923], p. 46). Lacan retoma esta indicação freudiana para destacar a submissão do homem à linguagem, destacando que facilmente incorreríamos no erro de conceituar esta identificação de que nos fala Freud, como uma identificação com o objeto. Esta identificação inaugural do sujeito é, pelo contrário, real, sendo a identificação a um significante radical, o traço unário (lição de 22.11.61, inédita).

O socorro ao desamparo original se efetua a partir do reconhecimento simbólico do Outro, que outorga ao sujeito um lugar no simbólico<sup>42</sup>. Isso se dá através da instauração do traço unário.

Contudo, nos perguntamos, que relações guarda esta primeira identificação do sujeito – com o simbólico, como nos ensina Lacan – com o ideal do eu?

Freud (1980, [1923], p. 51) nos conduz, indicando que o “ideal do eu é um substituto de um anseio pelo pai”, e ainda mais tarde, em *Mal-estar na civilização* (1980, [1930] p. 90) fala do pai como aquele de quem a criança mais necessita, tendo em vista seu desamparo inicial: "Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai". Vemos que a base do ideal do eu encontra-se na dependência inaugural, decorrência da perda do objeto de satisfação e na tentativa de perpetuar um Outro que garanta um lugar para o sujeito. Nesse sentido, entendemos, com Lacan, que o socorro simbólico de que se trata na identificação ao traço unário se desdobra na formação do ideal do eu.

Lacan retoma o desamparo como fundamento da primeira identificação, em sua leitura do inconsciente estruturado como uma linguagem, a partir da conceituação da

função do traço unário, como o que vem marcar esse socorro primitivo do simbólico e que confere um lugar para o sujeito.

É, contudo, no sentido da abstinência em relação a este lugar do ideal do eu que Freud prevê o manejo da transferência, o que é retomado por Lacan: "No próprio lugar que é o seu, o analista deve se ausentar de todo ideal do analista" (1992, [1960-61], p. 371).

Pela identificação ao ideal do eu, o sujeito buscará nos objetos, como dissemos, um retorno à satisfação narcísica. Freud ressalta que essa busca se dará sempre através de repetições, estando o investimento previamente "preparado" pela estória edípica do sujeito. Esta repetição produz uma "série psíquica" pela qual podemos sempre identificar o sujeito a partir de suas relações com o objeto. Não apenas o sujeito é identificado a um lugar, na perpetuação da série, como também, e fundamentalmente, o Outro. Freud ressalta que é decorrência lógica dessa suposição fundamental que "o investimento incluirá o médico, numa das séries psíquicas que o paciente já formou" (Idem, 1980, [1912b], p. 134).

Estamos aqui no terreno da seriação dos objetos, através dos quais o sujeito procura uma restituição narcísica. É a partir dessa repetição significativa, fundada na identificação ao ideal, que o analista aparece como amado para seu analisante, como um substituto de um objeto anterior.

É na medida em que o ideal do eu pode ser reprojetoado sobre um objeto que esse objeto, se chegar a ser favorável a vocês, se os olhar com bons olhos, será para vocês objeto de investimento amoroso da maior importância (1992, [1964], p. 339).

É, contudo, como Freud sublinha com o termo "neurose de transferência", um lugar de imobilização, marcado pela idealização. Obstáculo à associação livre, a

---

<sup>42</sup> Como vimos na discussão sobre as operações lógicas de constituição do sujeito: alienação e separação.

transferência e o lugar que ela concede ao analista, demarcam, por um lado, um lugar congelado de grande Outro para o sujeito, e por outro, a possibilidade de intervenção pela interpretação.

Discutindo o amor como uma metáfora, em 1960, Lacan destaca que a transferência encontra sua função numa manobra que restauraria o amor do Outro. Como o analista aí se situa?

É a partir da constatação da idealização como o motor da transferência, como entendemos, que Freud situa a abstinência como único caminho no enfrentamento da transferência (1980, [1915a], p. 212). Se pensarmos na formulação de 1964, de que a transferência leva a demanda à identificação, veremos que aqui o analista, pela transferência, é convidado a se situar a partir do lugar do ideal do eu, retribuindo com o amor que o sujeito visou obter em seu narcisismo perdido.

A esse respeito, é muito ilustrativa a afirmação de Freud, quando comenta a reação necessária que o analista deve ter diante da demanda de amor. Ressalta que a transferência implica numa *relação inédita*: "O caminho que o analista deve seguir é um caminho para o qual *não existe modelo na vida real*" (Freud, 1980, [1915a], p. 216). É o desejo do analista que produz uma reviravolta, estabelecendo uma ação sem precedentes, não baseada nos modelos segundo os quais ergueram-se as condições para amar. O analista, diz Freud, recusa qualquer retribuição, mas não deve se furtar de ser escolhido, ocupando um lugar que suporte a falta. Assim, o sujeito poderá se situar em relação às condições para amar que estabeleceu, as fantasias e as características de sua posição amorosa, questionando-se sobre sua posição de gozo.

### **3.6.2 A presença do analista e o objeto *a*.**

Lacan sublinha e dá nova perspectiva à concepção freudiana do lugar do analista a partir de sua consideração do objeto *a*. Restaura assim um lugar para o analista na própria estruturação do sujeito, em resposta a esta falta de modelo a que nos remete Freud em sua definição do lugar do analista. Se pensarmos nas operações de causação do sujeito, alienação e separação, vemos que pela separação o sujeito, é de certa forma, comparado ao Outro, por não ter exatamente aquilo que também falta ao Outro, o objeto de satisfação. Nesse sentido, veremos que a alienação comanda os primeiros movimentos do analisante, no estabelecimento do sujeito suposto saber, pois, a partir deste protótipo de relações, o analista é situado no lugar do ideal do eu. A separação, por outro lado, exige uma manobra em que o analista se situa no lugar de *a*, o lugar marcado pela falta.

É desta falta constitutiva que Lacan fala, como entendemos, quando situa que a presença do analista já está demarcada no inconsciente, pela falta. Assim, a presença do analista "é ela própria uma manifestação do inconsciente" (Lacan, 1988, [1964], p. 121).

A presença do analista, como uma manifestação do inconsciente, pode ser pensada a partir do suporte lógico que encontramos na origem do inconsciente: a perda do objeto da satisfação, sempre buscado. O inconsciente se dá na certeza da perda, sendo esta última, sua causa (Idem, p. 123). É nesse lugar de perda real, não simbolizável (portanto não se submetendo às séries psíquicas (significantes) que forjaram a transferência), que Lacan situa a presença do analista, "como testemunha dessa perda" (Idem, p. 122). Em última instância, o real dessa perda, encoberto pela repetição significativa, se encontra aí demarcado, e convoca o analista a suportar este

lugar. É desta maneira que situamos a relação estrutural entre o sujeito suposto saber e o desejo do analista.

Nesse sentido, entendemos que Lacan, em 1964, situa a transferência num pólo oposto ao da pulsão, por destacar que o amor se inscreve numa base ilusória, não-pulsional, enquanto a falta do objeto de satisfação (o objeto perdido de Freud) insiste, a partir da presença do analista, situado no lugar do objeto *a*. A imagem que Lacan nos dá desse objeto (1998, [1964], p. 242) é paradigmática. Ele o compara ao ovo de madeira, que escancarando o buraco de um tecido, conduz o movimento da agulha (movimento pulsional). Esse ovo de madeira não pode ser tocado por ela, ou seja, ela não o perfura. Contudo, seu volume, seu vulto, impõe uma direção e um fazer, pelo qual a pulsão produz seus objetos. É o desejo que faz este contorno ao objeto causa, aqui comparado ao ovo de madeira. A tradução realizada por Jorge Zahar editor, contudo, não dá instrumentos para esta leitura. Reportamo-nos à tradução para o espanhol (CD-ROM) para esta interpretação.

Em outros termos, Freud destaca a questão pulsional no final da análise. Em *Análise terminável e interminável* (1980, [1937]), ele se dedica à questão da finitude da análise e da formação do analista. Quando questiona os motivos que conduzem uma análise a uma aparente interminabilidade, ressalta que o duelo final tem de ser travado no âmbito do domínio pulsional (Idem, p. 256). Destaca ainda que a transferência concede a um conflito antigo uma atualidade que possibilita a influência do analista (Idem, p. 263). Neste ponto, em particular, Freud declara que o manejo da transferência deve produzir uma dose de sofrimento e renúncia pulsional, reafirmando o preceito exposto em *A dinâmica da transferência*, que prevê, exatamente, abstinência à demanda de amor do paciente (Idem, 1980, [1915a], p. 214). O método aqui potencializa a

pressão pulsional, por mantê-la insatisfeita, visando um incremento pulsional disponível para a resolução do conflito transferencial:

Procuramos levar esse conflito a um ponto culminante, desenvolvê-lo até seu tom mais alto, a fim de aumentar a força instintual disponível para sua solução (Freud, 1980, [1937], p. 264).

Para nós, essa indicação tardia de Freud se afina à concepção lacaniana de 1964, que entende a ligação da transferência com o inconsciente a partir de seu fechamento, tornando-se ela uma via precária à resolução da neurose. A abstinência, neste sentido, revela-se uma "perlaboração da própria transferência", situada em seu núcleo de resistência ao inconsciente. Uma resolução possível da neurose só pode ocorrer com o estabelecimento da neurose de transferência, mas seu manejo implica numa não-satisfação, o que desvela para o sujeito seus modos de tapeação do real. Por outro lado, ainda neste texto, Freud destaca a transferência positiva como o mais forte impulso com que o analisante pode contar, para permanecer em seu tratamento (1988, [1964], p. 266).

Revela-se aqui a contradição interna à transferência, que em sua função revela uma abertura à interpretação e um fechamento ao inconsciente. Destacamos ainda a convicção de Freud de que a resolução da neurose tem de ser travada em outro lugar: o da satisfação pulsional, gozo pelo qual o sujeito se mantém em determinada posição diante do Outro.

Se a transferência é o que, da pulsão, desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta. E por essa via, ele isola o *a*, o põe à maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado pelo sujeito a encarnar (Lacan, 1988, [1964], p. 158).

Vemos que a transferência produz um curto-circuito na demanda pulsional. A pressão pela satisfação pulsional encontra um desvio, produzido pela transferência. Entendemos que o desejo do analista, por sua vez (desde que não se identifique ao lugar concedido pela transferência), responderia ao sujeito suposto saber, base da

transferência, por responder de um lugar marcado pela falta. Deste modo, a mudança em relação à satisfação pulsional é o cerne de uma análise. Esta mudança, porém, passa pela destituição da transferência, que representa, na análise, o lugar da idealização. Assim, Lacan afirma: "É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser o suporte do *a* separador" (Idem, p. 258).

Se a transferência precisa ceder, e desse modo, também o analista do lugar de um objeto privilegiado, agalmático, é porque "a transferência conduz a demanda à identificação" (Idem, p. 259), como já frisamos. Deste modo, estabelecem-se distinções radicais e definitivas entre a transferência e a repetição, desde que a primeira é situada a partir da identificação e do ideal, enquanto que a segunda, em seu núcleo, é pensada como aquilo que se opõe a esta manobra, desvelando um algo inassimilável do sujeito.

Um encontro de desejos se apresenta na experiência analítica: do desejo do analista com o desejo inconsciente do sujeito, numa "relação do desejo ao desejo" (Idem). A separação está presente, pois o desejo do Outro se presentifica, situando o sujeito a partir de uma falta.

Tendo destacado as principais articulações em torno da fórmula "a transferência é a atualização da realidade do inconsciente" e discutido o sujeito suposto saber como a base da transferência, pretendemos agora situar estas conclusões a partir de uma ilustração clínica.

## CONCLUSÃO

Em nossa clínica e no relatos de muitos analistas, encontramos sempre as manifestações da repetição. Um olhar atento sobre a transferência destaca, logo de saída, as insígnias de uma estória edípica que não cessa de se repetir, através dos fatos mais marcantes da vida dos sujeitos. Um estereótipo pré-estabelecido que regula as relações do sujeito está demarcado, não deixando de se apresentar não apenas na vida amorosa, mas fundamentalmente na transferência. Freud testemunhou o risco que o analista corre ao desconsiderar esta pré-história afetiva - diríamos *significante* - que os sujeitos trazem consigo. Nesse sentido, é fácil sobrepormos conceitualmente a transferência e a repetição, já que esta última dá as condições privilegiadas ao aparecimento da primeira. A cunhagem freudiana *playground* (*Tummelplatz*) propicia este deslizamento *significante*, pelo qual tomamos a transferência como o avesso da repetição. Poderíamos então reforçar o coro e dizer que a transferência é um exercício de atualização das relações objetais do sujeito.

Nosso trabalho enveredou, também, por este caminho, quando buscou explicitar o que Lacan indica quando define o *significante* na base da repetição. Os fatos, nomes, datas, sonhos e ainda, as histórias e circunstâncias que se repetem na vida dos sujeitos revelam a vinculação estrutural do homem à linguagem. Estas ocorrências não apenas tomam a linguagem como um instrumento, mas sobretudo, são constituídas por ela. Esse é o alcance de sua definição preliminar que acompanha todo seu ensino: o inconsciente é linguagem e, nesse sentido, a repetição é a "mola mestra" (Silvestre, 1996, p. 59) do *significante* e da simbolização.

O *achado* lacaniano, na vinculação da psicanálise à lingüística, desperta-nos para a ambigüidade constitutiva do homem em sua determinação pela linguagem. Os elos associativos, que identificam os objetos previamente, são inscrições significantes que guardam em si uma dubiedade constitucional. Deste modo, não há como resgatar uma ligação (simbolização) última ou original, que diria o que é o sujeito ou o que ele pode ser. O sentido que se produz pelo giro da cadeia significante - ou pelas representações, numa linguagem freudiana - é sempre parcial e duvidoso.

No primeiro momento de nossas especulações, nosso objetivo foi destacar o que a repetição ensina sobre o sentido que se oculta em suas entranhas. Os significantes que nela se repetem indicam um trilhamento associativo que dá notícia do retorno do recaiado. Caminhos familiares e antigos são necessariamente desvendados, quando a transferência possibilita um deslizamento pela associação livre. Nesse sentido, a transferência se apresenta, como quis Freud, como o "mais poderoso auxiliar se conseguirmos adivinhá-la a cada vez, e traduzir seu sentido ao enfermo" (Freud, 1985, [1905a], CD-ROM). Contudo, o risco que corremos aqui é tomar a repetição e a transferência numa relação apenas conjuntiva. O próprio Lacan percorreu este caminho, através da primazia do simbólico que vemos em seu primeiro ensino. Uma depuração significante se apresenta como o método da psicanálise, baseada nesta prerrogativa. A função do analista seria a de não ceder à inclusão na série dos objetos que a repetição lhe oferta, sob os véus da transferência, já que é por um traço significante que ele é alçado ao lugar do ideal, e por isso, amado. Como ressalta Freud, o analista deveria indicar o caminho dos substitutos (Freud, 1985, [1912b], CD-ROM), furtando-se a esta manobra da repetição.

O que parece um método confiável, contudo, recai na permanência da transferência e indica que a simbolização interminável tem uma vertente de tapeação. Não há aí necessariamente distinção entre a repetição e a transferência, já que o analista apenas se esquia de ser amado, indicando que o objeto que o sujeito almeja é outro.

Este desdobramento da repetição na transferência deixa de tocar num ponto crucial para a psicanálise: o limite bem demarcado que o sujeito vivencia em suas escolhas amorosas e na transferência, como também na própria experiência da análise. Algo então se esconde na aparente semelhança conceitual entre a repetição e a transferência. A partir das advertências de Lacan de que a repetição e a transferência não se confundem como conceitos (1998, [1964]), procuramos cernir melhor o conceito de repetição.

Como dissemos, nosso caminho teórico destaca, a princípio, a relevância do retorno a Freud empreendido por Lacan, a partir do estabelecimento do simbólico, como categoria de estruturação originária do aparelho psíquico, no estabelecimento de uma relação constitucional entre o inconsciente freudiano e a linguagem. Pensar o inconsciente a partir da linguagem é, nesse sentido, destacar que suas produções são fundadas a partir de um lugar que lhe precede e fornece as primeiras distinções simbólicas. É a este lugar de determinações significantes que o autor nomeia o grande Outro. Destacamos, assim, a leitura lacaniana do axioma psicanalítico do inconsciente, como aquilo que escapa a um saber da consciência, e que indica que "o eu não é o senhor de sua própria casa" (Freud, 1985, [1917b], CD-ROM).

O recurso à lingüística, efetuado por Lacan, demarca sua apropriação da descoberta freudiana, a partir da perspectiva de que o inconsciente se estrutura na e pela linguagem. Desta maneira, foi primordial recuperarmos uma noção bastante antiga do

texto freudiano, a *facilitação*, para darmos conta de explicar de que insistência significativa nos fala Lacan, quando acentua que a repetição só pode ser pensada, tendo em vista os efeitos de assujeitamento que a linguagem tem sobre o homem. A repetição, nesse sentido, comemora esta submissão, destacando-a a cada novo constrangimento (*Zwang*) que o sujeito sofre ao se deparar com uma repetição que não pode controlar.

Fez-se necessário estabelecermos ainda uma distinção interna ao significante, a partir da análise do traço unário como aquilo que é o próprio fundamento do significante, o ponto inaugural da cadeia. Lacan aí demarca, como entendemos, suas primeiras aproximações das relações iniciais do sujeito com o Outro da linguagem, a partir da discussão sobre a alienação e a separação. Aqui, a postulação de uma distinção interna ao significante, nas funções de *distinção* e *unificação* do traço unário, representam uma possibilidade de diferenciação do sujeito frente a uma determinação simbólica.

O avanço no terreno da linguagem, contudo, não soluciona o problema da transferência. Não é apenas interpretando sua demanda dirigida a outros (substitutos) que o analista consegue enfrentar seu núcleo de resistência. Em *Recordar, repetir, elaborar* (1914a), Freud demarca esta impossibilidade, nos lembrando que é preciso tempo. Não é a simples indicação, pela interpretação, das associações que o paciente efetuou o que pode alcançar o recrudescimento da resistência. Nossa via para a elucidação desta questão foi o aprofundamento da noção de repetição.

A partir das delimitações do significante em causa na repetição, destacamos a mudança conceitual que mais nos interessou no ensino de Lacan, pela qual podemos estabelecer as distinções principais com o conceito de transferência. É a partir da convocação do limite real do sujeito e do Outro, pensado a partir da repetição, que

Lacan retoma as categorias aristotélicas *tiquê* e *automaton*, para sublinhar que a repetição não pode ser pensada apenas do ponto de vista da transferência, onde se apresenta sob esta face simbólica do retorno dos significantes mais caros ao sujeito. É preciso avançar em sua causa e verificar que ela não cessa pelo exercício de sua tradução em significantes. Ela resiste, e isso não se deixa capturar pelo significante. Um limite ao sentido se apresenta aí, e de forma irremediável. Ainda que se procure e se consiga submeter o não dito à linguagem, algo resta, demarcando o real. *Tiquê*, neste sentido, vem indicar o encontro de um limite que relativiza o poder e o acesso da transferência junto ao inconsciente. *Automaton*, como entendemos, é o herdeiro lógico das concepções lacanianas da repetição, anteriores a este importante seminário (1964), e destaca a manifestação dos estereótipos inconscientes pelos quais o sujeito regula suas relações com o Outro e com o mundo dos objetos. *Tiquê* se encontra por trás de *automaton*, sendo velada por ele.

Contudo, a dificuldade de manejar estes conceitos se apresentou, para nós, pela hesitação na consideração do novo na repetição. O conceito de real exige que situemos a repetição a partir de um novo, que ela demanda. Perguntávamo-nos então: de que novo se trata? Do próprio significante, que em seu movimento, produz sempre uma modificação no sentido? Ou seria de um novo que sempre se apresenta manejado pelo sem sentido que a repetição testemunha? Com estas indagações nos lançamos à análise dos textos freudianos mais pertinentes ao conceito de repetição.

Abordar a repetição a partir de Freud se apresentou como condição necessária ao avanço das questões em torno da repetição e da transferência. Num primeiro momento, questionávamos em que medida poderíamos encontrar na psicanálise freudiana as bases conceituais da virada laciana de 1964, já que nos pareceu tão inusitada a proposição

de um inarticulável na base da repetição. A análise dos textos *O estranho*, *Além do princípio do prazer* e *Recordar repetir e elaborar*, demonstraram nosso engano. Outras referências do autor também foram contempladas, já que nos centramos no objetivo de situar o novo e o imprevisto em Freud, além de melhor cernir um inassimilável junto à repetição. É notável no ensino freudiano como a repetição comporta, desde seus primórdios (quando ainda Freud se deparava com a emergência do inconsciente, sem tê-lo definido) estas duas amarrações do fenômeno: o antigo e histórico e aquilo que não se inscreve a partir de um já vivido (como demonstra sua análise dos sonhos traumáticos). O eterno retorno dos nomes, datas, situações, etc., destacam, em seu trabalho, tanto uma estória edípica - revelando a fantasia do sujeito - quanto um inesperado, um susto que demarca o novo na repetição.

As ilustrações com que ele nos brinda demarcam esta coalescência na linguagem do que tem sentido e do que não pode ser reduzido à linguagem, sem no entanto, escapar a ela. O *susto*, como entendemos, abarca este inassimilável que convoca o inesperado, onde antes só concebíamos o retorno do que outrora tivesse sido consciente, e permanecera recalçado. O texto emblemático da repetição, neste sentido, *Além do princípio do prazer*, revelou-se, para nós, uma fonte inesgotável de questionamentos e mantém-se assim, resguardando seu caráter heurístico. Ali, a repetição, pensada a partir de sua base de compulsão, é situada com rigor até os limites do articulável, demarcando o mesmo movimento da repetição na clínica. Podemos arriscar dizer que Freud permanece reelaborando o conceito de repetição, e que *Além do princípio do prazer* revela-se a demonstração deste esforço, já que demarca um limite radical ao prazer, pensado a partir da estruturação do sujeito. Outro desdobramento necessário da análise

deste texto é a noção de gozo, situando um impedimento neurótico de satisfazer-se com seu prazer.

Freud debate a própria fundação do sujeito, sua articulação em torno do prazer e do desprazer, concluindo por uma tendência geral ao retorno, oriunda do movimento da pulsão. Os desdobramentos desta concepção para pensar a repetição na transferência são problemáticos. O autor, contudo, não recua, destacando que o caráter geral de conservação, pode ser pensado, junto à transferência, a partir da aliança que Eros promove com o analista, na transferência positiva. Contudo, em seu texto *Análise terminável e interminável* (1985, [1937]), ressalta o outro lado da moeda, quando vemos Freud destacar mais a vertente da pulsão de morte no tratamento, através da conceituação daquilo que resiste ao mesmo. Pensar a compulsão à repetição como anterior ao princípio do prazer, para nós, confere à leitura lacaniana da repetição uma base conceitual. Por *tiquê*, encontro do real, Lacan destaca uma repetição que não se resume aos ditames significantes, ainda que o véu da repetição seja significante.

Neste ponto, entendemos que o jogo do *Fort-da* ilustre bem esta articulação Freud-Lacan, em torno do conceito de repetição. Freud destaca que o brincar não pode ser concebido apenas como a expressão de um além do princípio do prazer, já que toma a ação do menino como atividade de domínio sobre o trauma ocorrido. Lacan diverge neste ponto, destacando que se há domínio do sujeito, ele é secundário. A repetição da brincadeira, para o autor, ilustra magistralmente a fundação do sujeito no intervalo significante. O buraco real deixado pela falta do objeto causa do desejo não deixa outra escolha ao sujeito que submeter-se à cadeia, não podendo dominar, já que ele próprio é forjado por esta operação. Nesse sentido o *Fort-da* retrata o movimento inicial da causação do sujeito: a alienação.

Abordar Freud nos despertou para a urgência de pensarmos de modo menos maniqueísta as concepções lacanianas sobre a repetição. Podemos situar a conceituação de 1964 como um avanço radical. Porém, entendemos que ali o estabelecimento da repetição, como encontro do inassimilável, pode ser facilmente identificado como um oposto à insistência significante, também presente na repetição. A complexidade da conceituação da repetição no pensamento freudiano nos fez avançar no ensino laciano para pensarmos como a repetição pode abarcar real e significante, sentido e não-senso, no mesmo movimento. Desta maneira, ao final de nosso segundo capítulo, abordamos as complexas articulações de 1970, quando Lacan define a repetição como *causa do gozo*. Aquilo que parecia compor uma defesa contra o gozo (o significante), a partir desta leitura, destaca-se como sua veiculação. A repetição visa o gozo, como nos diz Lacan, em 1970. Isso foi articulado por nós a partir de Freud, como o que impulsiona a criança em seu eterno movimento de jogar o carretel. Ele continua a jogar o carretel para que possamos ver que nesse movimento visa-se um gozo. Deste modo, significante e gozo se conjugam na repetição. O novo e o mesmo estão também implicados aí, já que o gozo demarca um inassimilável, por isso mesmo novo, enquanto que o mesmo indica o retorno dos signos, estória contada pelo sujeito, a partir dos significantes que lhe representam. Como isso se desdobra na transferência?

Abordando a repetição a partir de sua causa real, partimos para as articulações desta última com a transferência. Logo se evidencia uma diferença radical, pois o alcance do real que a repetição evidencia não pode ser pensado no campo da transferência. Nesse ponto, Lacan permanece fiel ao texto freudiano, destacando que a transferência é reedição de antigos amores, já que está fundada numa estória significante do sujeito com o Outro.

A transferência, como conceito, nesse sentido, não pode ser equiparada à repetição, porque não se constitui nessa proximidade com o real do sem sentido. Pelo contrário, resguarda as insígnias significantes que determinam um lugar para o sujeito junto ao desejo do Outro. Lacan ressalta que precisamos pensar nas distinções entre os dois conceitos, também a partir do amor que a transferência abarca. Nesse campo, o narcisismo demarca a ilusão de um encontro possível, declarado pelas demonstrações de confiança e crédito ao analista. Não há outro terreno onde o significante guarde mais proximidade com a tapeação do que no amor, ressalta Lacan, e entendemos que a transferência atualiza também esta tentativa de velar a castração, pelo amor que a acompanha.

Não é apenas de amor que a transferência se constitui, mas fundamentalmente de desejo de saber. A formulação de um *sujeito suposto saber* na base da transferência nos serviu para identificar um endereçamento de saber ao Outro, que o sujeito efetua, a partir da constatação de um não-saber sobre si. Transferir, nesse sentido, como Freud adianta na primeira definição de transferência (1985, [1900], CD-ROM), é transferência de significantes, de saber, que o sujeito situa alhures e, a partir da transferência, toma o analista (provisoriamente) neste lugar. O sujeito de que se trata na formulação não é o analista (como podemos pensar numa primeira leitura do axioma), mas o lugar do Outro, que é aí revestido pelo saber que o sujeito constata não ter. É essa relação com o Outro que se atualiza na transferência.

A indicação de uma dúvida no seio desta formulação, *sujeito suposto saber*, nos levou a indagar de que saber se trata, já que tomamos como alicerce de nossas discussões o seminário de Lacan em que o real é tomado como limite ao simbólico. Mas constatamos, sobretudo, que o caráter dubitativo da fórmula se aplica ao sujeito que, a

partir desta proposição não pode tudo saber, sendo ele próprio constituído a partir da vacilação desse saber.

A proximidade com a repetição revelou-se, contudo, na *atualização* (*mise en acte*) em questão na transferência. Lembremos que o *Agieren* freudiano, a atuação, comportava também esta presentificação, que pode ser traduzida como o que é realizado agora, na urgência do tratamento, a partir da transferência. Freud demarcou isso a propósito da fantasia de transferência do homem dos ratos, sublinhando ali a necessidade que o neurótico tem de reviver o passado. Lacan retoma este *Agieren*, a partir de sua definição da transferência ("a transferência é a colocação em ato (atualização) da realidade do inconsciente"), na *colocação em ato*, destacando que pelo ato da repetição algo que é construído pela transferência ressignifica o passado, numa reversão da cronologia. Não é o passado que se atualiza na transferência, mas um presente que engendra e destaca as relações do sujeito com o Outro.

Se voltarmos agora às nossas indagações iniciais sobre o manejo da transferência, tendo em vista este percurso, nos sentimos autorizados a considerar que Freud propõe uma "perlaboração da transferência", já que o autor nos indica que o analista, mantendo-se abstinente em relação ao lugar idealizado que o analisante lhe demanda, produz uma permanente reviravolta na demanda deste último, lançando-o novamente ao encontro de sua satisfação pulsional. A concepção da resistência como o cerne da transferência é fundamental para esta proposição, e acompanhou todo o nosso percurso, como uma hipótese auxiliar. Nesse sentido, dar um nome à resistência, através da interpretação da transferência, não atinge o real da repetição que permanece em seu fundamento. É preciso tempo para compreender, e é preciso percorrer este percurso mais de uma vez. O "trabalho de transferência" (Lacan, 1966), indica este campo pela

"escola de sofrimento" que, como nos ensina Freud, a propósito da análise de um caso de neurose obsessiva, não tem condições de avançar, se não levarmos em conta as relações do sujeito com seu gozo pulsional. É com uma parte de seu gozo que o analisante vai pagar, para se apropriar de seus ditos.

Resta-nos muitos pontos obscuros e dificuldades conceituais. Para cernirmos ainda mais nossas conclusões propusemos uma ilustração clínica da transferência. O caso Virgínia, retratado aqui através de extratos, identifica, como entendemos, a repetição e a transferência atuantes na clínica. A partir da consideração de um *acting out*, passamos a considerar o trilhamento simbólico desta transferência, demarcando ainda o indizível que ali se ocultou.

Encerramos esta conclusão certos de que o caminho que fizemos é bastante incipiente, em se tratando de questões tão complexas e intrincadas quanto estas. O alcance da interpretação e a clínica do real tornam-se agora nossa fonte maior de indagações e comportam um novo desdobramento das questões aqui apresentadas.

## REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, L. & BESSET, V. Sobre a Repetição e o Novo Como Acontecimento Imprevisto. **Caderno da XI Jornada Clínica da Escola Brasileira de Psicanálise**. Rio de Janeiro : 2000, p. 69 – 72.

ANDRÈS, M. O outro. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 385-387.

ARISTÓTELES. **Physique** [II 197b 18-21]. T. 1 (I-IV) e T. 2 (V-VIII). Texte établi et traduit par Henri Carteron. Paris : Sociéte d'Édition "des Belles Lettres", 1926, 165p. e 192p.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. **Os poderes da palavra. Textos reunidos**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, 412p.

BATAILLE, Laurence. **O umbigo do sonho. Por uma prática da psicanálise**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1988, 126p.

BERLINCK, Manoel Tosta (Org.). **Obsessiva neurose**. São Paulo : Escuta, 2005, 448p.

BERNARDES, Angela C. **Tratar o impossível. A função da fala na psicanálise**. Rio de Janeiro : Garamond, 2003, 184p.

BESSET, Vera Lopes (Org.). **Angústia**. São Paulo : Escuta, 2002, 211p.

\_\_\_\_\_. Quando o desejo é remédio para a angústia: considerações sobre a formação do analista. **Latusa**, n. 6, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. Amor com-paixão, amor compulsão: pequeno ensaio sobre a paixão. In: LUTTERBACH-HÖLCK, A.L. e SOARES, C.E.L.V. (Orgs.). **As paixões do ser:**

**amor, ódio e ignorância. Kalimeros.** Rio de Janeiro : Contra capa Livraria, 1998, p. 187-200.

\_\_\_\_\_. O analista e suas relações com a angústia. **Psicologia em revista.** Belo Horizonte, v. 8, n. 11, 105-110, jun. 2002.

\_\_\_\_\_ & ZANOTTI, S. V. A Enfermidade dos Tabus: do querer gozar ao querer dizer. In: Berlinck, M. (org.) **Neurose Obsessiva.** São Paulo : Escuta, 2004, p. 41-50.

\_\_\_\_\_. Quem tem medo da angústia? **Psychê.** n.5. jun/2000.

BORGES, J. L. **Cinco visões pessoais.** Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1987, 2<sup>a</sup> edição, 53 p.

BROUSSE, Marie-Hélène. A pulsão I. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 115-124.

\_\_\_\_\_. A pulsão II. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 125-133.

CHEMAMA, Roland. Por que Lacan diz que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência? **Tempo Freudiano. Col. O Seminário de Lacan: Travessia. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Maio. Rio de Janeiro : Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, 2002, p. 25-32.

COSENTINO, J.C. **Construcción de los conceptos freudianos.** Buenos Aires : Manantial estudios de psicoanalisis, 1993, 288p.

COTTET, S. **Freud e o desejo do psicanalista.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1989, p. 198.

DAVID, Sérgio Nazar (Org.). **Ainda o amor.** Rio de Janeiro : eduerj, 1999, 187p.

DESCARTES, R. **Meditações**. [1641]. Col. Os Pensadores. São Paulo : Ed. Abril Cultural, 1996, 431p.

DICIONÁRIO AURÉLIO (NOVO). SÉCULO XXI. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999, 2128p.

DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS E PORTUGUÊS-GREGO. Isidro Pereira, S.J. Livraria Apostolado da Imprensa: Braga, 1990.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ESPAÑOL E ESPAÑOL-PORTUGUÊS. David Ortega Caveró. Barcelona : Editorial Ramon Sopena, S.A., 1977, 1622p.

DOUMIT, E. Alienação. In: KAUFMANN, P. (ed.). **Dicionário enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 20-25.

FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (Orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997, 283p.

FINK, B. A causa real da repetição. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 239-245.

FRANCO, S.G. Pensando a neurose obsessiva a partir de "Atos obsessivos e práticas religiosas" de Freud. In: **Obsessiva neurose**. BERLINK (Org.) Editora Escuta, São Paulo, 2005.

FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: *Amorrortu*, 1985. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Gesammelte Werke**. Fischer : Frankfurt am Main, 1999.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro : Imago, 1980.

\_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica** (1950 [1895]). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 381-511.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a histeria** (1893-95). Id. Vol. II. 1980, p. 43-369.

\_\_\_\_\_. **Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa** (1896). Id. Vol. III. 1980, p. 187-216.

\_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos** (1900). Id. Vol. IV e V. 1980, p. 1-295 e 361-752.

\_\_\_\_\_. **Fragmento da análise de um caso de histeria** (1905a [1901]). Id. Vol. VII. 1980, 5-128.

\_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905b). Id. Vol. VII. 1980, p. 129-250.

\_\_\_\_\_. **Os chistes e sua relação com o inconsciente** (1905c). Id. Vol. VIII. 1980, p. 267-275.

\_\_\_\_\_. **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância** (1910a). Id. Vol. XI. 1980, p. 59-126.

\_\_\_\_\_. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (1910b). Id. Vol. XI. 1980, p. 149-162.

\_\_\_\_\_. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor** (1912a). Id. Vol. XI. 1980, p. 163-178.

- \_\_\_\_\_. **A dinâmica da transferência.** (1912b). Id. Vol. XII. 1980, p. 131-146.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)** (1913a). Id. Vol. XII. 1980, p. 163-187.
- \_\_\_\_\_. **A disposição à neurose obsessiva** (1913b). Id. Vol. XII. 1980, p. 399-414.
- \_\_\_\_\_. **Totem e tabu** (1913c[1912-1913]). Id. Vol. XIII. 1980, p. 17-192.
- \_\_\_\_\_. **O interesse científico da psicanálise** (1913d). Id. Vol. XIII. 1980, p. 199-229.
- \_\_\_\_\_. **Recordar, repetir e elaborar** (1914a). Id. Vol. XII. 1980, p. 193-207.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o narcisismo: uma introdução** (1914b). Id. Vol. XIV. 1980, p. 89-122.
- \_\_\_\_\_. **Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)** (1915a). Id. Vol. XII, p. 207-221.
- \_\_\_\_\_. **Os instintos e suas vicissitudes** (1915b). Id. Vol. XIV. 1980, p. 137-168.
- \_\_\_\_\_. **Repressão** (1915c). Id. Vol. XIV. 1980, p. 169-190.
- \_\_\_\_\_. **O inconsciente** (1915d). Id. Vol. XIV. 1980, p. 191-252.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões para os tempos de guerra e morte** (1915e). Id. Vol. XIV. 1980, p. 311-344.
- \_\_\_\_\_. **Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico** (1916). Id. Vol. XIV. 1980, p.351-380.
- \_\_\_\_\_. **Luto e melancolia** (1917a [1915]). Id. Vol. XIV. 1980, p. 275-292.

\_\_\_\_\_. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (1917b [1916- 1917]). Id. Vol. XV e XVI. 1980, p. 21-288 e 289-557.

\_\_\_\_\_. **O tabu da virgindade.** (1918). Id. Vol. XI. 1980, p. 179-198.

\_\_\_\_\_. **“Uma criança é espancada”:** uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. (1919a). Id. Vol. XVII. 1980, p. 225-258.

\_\_\_\_\_. **O estranho** (1919b). Id. Vol. XVII. 1980, p. 275-314.

\_\_\_\_\_. **Além do princípio do prazer** (1920). Id. Vol. XVIII. 1980, p. 17-90.

\_\_\_\_\_. **Psicologia de grupo e a análise do eu** (1921). Id. Vol. XVIII. 1980, p. 91-184.

\_\_\_\_\_. **O ego e o id** (1923). Id. Vol. XIX. 1980, p. 23-90.

\_\_\_\_\_. **A dissolução do complexo de Édipo** (1924a). Id. Vol. XIX. 1980, p. 217-228.

\_\_\_\_\_. **O problema econômico do masoquismo** (1924b). Id. Vol. XIX. 1980, p. 199-216.

\_\_\_\_\_. **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos** (1925). Id. Vol. XIX. 1980, p. 309-320.

\_\_\_\_\_. **Inibições, sintomas e ansiedade** (1926 [1925]). Id. Vol. XX. 1980, p. 107-198.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização** (1930[1929]). Id. Vol. XXI. 1980, p. 81-178.

\_\_\_\_\_. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (1933 [1932]). Id. Vol. XXII. 1980, p. 15-228.

\_\_\_\_\_. **Análise terminável e interminável** (1937). Id. Vol. XXIII. 1980, p.247-290.

\_\_\_\_\_. **Moisés e o monoteísmo** (1939 [1934-1938]). Id. Vol. XXIII. 1980, p. 16-167.

\_\_\_\_\_. **Esboço de Psicanálise** (1940 [1938]). Id. Vol. XXIII. 1980, p. 168-246.

\_\_\_\_\_. **Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1939**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982, 529p.

\_\_\_\_\_. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro : Imago Editora Ltda, 1986, 503p.

GIROUD, Françoise; BRISSAC, Marie-Pierre de Cossé; LAURENT, Eric; e outros. **Lacan, você conhece?** São Paulo : Cultura Editores Associados, 1993, 190p.

GÖTZ, Dieter; HAENSCH, Günther; WELLMANN, Hans. **Langenscheidts Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache**. Berlin : Langenscheidt, 2001, 1216p.

HERÁCLITO. In: ANAXIMANDRO. **Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito**. Coleção Pensamento humano. Petrópolis : Editora Vozes, 1991, 58-93.

HOLANDA, C.B. **Uma palavra**. Rio de Janeiro : Cia dos Técnicos, 1995. 1 CD (3:00).

IRMEN, F. **Langenscheidts Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache**. Berlin : Langenscheidt, 1988, 1246p.

KAUFMANN, Pierre. Eu. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 178-187.

\_\_\_\_\_. Ideal do Eu. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 255-256.

\_\_\_\_\_. Simbólico. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 474-478.

KERÉNYI, Karl. **Os deuses Gregos.** São Paulo : ed. Cultrix, 1998, 219p.

KRISTEVA, J. e RUDELIC-FERNANDEZ, D. Psicanálise e Lingüística. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 661-670.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1998, 937p.

\_\_\_\_\_. **Escritos e seminários.** Em espanhol. 1985. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 2003, 607.

\_\_\_\_\_. **Televisão.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1993, 89p.

\_\_\_\_\_. **La identificación (1961-1962).** CD. Seminário inédito.

\_\_\_\_\_. **A angústia (1962-1963).** Publicação interna da Associação Freudiana Internacional. 1996, 380p.

\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1993, 336p.

\_\_\_\_\_. **O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-1955.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1987, 413p.

\_\_\_\_\_. **O seminário. Livro 3. As psicoses, 1955-1956.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1988, 366p.

\_\_\_\_\_. **O seminário. Livro 4. A relação de objeto, 1956-1957.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1995, 456p.

\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente, 1957-1958.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1999, 532p.

\_\_\_\_\_. **O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise, 1959-1960.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editora, 1988, 396p.

\_\_\_\_\_. **O seminário. Livro 8. A transferência, 1960-1961.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1992, 386p.

\_\_\_\_\_. **O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos da psicanálise, 1964.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1988, 269 p.

\_\_\_\_\_. **O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise, 1969-1970.** Jorge Zahar editora, Rio de Janeiro, 1992, 208p.

LAIA, Sérgio. Duas formas do real na transferência: *Acting out* e erotomania. **Revista de Psicologia Plural.** Revista da faculdade de ciências humanas - FUMEC. Ano XIII, n. 19-20, p.215-223. Belo Horizonte : FUMEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Um elemento do conjunto Z: a transferência negativa. ORNICAR. **Revue électronique multilingue de psychanalyse publiée a Paris.** Parution hebdomadaire, le vendredi « L'orientation lacanienne du Champ freudien ». N°264, Vendredi 18 Juin 2004. Uqbar@lacanian.net.

LAMBOTTE, M.C. Narcisismo. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 347-356.

\_\_\_\_\_. Estágio do espelho. KAUFMANN, Pierre (ed.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p.157-161.

LAURENT, E. Alienação e separação I. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 31-41.

LAURENT, E. Alienação e separação II . In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 42-57.

LÉGER, C. Que outro é esse então, ao qual sou mais apegado do que a mim mesmo? In: MILLER, Gérard (org.). **Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p.24-44.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES. UFRJ. Org. por Elaine Baptista de Matos Paula et. Al. 3<sup>a</sup> ed. Revista e atualizado e ampliada. Série manual de procedimentos, n. 05. Rio de Janeiro : Sistema de Bibliotecas e Informação - SiBI, 2004, 88p.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904).** Rio de Janeiro : Imago, 1986, 503p.

MILLER, Jacques-Alain. A. Nota sobre a vergonha. In **Opção lacaniana**, n. 38, novembro de 2003.

\_\_\_\_\_. **Lacan elucidado. Palestras no Brasil.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, 608p.

\_\_\_\_\_. **A experiência do real no tratamento analítico.** Seminário de Jacques-Alain Miller 1998-1999. Escola Brasileira de Psicanálise - São Paulo. Tradução para uso interno. 374p.

\_\_\_\_\_. Contexto e conceitos. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 15-28.

\_\_\_\_\_. Conferência introdutória no Hospital Sainte-Anne. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 249-258.

\_\_\_\_\_. **El banquete de los analistas.** Buenos Aires : Paidós, 2000, 428p.

\_\_\_\_\_. **Percorso de Lacan, uma introdução.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1987, 151p.

\_\_\_\_\_. **Logicas de la vida amorosa.** Buenos Aires : Ediciones Manantial, 1991, 141p.

MOREL, Pierre. **Dicionário biográfico psi.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997, 251p.

NICÁCIO, E. **A economia do neurótico obsessivo: evitação do real.** Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, setembro de 2004, Rio de Janeiro, inédito.

PLATÃO. O banquete. **Os Pensadores.** Abril Cultural, 1972, p. 7-59.

POMMIER, Gérard. **O amor ao avesso. Ensaio sobre a transferência em psicanálise.** Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1998, 480p.

PORGE, É. Transferência. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 548-556.

\_\_\_\_\_. Sujeito. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 501-510.

RABINOVICH, D. **La angustia y el deseo del otro.** Buenos Aires : Manantial, 1993, 190p.

\_\_\_\_\_. **El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica. Sus incidencias en la dirección de la cura, I.** Buenos Aires : 1988, 184p.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. **Um certo tipo de mulher. Mulheres obsessivas e seus rituais.** Rio de Janeiro : Rios Ambiciosos, 2001, 124p.

ROSA, J.G. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985, 568p.

SANTOS, Lúcia Grossi. **O conceito de repetição em Freud.** Belo Horizonte : Editora Escuta, Fumec, 2002, 144p.

SEDAT, J. Identificação. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 256-259.

SILVESTRE, M. **Amanhã, a psicanálise.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, 153p.

SILVESTRE, Michel e Daniele. A transferência é amor que se dirige ao saber. In: MILLER, Gérard (org.). **Lacan.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p.92-101.

SOLER, Colette. O sujeito e o Outro I. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 52-57.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o Outro II. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1997, p. 58-67.

SOUZA, E.L. André de. Compulsão à repetição. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 448-453.

VILTARD, M. Amor. In: KAUFMANN, Pierre (ed). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1996, p. 27-35.